

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**VINICIUS MACIEL DE OLIVEIRA**

**2014**

Análise de construções de movimento no português brasileiro

por  
Vinicius Maciel de Oliveira

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2014

Análise de construções de movimento no português brasileiro

Vinicius Maciel de Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

---

Presidente: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia dos Santos Machado Vieira (Faculdade de Letras - UFRJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angélica Terezinha Carmo Rodrigues (FCLAR - UNESP)

---

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (IBILCE - UNESP)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roza Maria Palomanes Ribeiro (ICHS - UFRRJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Braga (Faculdade de Letras - UFRJ)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karen Sampaio Braga Alonso (Faculdade de Letras - UFRJ) - Suplente

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Rodrigues Vieira (Faculdade de Letras - UFRJ) - Suplente

OLIVEIRA, Vinicius Maciel de.

Construções de movimento no português brasileiro / Vinicius Maciel de Oliveira. Rio de Janeiro: UFRJ/CLA/FL, 2013.

xxi, 145f. il.; 31 cm

Orientador: Marcia dos Santos Machado Vieira

Tese (Doutorado) - UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2013.

Referências Bibliográficas: f. 122-131

1. Lexicalização. 2. Gramática das Construções. 3. Predicado com o verbo *ir*. 4. Linguística Centrada no Uso. I. Machado Vieira, Marcia dos Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. Título

## AGRADECIMENTOS

Nas análises desta tese, falo tanto sobre os predicados que são controlados pelo sujeito, ora por um agente externo ao predicado. E, neste momento de render homenagens, afirmo que, sem a colaboração de um grande número de pessoas, eu não "teria controle" sobre este árduo "processo" (movimento mais abstrato) de doutorar-se. É com esse espírito de gratidão que escrevo esta pequena, mas valiosa seção.

Em primeiro lugar, eu nada seria se não houvesse a atuação de um "agente externo", com comprometimento maior que o próprio "agente interno" (eu). Marcia Machado Vieira me mostrou os caminhos ainda extremamente obscuros na época do início do Mestrado e, com suas palavras sábias, firmes e dedicadas, foi clareando o caminho de modo que eu pudesse ver os materiais para fundar minha construção. A essa profissional, em que me espelho para seguir a carreira acadêmica, ofereço minha eterna gratidão. Obrigado por toda a paciência e pelo apoio nos momentos de insegurança. Todos os equívocos que persistirem são de minha inteira responsabilidade.

Em seguida, agradeço à Maria Luíza Braga, uma pessoa mais que especial na minha vida acadêmica. Com aulas brilhantes e sugestões importantes acerca deste projeto, durante o Exame de Qualificação, "Malu" é uma personagem muito decisiva na minha vida. Muito obrigado por tudo.

Agradeço à Mariangela Rios de Oliveira, em função das excelentes recomendações na ocasião do Exame de Qualificação. Sua experiência em gramaticalização de construções me ajudou bastante. Sou grato, também, à sua natureza tão acolhedora experienciada em diversos eventos acadêmicos.

Meus sinceros agradecimentos aos componentes da banca pelo aceite. Saibam que estou bem orgulhoso de ter suas avaliações. Agradeço à Angélica Rodrigues, por ter sido tão inspiradora, com seu trabalho de Doutorado; ao Sebastião Gonçalves, outra grande referência funcionalista, cujos textos sobre gramaticalização me ajudaram demasiadamente; e à Roza Palomanes, importante referencial para a interpretação das construções de movimento causado e resultativas.

Sou extremamente grato aos meus professores de graduação, que, com suas aulas inspiradoras, mostraram como é gostoso trabalhar com a Língua Portuguesa. Na ordem dos "Port's", agradeço a Lana Rego, Aparecida Pinilla, Carlos Alexandre, Célia Lopes, Monica Orsini, Filomena Varejão, Maria Lúcia Leitão e Violeta Rodrigues.

Agradeço aos professores da Pós: Maria Eugenia Duarte, Silvia Cavalcante, Aparecida Lino, Maria Luíza Braga, Vera Paredes, Maria Maura Cezario, Mario Martelotta (In Memoriam) e Celia Lopes. Obrigado pelas valiosas aulas.

Agradeço aos amigos acadêmicos, mas que ultrapassaram as bordas da academia: Giselle Esteves, Alessandra de Paula, Danielle Gomes, Olívia Maia, Luiz Herculano, Cristina Correa, Juliana Marins e muitos outros amigos construídos na UFRJ e que cooperaram, sob alguma medida, com o desenvolvimento desta tese.

A Alessandra de Paula e a Elaine Melo, que se dispuseram a comprar e a arrumar um jeito de enviar a Nova Gramática, lançada recentemente em Portugal, mesmo diante de toda a dificuldade física de conduzir essa "obra de peso". Agradeço, com muita intensidade, a valiosa ajuda de vocês vinda de Portugal.

Aos amigos Raphael Rodrigues, Rodrigo Maia, Vivian Gil, Wellington Costa, por compartilharem momentos tão importantes comigo. Pessoas com quem posso contar para sempre. A Ariel Silvestre ofereço minha gratidão pela disposição tão generosa em imprimir as versões desta tese.

Ofereço um agradecimento especial a Frederico Sidney, pela companhia tão importante nesse processo. Com sua atenção e curiosidade sobre meu trabalho, acabou aprendendo um pouco de linguística.

Por fim, e não menos importante, agradeço à minha família. Meus irmãos Leonardo e Lucas, minha tia Sonia (tão especial), minha tia Vanda, que, com seus papos super descontraídos, me fez perceber que a vida é muito mais do que achamos que é. À minha avó Ceci e à minha tia Carla, que mesmo mesmo muito distantes nunca deixaram de torcer por mim. Um agradecimento especial ao meu pai (Jorge Vitor de Oliveira), que infelizmente não está mais entre nós, mas teria muito orgulho de tudo que construí nessa vida profissional.

Obrigado a todos!

Ao contrário da relação excludente que existe entre razão e emoção, acredito que sem esta não há ciência, ao passo que o suporte emocional que governa todo o andamento da jornada científica é tão essencial quanto a descoberta acadêmica. Com esse espírito, dedico esta tese a minha mãe **Suely Montanha Maciel de Oliveira** e a minha avó **Maria Jovelice Montanha Maciel**, às quais serei eternamente grato.





## RESUMO

Objetivo desta tese é o de analisar construções de movimento do português que se estruturam em torno do verbo *ir*. Com base na hipótese de que esse verbo forma com o complemento preposicionado e o sujeito uma construção gramatical, tal como propõe Goldberg (1995), investigam-se (i) as propriedades morfossintáticas e semânticas que envolvem toda a construção e os elementos que dela participam; (ii) a relação entre as instâncias de uso, ou contextos de uso, e a emergência de construções com *ir*, de modo que se demonstre que a construção analisada é uma instanciação de uma construção maior de movimento; (iii) os processos semânticos, identificados neste estudo como metaforização e metonimização, que permitem observar graus distintos de extensão semântica dos elementos constituintes da construção; e (iv) o nível de fusão entre os itens da construção, para que se verifiquem diferentes tons de lexicalidade.

Para a descrição das propriedades morfossintáticas e semânticas, verificam-se aspectos sobre o sujeito, como animacidade e controle, sobre a preposição, buscando-se estabelecer diferenças, sobretudo semânticas, entre o uso de *a*, *para* e *em*, sobre o sintagma nominal projetado pela preposição, pautando-se num *continuum* que vai de locativos prototípicos, como *casa*, *fazenda* até elementos que não fazem referência, sequer indireta, a locativos, como é o caso dos itens *loucura* e *falência* e sobre o próprio verbo *ir*, que será analisado tendo em vistas suas flexões, seus usos em contextos de movimento bem genérico e em contextos de processos recorrentes que, segundo Bybee (2010), se tornam hábitos.

Para a explicação da emergência de construções de movimento com *ir*, buscam-se orientações em Goldberg (1995) sobre o conceito de construção gramatical e como processos de ordem cognitiva podem levar a tal emergência. Avalia-se, também, a pertinência dos pressupostos de Bybee (2010) e de Dik (1997), acerca de contextos discursivos. A primeira colabora teoricamente, no que concerne ao já citado de unidades pré-fabricadas, cujo conceito dialoga, sobremaneira, com o de idiomacidade. O segundo autor fundamenta esta tese no que diz respeito às definições de predicado e predicação.

Sob a hipótese de que *ir* não sofre os efeitos do processo de gramaticalização por inteiro, já que não é possível descrever tal item verbal sob a concepção de um *cline* Léxico > Gramática, a pesquisa busca evidências para demonstrar que esse verbo passa por estágios iniciais de gramaticalização, nos quais se observa processos de extensão semântica que caminham para uma subjetivação/abstratividade.

Com a finalidade de testar níveis distintos de lexicalidade, a partir da observação do grau de fusão entre os itens da construção, recorre-se a fontes como Brinton e Traugott (2005), sobre os princípios fundamentais da lexicalização e as propriedades que fazem jus a uma abordagem em interface à gramaticalização; e Zuluaga (1975) e Esteves (2012), acerca de parâmetros de checagem de uma estrutura lexicalizada.

Diante dessas análises empreendidas, percebe-se a participação de *ir* em uma construção de movimento que decodifica eventos gerais e costumeiros, o que pode gerar o desgaste específico da construção e fazendo com que ela se associe a contextos bem abrangentes. Por ser um verbo de orientação dêitica, como define Vilela (1992), as construções analisadas sempre exibirão um movimento de aproximação ao espaço, físico ou não, do interlocutor. O grau de referencialidade desses movimentos sofrem interferências, de acordo com os níveis de expansão semântica e de fusão entre os integrantes da construção.

## ABSTRACT

Objective of this thesis is to analyze the motion of Portuguese constructions that are structured around the verb to go. Based on the hypothesis that this verb form with the subject and the prepositional complement a grammatical construction, as proposed by Goldberg (1995), we investigate whether (i) the morphosyntactic and semantic properties that involve the entire construction and the elements that participate in it; (ii) the relationship between instances of use, or contexts of use, and the emergence of constructions with verb to go, so it can be demonstrated that the construction is considered an instantiation of a larger movement construction, (iii) the semantic, identified processes this study as metaphors and metonymy, which you can see different degrees of semantic extension of the constituent elements of the building, and (iv) the level of fusion between the items in the building to check that different shades of lexicality.

For the description of morphosyntactic and semantic properties, there are aspects of the subject, such as animacy and control over, the preposition, trying to establish differences, particularly semantic, between using a to and on the noun phrase designed by the preposition, is guided into a continuum of prototypical locative like "home", "farm" to elements that do not refer, even indirectly, the locative, as in the case of madness and bankruptcy items and go on a verb, to be considered having seen their inflections, their uses in contexts of very general and motion in the context of recurring processes that, according to Bybee (2010), become habits.

To explain the emergence of constructions with motion going, are sought guidance in Goldberg (1995) on the concept of grammatical construction and how these cognitive processes can lead to such an emergency. Also assesses the appropriateness of the assumptions of Bybee (2010) and Dik (1997), about discursive contexts. The first theoretically collaborates with respect to the aforementioned pre-fabricated units, whose concept dialogues, greatly, with the idiomaticity. The second author bases this argument with regard to the definitions of predicate and predication.

Under the assumption that go does not suffer the effects of grammaticalization entire process, since it is not possible to describe such verbal item in the design of a Lexicon > Grammar cline the research seeks evidence to show that the verb goes through the early stages of grammaticalization, in which the semantic extension processes that evolve to a subjectivity / abstractness is observed.

In order to test different levels of lexicality, from observation of the degree of fusion between the items of construction we resort to sources such as Brinton and Traugott (2005), on fundamental principles of lexicalization and properties that are entitled to an approach to grammaticalization interface, and Zuluaga (1975) and Esteves (2012) concerning parameters of checking a lexicalized structure.

Given these analyzes undertaken, we see the participation of going on a movement building that decodes general and customary events, which can generate the specific construction and wear causing it to associate with very comprehensive contexts. Being a verb deictic orientation, as defined by Vilela (1992), analyzed the constructions will always display a movement approach to space, physical or not the caller. The degree of referentiality of these movements suffer interference, according to the levels of semantic expansion and fusion of the members of the construction.

## RESUMEN

Objetivo de esta tesis es analizar construcciones del movimiento en portugués, que se estructuran en torno a la verbo *ir*. Sobre la base de la hipótesis de que esta forma del verbo con el sujeto y el complemento preposicional una construcción gramatical, según lo propuesto por Goldberg ( 1995 ), que investigará si (i) las propiedades morfosintácticas y semánticas que involucran a toda la construcción y los elementos que participan en ella ; (ii) la relación entre los casos de uso, o contextos de uso, y la aparición de construcciones con *ir*, por lo que se puede demostrar que el construcción es considerado una creación de instancias de un construcción de movimiento más amplio, (iii) los procesos identificados semánticas este estudio como metáforas y metonimia, que se pueden observar diferentes grados de extensión semántica de los elementos constitutivos de la construcción, y (iv) el nivel de fusión entre los elementos del edificio para comprobar que los diferentes tonos de lexicality .

Para la descripción de las propiedades morfosintácticas y semánticas, hay aspectos de la materia, como lo animado y control sobre, la preposición, tratando de establecer diferencias, sobre todo semántica, entre usar un *em* en el sintagma nominal diseñada por la preposición, es guiado en un continuo que va desde locativa prototípica como el hogar, la granja de los elementos que no se refieren, ni siquiera indirectamente, el locativo, como en el caso de la locura y de la quiebra artículos e *ir* en un verbo, a tener en cuenta después de haber visto sus inflexiones , sus usos en contextos de carácter muy general y el movimiento en el contexto de los procesos recurrentes que, según Bybee ( 2010 ) , se convierten en hábitos.

Para explicar la aparición de construcciones de movimiento con *ir*, se buscan orientación en Goldberg (1995) sobre el concepto de la construcción gramatical y cómo estos procesos cognitivos pueden llevar a tal emergencia. También se evalúa la idoneidad de los supuestos de Bybee (2010) y Dik (1997), acerca de los contextos discursivos. La primera colabora teóricamente con respecto a las unidades prefabricadas antes mencionados, cuyo concepto diálogos , en gran medida, con la idiomatidad. El segundo autor basa su argumento en lo que respecta a las definiciones de predicado y predicación.

Bajo el supuesto de que no van a sufrir los efectos de toda la gramaticalización proceso, ya que no es posible describir como elemento verbal en el diseño de un Lexicon > Gramática Cline la investigación busca pruebas para demostrar que el verbo pasa a través de las primeras etapas de gramaticalización, en el que se observan los procesos de extensión semántica que evolucionan a una subjetividad / abstracción.

Con el fin de probar diferentes niveles de lexicality, de la observación del grado de fusión entre los elementos de la construcción se recurre a fuentes como Brinton y Traugott ( 2005 ), sobre los principios fundamentales de la lexicalización y propiedades que tienen derecho a un enfoque de la interfaz de gramaticalización , y Zuluaga ( 1975 ) y Esteves ( 2012 ) relativa a los parámetros de control de una estructura lexicalizada .

Teniendo en cuenta estos análisis realizados, vemos la participación de *ir* en una construcción de movimientos que decodifica los eventos generales y habituales, que pueden generar la construcción específica y desgaste haciendo que se asocia con contextos muy amplios. Siendo una orientación deíctico verbo, tal como se define por Vilela ( 1992 ), analizan las construcciones siempre mostrarán un enfoque de movimiento al espacio, física o no la persona que llama. El grado de referencialidad de estos movimientos sufren interferencias, de acuerdo con los niveles de expansión semántica y la fusión de los miembros de la construcción.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I: LINGUÍSTICA CENTRADA NO USO</b> .....	8
Introdução.....	8
1. Princípios e categorias analíticas.....	9
2. Abordagem de conceitos à luz da LCU.....	14
2.1 Expressões idiomáticas.....	14
2.2 Predicado e predicação.....	16
2.3 Categorização de eventos.....	20
2.4 Categorização linguística.....	23
3. Mudança linguística.....	27
3.1 Gramaticalização e Lexicalização.....	29
3.2 Metaforização e metonimização.....	34
4. Gramática das Construções.....	37
5. Síntese.....	43
<b>CAPÍTULO II: METODOLOGIA</b> .....	43
Introdução.....	43
1. Descrição da fontes dos dados.....	43
2. Métodos de coleta de dados.....	47
2.1 Triagem dos dados de acordo com a análise empreendida.....	49
3. Hipóteses de tratamento.....	53
4. Síntese.....	55
<b>CAPÍTULO III: PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES EM FOCO</b> .....	56
Introdução.....	56
1. Características do sujeito.....	57
1.1 Animacidade.....	57
1.2 Controle.....	63
2. Características do sintagma nominal.....	64

3. O impacto semântico da variação da preposição.....	68
4. Características do predador.....	71
5. Construção de movimento intransitivo.....	73
6. Construção de movimento causado.....	81
7. Síntese.....	91
<b>CAPÍTULO IV: EXPANSÃO DE USOS POR PROCESSOS SEMÂNTICOS E POR LEXICALIZAÇÃO.....</b>	<b>92</b>
Introdução.....	92
1. O processo de lexicalização.....	93
1.1 Parâmetros de identificação de diferentes níveis de lexicalidade.....	93
1.1.1 Extensão semântica e dessemantização.....	95
1.1.2 Possibilidade de mobilidade do sintagma preposicionado....	98
1.1.3 Possibilidade de inserção de elementos na estrutura.....	101
1.1.4 Possibilidade de substituição do sintagma preposicionado...	105
1.1.5 Possibilidade de substituição de toda a construção por um predador simples correspondente.....	108
1.2 Graus de lexicalidade.....	111
2. Síntese.....	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>122</b>

## LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELA

<b><u>Figura 1:</u> Modelo de estrutura de cláusula (DIK, 1997, v.1, p. 50).....</b>	<b>19</b>
<b><u>Figura 2:</u> Esquema da construção de movimento causado (GOLDBERG, 1995, p. 160).....</b>	<b>39</b>
<b><u>Figura 3:</u> Hierarquia dos parâmetros de lexicalização.....</b>	<b>114</b>
<b><u>Quadro 1:</u> Tipologia dos estados de coisas.....</b>	
<b><u>Quadro 2:</u> Paralelos entre lexicalização e gramaticalização (BRINTON &amp; TRAUGOTT, 2005, p. 110).....</b>	<b>22</b>
<b><u>Quadro 3:</u> Quantidade de dados coletados por acervo consultado.....</b>	<b>32</b>
<b><u>Quadro 4:</u> Relação entre tipos de conceitos e graus de abstratização.....</b>	<b>46</b>
<b><u>Quadro 4:</u> Relação entre tipos de conceitos e graus de abstratização.....</b>	<b>64</b>
<b><u>Tabela 1:</u> Número total de ocorrências distribuído pelos tipos de construção identificados.....</b>	
<b><u>Tabela 2:</u> Distribuição dos dados de acordo com a animacidade do sujeito...</b>	<b>62</b>
<b><u>Tabela 3:</u> Distribuição dos dados de acordo com o grau de abstratização do nome.....</b>	<b>63</b>
<b><u>Tabela 4:</u> Distribuição do número de ocorrências, em função do tipo da preposição.....</b>	<b>67</b>
<b><u>Tabela 5:</u> Número total de construções de movimento causado distribuído pela natureza semântica do não controle.....</b>	<b>68</b>
<b><u>Tabela 6:</u> Quantitativo de construções em função do (não) favorecimento à lexicalização.....</b>	<b>84</b>
<b><u>Tabela 7:</u> Atuação dos parâmetros de forma conjunta.....</b>	<b>112</b>
<b><u>Tabela 7:</u> Atuação dos parâmetros de forma conjunta.....</b>	<b>113</b>

---

# INTRODUÇÃO

---

O estudo do processo de gramaticalização vem ganhando, nos últimos tempos, moldes de uma perspectiva mais direcionada ao papel das construções linguísticas para a caracterização desse fenômeno de mudança. Esse recente encaminhamento, aos poucos, toma lugar da abordagem que foi mais comum, nos idos do século XX, desde Meillet (1912) a propostas mais recentes, mas que ainda guardavam um comprometimento com o comportamento de itens isolados que passam de uma categoria mais lexical para uma mais gramatical. Partindo-se do pressuposto de que um determinado elemento linguístico só se gramaticaliza por pertencer a um ambiente construcional propício ao fenômeno (Traugott, 2003/2009; Noël, 2007), esta tese tem como objetivo geral contribuir para uma descrição de estruturas com verbos que, ao interagirem sintática e semanticamente com o complemento interno e

pragmaticamente com instâncias de usos, formam, em diferentes graus, construções gramaticais, tal como entende Goldberg (1995/2006).

Mais especificamente, este texto, com base em dados do português brasileiro, busca analisar e descrever esquemas sintáticos formados pelo verbo *ir*, na condição de elemento predicador, associado a um constituinte não verbal localizado, prototipicamente, à direita da predicação. Tal constituinte basicamente consiste num sintagma preposicionado. Esses esquemas estão exemplificados a seguir.

(1): “Trulli- Tocado por Montoya, acabou indo mais cedo para o chuveiro.” (Opinião, Extra, 30/08/04, “Azar é o deles”)

(2): “Os espanhóis foram às ruas, em massa, contra a guerra muito antes.” (Cartas, JB, 28/03/04, “Terrorismo”)

(3): “Hoje é dia de escrever uma nova página da História do Brasil. Mais de 100 milhões de brasileiros vão às urnas eleger o presidente da República.” (Editoriais, JB, 27/10/02, “A Rosa do Povo”)

(4): “Aí depois- depois que ele morreu... dele ter ido pro céu, [aí-] aí apareceu um montão de capetinha assim, levou ele e levou ele pro inferno.” (PEUL, Amostra Censo, T05And)

(5): “Quem vai mesmo pagar a conta são as pequenas empresas fornecedoras de serviços e de produtos semimanufaturados, que, por sua vez, precisam reapertar seus orçamentos para sobreviver. Com isso, sobra para o consumidor final e os operários, que vão para a rua, por conta de mais um ajuste fiscal para cobrir o rombo dos cofres públicos.” (Cartas, JB, 27/02/04, “Desemprego”)

(6): “(...) a aluna subiu as escadas e foi para sala de aula...” (D&G – depoimentos escritos –, Ensino Médio, Narrativa recontada, Inf. 21)



(7): “Bem fez o presidente Lula, que, em seu encontro com o colega, americano George W.Bush, exigiu melhor tratamento para os brasileiros que vão aos Estados Unidos.” (Editoriais, Povo, 15/01/04, “Excesso de hospitalidade”)

A especificação funcional a que ir se submete nas conhecidas expressões de futuro, como “Amanhã vai chover”, está amplamente documentada em teses de Doutorado, dissertações de Mestrado, artigos científicos e capítulos de livros (cf. Johnen, 1999; Gibbon, 2000; Coelho, 2006; Oliveira, 2006; Bragança, 2008; entre outros trabalhos). Nos casos arrolados nos exemplos de (1) a (5), no entanto, ir, aparentemente funcionando como verbo predicador, categoria lexical mais básica dos verbos, parece formar com o S<sub>PREP</sub> uma espécie de unidade compósita, que veicula uma expressão semântica resultante da vinculação do item verbal ao S<sub>PREP</sub>.

Nos exemplos (6) e (7), percebem-se predicções bem próximas daquelas em que há um núcleo lexical, ainda que este último enunciado exiba um predicado que denote recorrência ou ritualização (BYBEE, 2010). De um modo geral, vê-se, nesses exemplos, um sintagma nominal com função sintática de sujeito e função semântica de agente, “a aluna”, em (6) e “os brasileiros”, em (7), que se desloca concretamente a um locativo, “sala de aula” e “Estados Unidos”, respectivamente. A consideração por predicções que, aparentemente, não exibem grau de lexicalização, como se observa nos exemplos (6) e (7), mostra que, é intenção da pesquisa, também, o trabalho com as estruturas mais básicas com o verbo predicador ir, já que, segundo Goldberg (1995), numa análise do tipo Top-Down, da pragmática para a sintaxe, por exemplo, não se podem desconsiderar nem as estruturas concebidas como mais básicas, uma vez que elas também são instanciações de um padrão construcional.

A pesquisa respalda-se na relação entre uso linguístico e emergência gramatical desencadeada ora pela repetição ritualizada/convencionalizada que, segundo Bybee (2010), pode gerar a perda de composicionalidade e analisabilidade, ora pela influência de aspectos menos linguísticos, tais como a cultura. Nessa linha de abordagem, Goldberg (1995/2006) propõe que as construções linguísticas licenciam os itens que as compõem, fato esse que permitiu a Traugott (2003) perceber a relevância do fator construcional para a gramaticalização, que passa a ser considerada um processo atuante dentro das restrições de determinado padrão construcional.

No que tange à compreensão de gramaticalização, reconhece-se que é possível abordar tal processo numa perspectiva de interface com a lexicalização, da maneira que Brinton & Traugott (2006) assumem. Os autores mostram que há muitas características em comum entre ambos os processos e que categorias lexicais e gramaticais podem ser dispostas numa escala gradiente em que há compartilhamento de propriedades, como gradualidade e unidirecionalidade, e contraste de outras, como produtividade e frequência, por exemplo.

Uma das hipóteses desta tese é de que *ir*, para se adequar às restrições da construção de que participa, sofre os efeitos iniciais do processo de gramaticalização, passando por um processo de extensão semântica, mas não se enquadra no *continuum* clássico de gramaticalização item lexical > item gramatical, já que o verbo parece não assumir uma função gramatical.

Considerando-se que as construções analisadas neste trabalho exibem um verbo que projeta um argumento, o que pode resultar numa situação semântica influenciada por aspectos discursivos, o tema desta pesquisa sublinha a interface entre sintaxe, semântica e pragmática, ainda que esta última não seja apreciada

num mesmo nível das outras por alguns autores, no que diz respeito à composição gramatical de uma língua (v. discussão acerca das diferenças e semelhanças entre gramaticalização e discursivização, em OLIVEIRA, 2009, p. 80 - 84). Na proposta de Goldberg (1995), por exemplo, não há fronteira estrita entre semântica e pragmática, já que, segundo a autora, funções prototipicamente pragmáticas, tais como focalização e topicalização, são descritas num mesmo nível de funções conhecidas tradicionalmente como semânticas (papéis temáticos, por exemplo).

Esta pesquisa trabalha com a conjugação das propriedades que regem as instâncias de uso e a emergência de construções linguísticas. Por essa ótica, julga-se pertinente a verificação de características vinculadas à interação comunicativa (DIK, 1997). Assim, busca-se, por meio da observação de categorias mais pragmáticas, mais respostas, além daquelas obtidas em função de descrições morfossintáticas e semânticas, para o comportamento das estruturas analisadas na tese.

Como objetivos mais específicos desta tese, destacam-se os seguintes:

- (a) Analisar as propriedades morfossintáticas e semânticas das construções em foco, assim como descrever o comportamento destas em relação às instâncias de uso em que ocorrem, buscando-se perceber o papel dos fatores pragmáticos para a emergência dessas construções linguísticas. Para tanto, avaliam-se (i) as características semânticas do sujeito, como animacidade e controle; (ii) os aspectos acerca do sintagma nominal na função de locativo, como; e (iii) as especificidades da preposição. Além de uma descrição morfossintática e semântica, a pesquisa tem a finalidade de explicar a função que as construções com *ir* têm no discurso.

- (b) Submeter os dados à análise dos processos de metaforização e metonimização, para que se captem e se expliquem diferentes extensões semânticas. Com essa análise, objetiva-se obter informações para que aspectos de lexicalização da estrutura analisada sejam avaliados. Desse modo, testa-se, por meio de critérios de lexicalização, o grau de fusão entre os componentes da construção. Por se tratar de um fenômeno sincrônico, os resultados obtidos com esta etapa levam a diferentes níveis de lexicalidade.
- (c) A partir das investigações empreendidas na etapa anterior, busca-se estabelecer o estatuto categorial da construção em foco, analisando a categoria a que cada um dos elementos pode ser associado. Em outras palavras, essa etapa objetiva discutir se *ir* pode ser considerado em elemento auxiliar e se os outros elementos da construção são afetados por processos que promovem suas renovações categoriais.

Este texto compreende, além desta introdução e das considerações finais, mais quatro capítulos, que se distribuem conforme as descrições a seguir.

No capítulo um, descrevem-se os fundamentos teóricos em que se baseia a tese. Assim, discutem-se (i) os pressupostos da Linguística Centrada no Uso, focalizando-se as perspectivas que se pretendem adotar; (ii) os conceitos de categorização linguística (TAYLOR, 1995), de predicado e predicação e de categorização de eventos (DIK, 1997); (iii) os processos de mudança semântica que afetam determinados itens e construções, na perspectiva de Traugott & Dasher (2005) sobre metaforização e metonimização; e (iii) a visão de Goldberg (1995/2006) a respeito da noção de “construção gramatical”.

No segundo capítulo, apresentam-se os *corpora* nos quais se pautam esta pesquisa, os métodos usados para a coleta de dados e as hipóteses acerca das análises.

No capítulo subsequente, analisa-se a construção em foco, de acordo com as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. No capítulo precedente, investigam-se os dados, sob as condições dos processos de metaforização, metonimização e lexicalização. Num primeiro momento, caracterizam-se aspectos gerais das construções que levam a mudança interna, ou seja, analisam-se os enunciados numa visão Top-Down, com foco na mudança semântica. A seguir, aplicam-se, às construções, parâmetros de lexicalização.

Para simplificar as inúmeras citações da construção com a qual se pretende trabalhar, usa-se, para tal referência, a notação *ir* [para, a, em] SN, de modo que os colchetes indicam as preposições concebidas para tal posição. Em predicções com *ir*, um sintagma adverbial é possível na posição de complemento interno, mas por razões que serão justificadas no capítulo sobre metodologia, esse tipo de sintagma não foi considerado na coleta de dados.

Ao final de cada capítulo, apresenta-se um resumo das informações mais relevantes, as possíveis conclusões e uma preparação para o capítulo seguinte.

---

# CAPÍTULO I

---

## LINGUÍSTICA CENTRADA NO USO

---

### **Introdução**

Este capítulo limita o campo teórico sobre o qual esta tese se funda. O quadro teórico que será delineado conjuga (i) fundamentos gerais da Linguística Centrada no Uso (LCU), cuja propriedade básica consiste na interface entre funcionalismo e aspectos cognitivos; (ii) orientações acerca da mudança linguística impulsionada por esses aspectos cognitivo-funcionais, o que permite uma adequação dos pressupostos sobre os processos de metaforização, metonimização e lexicalização aos dados da tese; e (iii) o conceito de Construção Gramatical para a interpretação dos enunciados.

Esta pesquisa engloba, além das características mais gerais que regem a configuração de um sistema cuja base é a relação entre instâncias/situações de uso e a emergência de construções gramaticais (BARLOW & KEMMER, 2000; BYBEE,

2010, GOLDBERG, 1995; BRINTON & TRAUGOTT, 2005), os conceitos sobre a categorização de eventos, o que possibilita uma tipologia de predicados e dos constituintes a eles vinculados (DIK, 1997), além da noção de categorização linguística discutida por Taylor (1995).

## **1. Princípios e categorias de análise**

Propostas funcionalistas, as mais variadas em termos epistêmicos e metodológicos, desenvolveram-se no decorrer do século XX primando, em linhas gerais, pela relação inseparável entre estrutura linguística e aspectos relacionados ao contexto de uso, fato esse que se opõe a ideia de autonomia do sistema linguístico, preconizada pelo gerativismo. Uma dada forma linguística não tem significado inerente, mas oferece indícios para o contexto, que será o responsável para ativar o sentido mais adequado conforme a situação comunicativa. Com efeito, análises que buscam traçar algum tipo de comportamento linguístico devem envolver o papel do usuário, já que é ele o responsável pela produção e pela interpretação das formas linguísticas e, por assim se considerar, é imprescindível a articulação entre fatores mais cognitivos, que envolvem propriedades subjacentes à estrutura linguística, aos usos efetivados pelos usuários em situações reais de comunicação.

Com base nessa importância do usuário, percebe-se que a Linguística Funcional se vale muito da Linguística Cognitiva no que concerne a como os usuários fabricam e constroem significados. A expressão “modelo baseado no uso” (usage-based model) foi cunhada por Langacker (1987), numa tentativa de apresentar as fundações de uma Gramática Cognitiva. O autor centra sua atenção

aos usos reais de um sistema linguístico e ao conhecimento de um dado falante sobre esse uso.

Langacker (1987) mostra que uma gramática deve ser baseada numa relação entre capacidades linguísticas e outras não linguísticas que abarquem questões como perspectivação e domínios de experiência humana. Tomasello (2003) deriva tal definição, afirmando que “a dimensão gramatical da língua é um produto de um grupo de processos históricos e ontogenéticos ” (TOMASELLO, 2003, p. 5), o que possibilita perceber que a história social de uma dada comunidade, assim como aspectos de sua cultura aliados ao fenômeno da frequência ritualizada, assinalada por Bybee (2003), provocam a emergência das construções linguísticas.

Barlow & Kemmer (2000) analisam uma série de propriedades necessárias, em maior ou menor grau, a estudos que se propõem a abordar fenômenos linguísticos com base em modelos centrados no uso.

De acordo com os autores, para um estudo dessa natureza, é necessária a relação estreita entre as estruturas linguísticas e as instâncias de uso. Isso significa que o sistema linguístico do interlocutor é um resultado das instâncias ativadas pelo locutor aliadas à compreensão linguística. Dessa forma, percebe-se que o sistema se molda a partir de instâncias de uso, de maneira que determinados eventos instanciam estruturas previstas a partir das experiências dos usuários para modelar tal sistema. É importante ressaltar que existe uma estrutura cíclica nesse modelo, pois os eventos estruturam um sistema linguístico, ao passo que este se renova para ser permitido em outras instâncias de uso.

Outra observação importante e muito estimada pelas abordagens funcionalistas é a necessidade da utilização de dados linguísticos reais e não apenas inventados,



por meio de intuições do pesquisador. Para Barlow & Kemmer (2000), se a proposta é a de desenvolver um modelo que invista na relação entre uso e sistema linguístico, nada mais do que importante a apreensão de produções linguísticas reais vinculadas a eventos possíveis e concretos.

Para os autores, é necessário vincular a noção de uso aos conceitos de variação e mudança. Nesse entendimento, as variantes linguísticas são consideradas alternativas permitidas pela rede das estruturas da língua e são utilizadas não apenas sob as restrições internas, como também, as externas vinculadas às instâncias de uso.

Os linguistas também focalizam a ideia de que os conceitos de compreensão e produção devem ser tratados de maneira integrada ao sistema linguístico. Entendendo-se que as instâncias de uso conduzem a estruturação e o funcionamento do sistema, não é possível, segundo os autores, a separação entre competência e desempenho, pois o que o falante produz integra sua compreensão de língua. Barlow & Kemmer (2000) ainda sublinham o fato de a compreensão e produção serem tratadas em foco, no que diz respeito à aquisição de um sistema linguístico. Numa perspectiva baseada no uso, o estímulo, considerado no gerativismo como um *input* externo que levará o indivíduo a selecionar os parâmetros dentro dos princípios de sua Gramática Universal, é integrado ao modelo com importância crucial para o desenvolvimento do sistema linguístico daquele que está adquirindo uma língua.

Uma das ideias básicas das abordagens centradas no uso é a noção de que as estruturas linguísticas são emergentes e, por assim ser, rejeita-se a proposta de que existe um compartimento no cérebro em que tais estruturas são armazenadas e são postas em uso a partir determinados procedimentos operacionais. Dessa forma, as

informações são processadas por meio de associações entre diferentes áreas da cognição humana.

Barlow & Kemmer (2000), assim como Bybee (2003), comentam sobre o papel da frequência para o sistema linguístico. Ela é importante na medida em que molda um sistema, podendo causar mudanças e, por outro lado, manutenção de construções. Segundo os autores, a repetição frequente é resultado de fixações de regras que se tornaram hábitos para os falantes, aos moldes do que Tomasello (2003) chama de “um produto de um grupo de processos históricos e ontogenéticos” (op. cit.).

Seguindo essa linha acerca do papel da frequência, conforme aponta Bybee (2003), a repetição de uma construção pode provocar (i) enfraquecimento semântico, (ii) mudanças fonético-fonológicas, como redução e fusão; (iii) autonomia de uma construção, de modo que os itens que a estruturam percam seu significado isolado; e (iv) a perda de transparência semântica entre a construção gramaticalizada e seus correspondentes lexicais. A partir dessas propriedades, a autora sugere que níveis baixos de repetição levam apenas à convencionalização, níveis maiores podem levar ao estabelecimento de uma nova construção com suas próprias categorias e níveis de frequência muito altos levam à gramaticalização de novas construções e ao desenvolvimento de morfemas gramaticais.

Considerando-se tais consequências motivadas pela frequência, Bybee (2003) indica que há um efeito conservador, atuando sobre elementos frequentes, e um efeito de autonomia, incidindo sobre formas complexas, ou estruturas elaboradas morfossintaticamente, fazendo com que a estrutura se torne independente das formas que a compõem. Esse último efeito é especialmente relevante ao que se compreende por Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995), uma vez que a

repetição frequente e ritualizada de uma dada estrutura permite, segundo Traugott & Trousdale (2013), a construcionalização de uma instância de uso, que licenciara os itens que poderão estruturar tal construção gramatical.

A proposta de Goldberg (1995) é de ordem mais cognitivista, já que o conceito de construção gramatical se vincula à apreensão de experiências do usuário em forma de sequências sintáticas. Tal abordagem é revisitada e concebida por autores como Traugott (2003), que busca explicar o fenômeno da gramaticalização a partir das restrições construcionais. Percebe-se, com isso, uma perspectiva mais funcionalista aliada a uma mais cognitivista e esta conjugação pretende ser o espírito de análises deste trabalho. A fundamentação em que esta tese se sustenta procura formular um quadro no qual seja possível propor análises que mostrem a importância das instâncias de uso (i) para a apreensão de construções com o predicador *ir*, assim como para (ii) a adaptação dos elementos que integram os padrões sintáticos observados nesta pesquisa, no que concerne aos efeitos da gramaticalização e da lexicalização.

Diante dessas considerações acerca das propriedades que regem um modelo cognitivo-funcional, ou uma perspectiva baseada no uso, um problema parece incomodar aqueles que, dessa abordagem procuram se valer. Noël (2007) comenta que, embora todas as propostas relevem a incorporação da referência contextual, tal procedimento é realizado com pouca sistematicidade e rigorosidade. Para Traugott (2009), o conceito de contexto, ainda que muito difundido nas propostas funcionalistas, é bastante vago e não aponta para um método específico que permita aos pesquisadores deslindar de maneira cabal um fenômeno linguístico, sob a consideração da referência contextual. Nesse sentido, cabe ao linguista restringir tal conceito de modo que, nele, caibam, os objetivos e as hipóteses de trabalho.

Por isso, nesta investigação, o recorte é feito em relação à perspectiva construcional (GOLDEBERG, 1995/2006). Instâncias de usos, ou contextos, serão compreendidos como esquemas abstratos a partir dos quais emergem as construções gramaticais. Tais esquemas consistem em processos e atividades/eventos do cotidiano humano, como, por exemplo, alguém se movimentando até um dado lugar, corporificados em unidades construcionais com forma e sentido.

## **2. Abordagem de conceitos à luz da LCU**

Nas próximas linhas, apresentam-se os conceitos centrais desta tese vinculados à abordagem da Linguística Centrada no Uso. Com a discussão de Expressão Idiomática, Predicado/Predicação, Categorização de Eventos e Categorização Linguística, pretende-se oferecer uma visão cognitivo-funcional desses conceitos, com base na descrição crítica de Xatara (2001), Dik (1997) e Taylor (1995).

### **2.1 Expressão idiomática**

O termo “expressão idiomática” remete a uma série de pressupostos sobre os quais os leitores interessados no assunto devem ter consciência. A partir desse termo, depreende-se que existem estruturas com mais de um vocábulo (“expressão”) que se prestam a determinados significados percebidos dentro de uma comunidade linguística (“idiomática”).

De acordo com Xatara (2001), expressões idiomáticas são adquiridas a partir de um esforço repetitivo dos usuários de uma língua, em resposta a estímulos que os permitem usar as expressões em um contexto adequado. Para a autora, um estudo sistemático das expressões idiomáticas colabora para a descrição da fluência

de um falante e sempre esteve à margem de estudos linguísticos, já que tal investigação, além de pressupor que o usuário conheça a gramática e o léxico de seu idioma, deve ainda memorizar uma grande quantidade de formas cristalizadas e conhecer seu significado não composicional, sobretudo metafórico. Segundo Xatara, “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural.”(XATARA, 2001, p. 51).

A definição da autora parece recobrir, com grande êxito, as considerações acerca da LCU, já que alguns conceitos caros a uma abordagem cognitivo-funcional, como metáfora, sentido conotativo (expansão semântica) e cultura, por exemplo, estabelecem esse diálogo e licenciam um tratamento das expressões idiomática a partir do aporte teórico da LCU.

Xatara (2001) diz que o usuário, para compreender uma expressão idiomática, deve lançar mão de uma estratégia metacognitiva em que ele analisa a estrutura, de maneira macro, e a associa diretamente a um contexto passível de atribuição de coerência. Uma visão macro das expressões idiomáticas é relevante do ponto de vista da interpretação, pois o processo de construção de sentido acontece por meio da relação de toda a expressão e o seu significado e não por meio da soma dos significados das partes que compõem.

Sobre o conceito de cultura, a autora argumenta que, para um falante não nativo compreender adequadamente uma expressão idiomática, não basta que ele conheça aspectos extralinguísticos ou de analogias entre duas culturas. As especificidades culturais e as associações específicas que caracterizam as expressões idiomáticas são barreiras, de acordo Xatara (2001) para interpretá-las.

## 2.2 Predicado e predicação

A concepção de predicado e predicação com que se trabalha nesta tese é atinente à proposta de Dik (1997) sobre a estrutura de cláusulas. O autor propõe uma complexa estrutura subjacente de cláusulas hierarquicamente disposta em níveis de organização formal e semântica, em que o topo é a cláusula, representada pelo ato de fala (a materialização linguística), e a base constitui a relação entre predicado e termos a qual designa um estado de coisas – “concepção de algo que pode estar de alguma maneira em algum mundo” (DIK, 1997, v.1, p. 51) – e configura uma predicação nuclear.

Essa proposta de estrutura hierárquica abstrata de cláusula recebe um tratamento descritivo, a princípio, da base para o topo, ou seja, primeiramente (na base), uma estrutura subjacente de cláusula requer um predicado aplicado a um número e tipo apropriados de termos, que funcionam como argumentos de tal predicado. O exemplo (a) ilustra um caso de predicação nuclear em que o predicado "escrever" mais os termos "João" e "uma carta" formam uma predicação nuclear.

(a) *escrever (João) (uma carta)*

Em seguida, com a aplicação dos operadores ( $\pi$ ), que especificam informações de natureza aspectual, por exemplo, e dos satélites ( $\sigma$ ), que são modificadores lexicalmente expressos, ambos de nível um, obtém-se a predicação central, cuja característica principal é a de qualificar o estado de coisas. No exemplo (b), a seguir, o operador está sendo representado por "estava" e o sufixo *-ndo*, enquanto o satélite, por "cuidadosamente".

(b) *Prog. [escrever (João) (uma carta)] (cuidadosamente) 'João (estava) escrevendo uma carta cuidadosamente'.*

No próximo nível, atuam operadores e satélites de nível dois, que contêm, respectivamente, informações de tempo e localidade, como se pode conferir no próximo exemplo: (c).

(c) [*Pres. [Prog. [escrever (João) (uma carta)] (cuidadosamente)] (na biblioteca)]*

No último nível, o falante pode especificar sua atitude com relação ao estado de coisas, recrutando, para tanto, operadores e satélites de nível três, que designam avaliações subjetivas atitudinais ou modais. Observe-se que, em (d), o operador de nível quatro, designador de possibilidade ("até onde eu sei"), traduz uma avaliação subjetiva do falante a respeito do conteúdo veiculado na sentença. Dik afirma que "proposições são coisas que as pessoas podem dizer acreditar, saber ou pensar sobre algo" (Dik, 1997, v.1, p. 52).<sup>30</sup>

(d) [*Poss. [Pres. [Prog. [escrever (João) (uma carta)] (cuidadosamente)] (na biblioteca)] (até onde eu sei)]*

*'Até onde eu sei, João pode estar cuidadosamente escrevendo uma carta na biblioteca'.*

No nível da proposição, segundo o autor, podem atuar ainda operadores e satélites que designam a força ilocucionária de uma cláusula, isto é, as condições para determinar se uma sentença é declarativa ou imperativa, por exemplo. Nesse sentido, a entoação configura-se como um operador e formas lexicais como satélites. No exemplo (e), pode-se conferir o operador  $\sigma_4$  representando a noção de "sentença declarativa", enquanto, em (f), tal noção é especificada pelo elemento adverbial francamente.

(e) [*Decl. [Poss. [Pres. [Prog [escrever (João) (uma carta)] (cuidadosamente)] (na biblioteca)] (até onde eu sei)]  $\sigma_4$*

(f) [*Decl. [Poss. [Pres. [Prog. [escrever (João) (uma carta)] (cuidadosamente)] (na biblioteca)] (até onde eu sei)] (francamente)]*

‘Francamente, até onde eu sei, João pode estar cuidadosamente escrevendo uma carta na biblioteca’.

Os exemplos apresentados por Dik (1997) caracterizam-se por conter as posições formalmente especificadas; entretanto, muitos operadores e satélites podem não ser especificados, ocasionando um elemento apagado ( $\emptyset$ ). O autor afirma que essa não especificação corresponde a valores neutros e é importante, pois indica posições licenciadas de operadores e satélites. O exemplo (g) apresenta tais elementos apagados.

(g) *João riu.*

[*Decl. [ $\emptyset$  [Pass. [ $\emptyset$  [rir (João)  $\emptyset$ ]  $\emptyset$ ]  $\emptyset$ ]  $\emptyset$ ]*

Com base nessa possibilidade de não especificação de alguns elementos, pode-se afirmar que alguns operadores e satélites são mais essenciais do que outros. Assim, se se pensar numa predicação bem curta como (h), é possível determinar esses operadores e satélites mais indispensáveis à sentença.

(h) *Choveu?*

[*Int. [ $\emptyset$  [Pass. [ $\emptyset$  [chover]  $\emptyset$ ]  $\emptyset$ ]  $\emptyset$ ]*

Tendo em vista o exemplo (h), conclui-se que os satélites ilocucionários de nível quatro ( $\sigma_4$ ) e os operadores de nível dois que designam tempo ( $\pi_2$ ), não necessariamente nessa ordem, constituem as especificações mais básicas de um enunciado.

Cumprе salientar que todos os níveis hierárquicos de representação da cláusula, como expostos até aqui, são unidades viabilizadas por Dik para uma



descrição, já que, no que diz respeito ao efetivo processamento de um enunciado, tais níveis atuam simultaneamente. Uma primeira aproximação dessa descrição da estrutura subjacente de cláusula pode ser resumida e representada por meio do seguinte modelo:

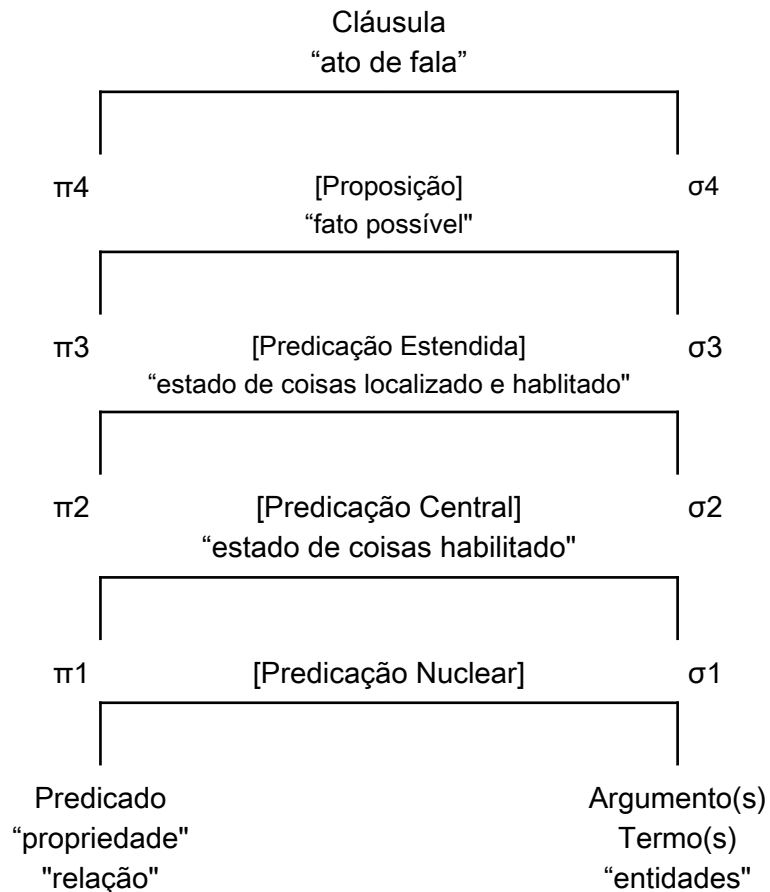


Figura 1: Modelo de estrutura de cláusula (DIK, 1997, v.1, p. 50)

Como se pode observar na figura, cada camada do modelo revela uma correspondência entre designação semântica e aspectos formais. Dessa forma, uma predicação nuclear corresponde a um estado de coisas formado a partir da relação entre predicado, que designa relação ou propriedade, e termo(s), que fazem referência a entidades do mundo real ou virtual; uma predicação central, a um estado de coisas habilitado para formar uma sentença; uma predicação estendida, a

um estado de coisas localizado no espaço e no tempo; uma proposição, a um fato possível; e uma cláusula, a um ato de fala.

Todas as camadas dessa estrutura subjacente de cláusulas podem ser representadas, segundo Dik (1997), por meio de variáveis que indicam as “coisas” designadas pelos elementos estruturais dos diferentes níveis.

No que diz respeito às características dos termos, Dik esclarece que estes advêm da designação de propriedade ou de relação estabelecida pelo predicado e podem ocupar tanto a posição de argumento ("João" / "carta") como a de satélite ("biblioteca"). Esses termos, em especial, referem-se a entidades que podem ser conceptualizadas como existentes no espaço e são, portanto, denominados pelo autor como termos de primeira ordem, que são representados pelos significados da variável  $x$ . Dik (1997), no entanto, chama a atenção para o fato de que termos podem referir-se a qualquer um dos tipos de entidades designados pelos diferentes níveis da estrutura subjacente de cláusulas, ou seja, às propriedades e relações (entidades de ordem zero); ao estado de coisas (entidades de segunda ordem); a fatos possíveis (entidades de terceira ordem); e ao ato de fala (entidades de quarta ordem).

### **2.3 Categorização de eventos**

Dik (1997) propõe uma teoria funcional cujo cerne é a formalização do discurso, adequando-o, em termos descritivos, a uma língua natural, de modo que seja possível explicar regras subjacentes à estrutura linguística. Assim sendo, o autor sugere que um modelo funcionalista deve levar em conta propriedades não apenas da estrutura linguística, mas, sobretudo, da interação verbal.

Dik (1997) argumenta que a interação entre predicado e termo(s) configura um estado de coisas, definido pelo autor como qualquer entidade conceptual. Para a categorização de um estado de coisas, é necessário perceber a natureza semântica do predicado e dos termos, o que vai gerar, segundo o autor, uma tipologia de eventos em conformidade com alguns parâmetros (dinamicidade, telicidade, momentaneidade e controle).

De acordo com Dik (1997), um evento menos dinâmico revela que as entidades envolvidas não mudam no decorrer do continuum temporal em que o estado de coisas se situa; ou seja, as entidades devem permanecer inalteradas, como se percebe nos exemplos A substância estava vermelha e João estava sentado na cadeira de seu pai. Uma situação mais dinâmica, por outro lado, comporta-se como um estado de coisas em que se verificam mudanças atribuídas às entidades envolvidas. Esse dinamismo pode ser recorrente, em que se captam sucessivas mudanças ao longo da duração do estado de coisas, ou pode ser uma única mudança gradativa de um ponto inicial até um final do espaço temporal da situação (O relógio estava batendo / A substância avermelhou / João abriu a porta).

O parâmetro da telicidade evidencia se o evento descritos atinge um ponto final ou não. Um estado de coisas mais télico, portanto, suscita a ideia de uma situação concluída, identificada por meio de elementos linguísticos explícitos, como a inserção de um sintagma nominal, por exemplo, ou por outros menos explícitos, como a flexão de número, por exemplo (João estava pintando [- télico] / João estava pintando um retrato [+ télico] / João estava pintando retratos [- télico]).

No que diz respeito ao parâmetro da momentaneidade, Dik (1997) diz que um evento menos momentâneo se caracteriza por não ocupar somente um ponto ou o ponto final do continuum temporal. O autor propõe o uso de verbos modais, que

indicam os pontos inicial, medial e final de uma situação, para testar se um dado estado de coisas é mais ou menos momentâneo (João começou a / continuou a / terminou de pintar o retrato. - \*João começou a / continuou a / terminou de alcançar cume).

Um estado de coisas observado sob o parâmetro de controle decodifica a capacidade ou não de o argumento externo controlar o evento expresso. Dessa forma, o constituinte sujeito pode atuar sobre o predicado, incidindo sobre ele um processo voluntário (João abriu a porta) ou uma situação involuntária (A árvore caiu). Os indícios que revelam um estado de coisas desse tipo podem ser a animacidade do sujeito e a própria natureza semântica do predicado, que, no caso de cair, pressupõem um argumento que jamais controlará a ação.

Segundo Dik (1997), os tipos de estado de coisas [ $\pm$ din] e [ $\pm$ tel] têm um parâmetro [+con] e [-con] como subtipo. Assim, o autor estabelece o seguinte quadro com a tipologia dos estados de coisas:

Termo geral	[+ controle]	[- controle]
Situação [- dinâmico]	Posição -> João guardou seu dinheiro numa meia velha.	Estado -> O dinheiro do João está numa meia velha.
Evento [+ dinâmico]	Ação -> João bateu no irmão.	Processo -> A pedra rolou o barranco.
Evento [- télico]	Atividade -> João estava lendo um livro.	Dinamismo -> O relógio estava batendo.
Evento [+ télico]	Realização -> João correu a maratona em três horas.	Mudança -> A maçã caiu da árvore.

Quadro 1: Tipologia dos estados de coisas.

Dik (1997) afirma que, se uma situação é mais dinâmica, ela será mais controlada, caso a predicação evidencie uma posição espacial, ou será menos controlada, se o estado de coisas sinalizar um estado. Um evento é mais dinâmico, se o estado de coisas decodificar uma ação controlada, ou menos controlada caso

se perceba um processo menos controlado. Um evento menos télico e mais controlado suscita o que Dik chama de atividade e um evento télico menos controlado aponta para um dinamismo. Por fim, um evento mais télico e mais controlado sinaliza uma realização, considerando-se o fato de que se trata de um estado de coisas acabado, e um evento mais télico e menos controlado envolve uma mudança de alguma entidade.

Cumprido salientar que a tipologia proposta por Dik (1997) serve a esta tese como base apenas para análise dos eventos instanciados nos predicados com *ir*. A diferenciação que o linguista holandês estabelece entre situação e evento, por exemplo, não terá relevância para esta pesquisa.

## **2.4 Categorização linguística**

Entendendo a língua como um sistema duplamente estruturado, isto é, num eixo paradigmático e outro sintagmático, a noção de categorização linguística é importante para a compreensão desse sistema que engloba a realização linguística desde sua concepção mental – associação dos significados e sentidos aos símbolos adequados – até sua reprodução física (fala, escrita, gestos etc.). Nesse sentido, o conceito de categorização linguística com que se trabalha nesta investigação se refere ao processo pelo qual as pessoas categorizam o mundo a sua volta. Trata-se, portanto, de uma atividade cognitiva fundamental em que, em meio a uma realidade difusa ou, de acordo com Taylor (1995, p. 2), um *continuum* difuso, as pessoas categorizam o contexto circunvizinho, com base nos conceitos veiculados pelas formas linguísticas. Segundo o autor, essa atividade só pode ser caracterizada, caso se considerarem normas e/ou práticas culturais específicas.

Assim, uma categoria representa uma rede de similaridades intrincadas que se entrecruzam em maior ou menor grau, conforme os atributos compartilhados pelos membros dessa rede. Dessa forma, fazem parte de uma categoria membros que possuem atributos partilhados com outros, indicando uma transparência entre os mesmos ou, simplesmente, membros que não partilham propriedade alguma. Taylor (1995, p. 51) sugere que, para uma maior delimitação das diferenças e semelhanças entre os membros de uma categoria, que possui seus limites fluidos, é necessário focalizar o nível básico – o núcleo semântico –, especificamente, os níveis mais centrais do nível básico das categorias.

Com base nessa noção de categoria, Taylor (1995) propõe um procedimento de categorização linguística pautado na teoria de protótipos, que podem ser definidos como o membro central ou o conjunto de membros centrais de uma categoria e ainda como a “representação esquemática do centro conceptual de uma categoria” (Taylor, 1995, p. 59)<sup>52</sup>. De acordo com o autor, a determinação de um protótipo fundamenta-se, basicamente, (i) na frequência – uma alta frequência pode ser um sintoma de prototipicidade, mas não sua causa; (ii) na ordem de aprendizagem – os protótipos estão num ponto mais inicial no que se refere a uma escala de aprendizagem; e (iii) saliência cognitiva e linguística – certos protótipos possuem tal status por serem representativos culturalmente e por abarcarem valores semânticos variados.

Nesse processo de categorização, as entidades, que são designadas membros de uma categoria, conforme sua similaridade com o protótipo, são observadas de modo a detectar o modo e a razão pelos quais seus atributos se aproximam ou se afastam dos atributos fundamentais. A relação entre os membros de uma categoria pode ser verificada conforme a associação de similaridade(s) a um único protótipo

(categoria mononucleares - monossemita) ou a um de diversos protótipos (categorias polinucleares - polissemia). Para definir essas categorias polinucleares, Wittgenstein (1945 apud Taylor, 1995, p. 109) utiliza a metáfora de semelhança familiar para referir-se à inter-relação, numa estrutura de rede, entre os vários protótipos.

Para compreensão do processo de categorização linguística, é necessário, ainda, o desenvolvimento de questões acerca da polissemia, metáfora e da metonímia. Um ponto em comum entre esses termos, e essencial para o presente estudo, é a idéia de que expansões semânticas de um determinado membro central podem acontecer por meio de metáfora ou metonímia, podendo acarretar, ou não, uma rede de relações polissêmicas.

Um dos grandes entraves teóricos sobre polissemia é a relação que há entre esse termo e a homonímia. O problema, freqüentemente, reside no tratamento de certas formas linguísticas homófonas e homógrafas, isto é, se um item é homônimo a outro ou se é uma extensão de sentido de outro.

Taylor (1995) mostra que, nos casos de homonímia, um único elemento lingüístico apresenta significados não relacionados. Palavras homônimas podem, em algum momento da história lingüística, ter sido extensões semânticas, quando, em tal momento, mantinham uma relação entre os significados. Em outra explicação para o fenômeno da homonímia, considera-se que duas ou mais formas lingüísticas que num dado momento possuíam formas fonológicas distintas e significados não relacionados, por motivos quaisquer, passaram a assemelhar-se fonologicamente.

O fenômeno da polissemia pode ser explicado de acordo com as inter-relações existentes entre os membros de uma categoria. Segundo Taylor (1995), a distinção entre polissemia e homonímia pode ser respaldada por um critério sintático, ou seja,

enquanto a homonímia se refere a categorias sintáticas distintas, a polissemia envolve categorias sintáticas semelhantes. Taylor (1995) mostra que a polissemia pode ser observada numa cadeia de extensões semânticas, como, por exemplo, significado A, significado B e assim por diante. Essa relação pode ser transparente ou difusa – não apresentando possibilidade de se agrupar, tendo em vista um “denominador semântico comum” (Taylor, 1995, p. 108). O autor afirma que as cadeias de significado podem transparecer relações, ainda que indiretas, entre seus membros. Assim, um significado A pode partilhar com o significado B algum atributo ou tipo de semelhança. De mesma sorte, o significado B pode servir de base para um C, e assim sucessivamente.

Embora as relações de significado, segundo Taylor (1995), existam, principalmente, entre membros adjacentes, enquanto membros não adjacentes partilhem poucos atributos e semelhanças, é possível, de acordo com o autor, prever que certas relações polissêmicas acontecem de maneira proporcional. Se, para uma extensão de significado  $A > D$ , considerando, evidentemente, que para tal expansão depende-se dos membros intervenientes B e C, houver uma  $A1 > D1$  (significados iguais ou muito próximos), existirá, necessariamente, os significados B1 e C1.

Para a formação e expansão da cadeia polissêmica, dois processos são essenciais: metonímia e metáfora. Por meio do primeiro processo, as extensões semânticas acontecem com base na “possibilidade de se estabelecer conexões entre entidades que co-ocorrem com uma dada estrutura conceptual” (Taylor, 1995, p. 123-124).

Em expansões semânticas via metáfora, entidades mais abstratas e mais intangíveis podem ser conceptualizadas, respaldando-se em entidades mais concretas. De acordo com Taylor, a abordagem tradicional associa a metáfora à



idéia de que a combinação de palavras em frases é uma questão de compatibilidade das especificações dos componentes, sendo essa compatibilidade formalizada de acordo com as restrições de seleção. Na abordagem cognitiva, no entanto, o autor apresenta outra perspectiva:

Metáfora é, então, motivada por uma procura pelo entendimento e é caracterizada, não por uma violação das restrições de seleção, mas pela conceptualização de um domínio cognitivo em termos de componentes mais usualmente associados a outros domínios cognitivos. (Taylor, 1995, 132-133).

Metonímia e metáfora caracterizam-se, portanto, por processos de expansão semântica que podem formar uma estrutura de rede polissêmica. Os membros (periféricos) formados a partir de tal(is) expansão(ões), com base num protótipo, relacionam-se uns com os outros tendo em vista as partilhas de atributos e similaridades. Membros centrais (protótipos) e periféricos constituem uma categoria que pode ser de ordem lexical ou morfossintática.

### **3. Mudança linguística**

A questão da mudança linguística é base de estudos de muitos pesquisadores e oferece, cada vez mais, evidências acerca da fluidez e da maleabilidade da língua, em seus aspectos diacrônico, diatópico, diastrático e diafásico; isto é, tais investigação comprovam a capacidade de a língua mudar sua estrutura a depender do tempo, lugar, papel social dos usuários e contexto em que é usada. Segundo as perspectivas de trabalho sob um viés sociolinguístico, o caminho da mudança percorre uma etapa necessária da variação, em que há uma competição entre estruturas. Essa concorrência pode ou não culminar numa suplantação de uma forma em detrimento de outra(s), ou seja, a variação pode perdurar um tempo indeterminado sem que isso possa provocar o desaparecimento de uma estrutura.

Numa abordagem cognitivo-funcional, como aponta Martelotta (2011), o rumo dos estudos sobre mudança tem sido tomado para a percepção do processo de gramaticalização e para a relação entre tal fenômeno e o desenvolvimento de construções gramaticais. Esse caminho mostra a regularidade da mudança no que concerne aos modos como ocorre e aos itens e construções envolvidos.

Ainda que haja regularidade nos processos de mudança, concebendo-os como tendências que se repetem em épocas diferentes, o fato de a cognição atuar sobre a mudança linguística faz com que, no entanto, cada item ou cada construção mude de forma particular, a depender dos contextos envolvidos. Martelotta afirma que, em função desse estreito vínculo entre mudança e instâncias de uso, não é possível prever processos de mudança ou quando eles acontecem.

É essa natureza adaptativa que impede que façamos previsões absolutas acerca da ocorrência ou não de processos de mudança ou do momento em que eles devem ocorrer na língua. (...) não há como prever a mudança, apenas analisar a possibilidade de sua ocorrência, tomando como base tendências regulares. (MARTELOTTA, 2011, p. 74)

A regularidade da mudança repousa na assunção de que existe uma motivação de ordem cognitiva e comunicativa, de modo que sentidos mais pragmáticos se tornam mais regulares e convencionais em determinados contextos de uso. Assim elementos participantes de dada sequência sintática são afetados por pressões de uso e se moldam para que passem a exercer funções recrutadas pela tendência geral da construção da qual participam. Ou seja, o uso repetitivo e sistemático de uma construção, atrelado a propriedades sociocognitivas provoca nos itens uma mudança que, geralmente unidirecional, leva seus participantes à gramaticalização.

### **3.1 Gramaticalização e Lexicalização**

Embora o aparato sociocognitivo seja a motivação para uma estrutura poder incorporar-se o léxico de uma língua, por exemplo, uma construção tende a passar por processos internos regulares que tornam a sequência sintática mais regular e previsível dentro de um idioma ou de uma norma linguística. Desse modo, é possível que a gramaticalização seja uma etapa necessária à lexicalização, de maneira que os elementos integrantes se adaptem às restrições da construção candidata à incorporação ao léxico.

Nessa linha teórica, esta tese trabalha com uma abordagem integrada entre gramaticalização e lexicalização, sob duas bases de pensamento: a primeira releva o processo de gramaticalização para a formação de estruturas lexicalizadas, ou seja, os itens gramaticalizam-se a favor de uma estrutura lexical; e a segunda considera que estruturas em vias de lexicalização e gramaticalização compartilham propriedades que permitem dispor etapas contínuas de mudança.

Brinton & Traugott (2005) fornecem subsídios ao trabalho conjugado entre lexicalização e gramaticalização. A problematização construída a partir da análise de *today*, no inglês, reflete a mesma situação aventada nesta tese acerca do fenômeno atuante na construção em foco nesta pesquisa. Em outras palavras, Brinton & Traugott (1995, p. 63) buscam delimitar as propriedades que podem conferir a *today* o status de afetado por gramaticalização ou por lexicalização. Enquanto Meillet (1958 apud Brinton & Traugott 1995, p. 63) considera *today* um caso de gramaticalização, entendendo que há a emergência de uma categoria gramatical, Hopper & Traugott (1993) o trata como uma fusão que resultou em um novo item lexical (*this day* > *today*).

Os autores definem lexicalização da seguinte forma:

Lexicalização é a mudança pela qual, em determinados contextos linguísticos, falantes usam uma construção sintática ou uma formação vocabular com uma nova forma de conteúdo com propriedades formais e semânticas que não são completamente derivadas ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão da formação vocabular. Ao longo do tempo, pode haver mais perda de constituência interna e o item pode se tornar mais lexical. (Brinton & Traugott, 2005, p. 96)

Pode-se aproximar a abordagem de Brinton & Traugott aos propósitos desta tese, a partir de algumas características específicas do processo de lexicalização apresentadas pelos autores. Eles comentam que o output desse processo pode ser uma forma de qualquer complexidade. Segundo os linguistas, a forma lexicalizada pode variar desde frases fixas ou expressões idiomáticas, que ainda apresentam certa variação de forma (chutei o balde / vamos chutar o balde), até expressões mais fossilizadas e desgastadas pelo uso (embora / girassol). De acordo com os autores, ainda, lexicalização envolve idiomatização pragmática, ou seja, os componentes semânticos vão perdendo sua composicionalidade e se tornam altamente idiossincráticos e bem abstratos.

A propósito dos parâmetros de lexicalização mais específicos que permitem uma abordagem conjunta ao processo de gramaticalização, os aspectos a serem avaliados na proposta de Brinton & Traugott (2005) são os seguintes: (i) Gradualidade, (ii) fusão, (iii) coalescência, (iv) não-motivação, (v) metaforização e metonimização e (vi) unidirecionalidade. De acordo com o primeiro parâmetro, a mudança via lexicalização é gradual, pois passa por estágios contínuos. Segundo o parâmetro da fusão, o processo de lexicalização tende a fundir as formas que estão em jogo. Essa vinculação pode levar a níveis de ligamento distintos. Conforme prevê a coalescência, formas que uma vez se fundiram via lexicalização podem perder massas referentes às suas formas de *input*. O quarto parâmetro avalia o grau da

desvinculação semântica do resultado lexical em relação aos constituintes participantes, o que demonstra uma pragmaticalização das estruturas lexicalizadas em função de idiosincrasias. O quinto parâmetro tem relevância a este estudo na medida em que se observam mudanças semânticas na estrutura interna das estruturas candidatas à lexicalização e tais mudanças acontecem, predominantemente, via metáfora e/ou metonímia. Ainda que se conteste a atuação do sexto parâmetro, a unidirecionalidade é percebida de forma bem intensa nos de gramaticalização e lexicalização. Juntamente a Martelotta (2011), trabalha-se com a hipótese de que os contraexemplos são muito particulares e não são relevantes, em termos de frequência, aos rígidos e abundantes casos de unidirecionalidade.

As características da gramaticalização e da lexicalização compartilhadas estão ilustradas no quadro a seguir, o qual mostra que um fenômeno linguístico, explicado por meio da relevância do processo de gramaticalização para a emergência de uma estrutura lexicalizada, deve receber um tratamento em que as propriedades em comum sejam postas em relevo.

		Lexicalização	Gramaticalização
a	Gradualidade	+	+
b	Fusão	+	+
c	Coalescência	+	+
d	Não-motivação	+	+
e	Metaforização / Metonimização	+	+
f	Unidirecionalidade	+	+
g	Decategorização	-	+
h	Desbotamento semântico	-	+
i	Subjetivização	-	+
j	Produtividade	-	+
k	Frequência	-	+
l	Generalização tipológica	-	+

Quadro 2: Paralelos entre lexicalização e gramaticalização (BRINTON & TRAUGOTT, 2005, p. 110)

Percebe-se que a proposta dos linguistas é a de minimizar as distinções entre lexicalização e gramaticalização, já que um processo serve ao outro. A constituição interna de uma estrutura lexicalizada, ou em vias de lexicalização, é pressionada para que atenda às exigências da construção. Dessa forma, é possível ter expressões como chutar o balde, chutarei o balde, mas uma sequência como chutar um balde já não preenche os requisitos para que se alcancem os sentidos esperados, ainda que a modificação seja bem sutil (a troca de um artigo definido por um indefinido).

É importante ressaltar que os processos constituem mecanismos diferentes de mudança, mas não percorrem caminhos inversos, um direção ao léxico e o outro em direção à gramática. Martelotta (2011) sugere que se conceba tais fenômenos como

paralelos que parecem obedecer tendências bem similares em relação à perda de fronteira (junção e coalescência) e perda de composicionalidade.

A respeito da ideia de composicionalidade, é imprescindível a esta pesquisa a discussão acerca das motivações que estão na base da formação de uma construção gramatical; isto é, os fatores que desencadeiam o processo de construcionalização, que se difere da lexicalização, principalmente, pela razão deste fundar uma unidade lexical, com significado idiomático fossilizado.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam que as construções gramaticais devem ser analisadas a partir de duas frentes: uma que enfatize a mudança dos subcomponentes, por meio de adaptações ao padrão construcional, e outra que explique a criação de novos pareamentos convencionalizados e ritualizados de forma e sentido, ou seja, um processo de construcionalização.

De acordo com Bybee (2010), o processo da construcionalização ganha saliência a partir da frequência em usos efetivos, o que deixa em segundo plano a questão da instância abstrata para se basear em aspectos mais empíricos. Para esta autora, os processos que levam à formação de uma construção, no que diz respeito à vinculação de forma e sentido, podem ser dispostos num cline, segundo o qual os elementos vão se moldando às restrições do padrão construcional iminente (encadeamento > idiomatismo > pré-fabricação > construção gramatical). Conforme essa escala, os elementos, em função dos padrões efetivos de uso, encadeiam-se, formando uma sequência sintática que ganha significado particular e idiomatizado. A partir daí, a construção passa a relacionar-se a outras por meio de analogia e prototipicidade, já que ela pode servir de base para a formação de outras construções, em diferentes níveis de semelhança.

Gramaticalização e lexicalização, portanto, são vistos, nesta tese, numa visão macro, a partir da qual compartilham propriedades, de maneira que uma estrutura complexa candidata à lexicalização pode sofrer mudanças internas via gramaticalização para cumprir tal objetivo de se incorporar ao léxico. Os elementos de uma sequência sintática em vias de lexicalização podem consistir em instâncias de usos ritualizadas estruturadas por meio de uma correspondência simbólica entre forma e função, isto é, numa construção. Assim, a formação de uma construção gramatical pode coincidir ou não com a formação de uma estruturas lexicalizada, já que, como é hipótese sobre o fenômeno em voga nesta pesquisa, nem todas as construções gramaticais com *ir*, necessariamente, devem caminhar para o léxico por meio do processo de lexicalização.

Analisa-se os enunciados por meio de uma visão micro, por meio da qual avaliam-se determinados parâmetros isolados de gramaticalização e lexicalização. Esse procedimento permite uma compreensão mais aprofundada acerca desses dois processos de mudança que afetam as construções em voga nesta tese.

### **3.2 Metaforização e metonimização**

A emergência de construções gramaticais decorrentes de processos de mudança como gramaticalização e lexicalização é acompanhada necessariamente de uma, também, transformação semântica, ainda que tal alteração se configure apenas por perda de conteúdo referencial da forma fonte. Na base da mudança da semântica, destacam-se dois processos desencadeados por fatores cognitivos e pragmáticos, em função de transferências conceptuais, licenciadas num dado contexto uso, que permitem a reanálise semântica de itens e construções linguísticos. Nesse sentido, desenvolve-se a seguir em que tipo de respaldo teórico



se pauta esta tese, no que diz respeito às flutuações semânticas percebidas nos processos de gramaticalização e lexicalização, categorizadas, mais especificamente, como metáfora e metonímia.

Mudanças semânticas, nos estudos cujo foco é a linguística baseada no uso, seguem um caminho para a subjetivização. Heine & Kuteva (2007) descrevem o processo da dessemantização, caracterizando-o como um fenômeno que leva à perda de propriedades referencias/lexicais e que permitem uma leitura mais subjetiva do item em questão. No entanto, tornou-se consagrado em abordagens funcionalistas, que, no processo de mudança semântica, há ganhos também que são característicos das novas funções adquiridas da forma. Assim, as renovações semânticas percebidas nas formas em gramaticalização consistem na perda de propriedades, essencialmente, referenciais/concretas, mas, por outro lado, tais formas ganham semanticamente de acordo com as exigências da construção que recrutou essa gramaticalização.

Um aspecto importante a ser considerado em investigações sobre mudança por gramaticalização é a observação da metáfora e da metonímia como processos e não como resultados. A respeito disso, Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991), Bybee, Pagliuca & Perkins (1991) e Traugott & Dasher (2005) analisam a metáfora e a metonímia como processos dinâmicos, que acompanham a gramaticalização, e não como produtos estáticos.

Metaforização é basicamente uma estratégia por meio da qual o usuário expressa um conceito em um domínio abstrato (cf. HEINE, CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991, p. 172). Traugott & Dasher (2005, p. 28) chamam tais domínios de “estruturas conceptuais” e, segundo estes autores, a metaforização consiste na reanálise de um dado item de uma estrutura conceptual em função de

outra, sem que haja um pré-julgamento do que consta em cada uma dessas estruturas. Isso mostra, de acordo com os autores, que os domínios diferentes não precisam ter necessariamente uma ligação conceptual direta; cada contexto justificará as ligações empreendidas num processo metafórico.

Metonimização refere-se à mudança semântica que é motivada pelas relações parte/todo, causa/efeito, conteúdo/contínente, entre outras. Concebida como reinterpretação contextual, segundo Barcelona (2003), esse processo caracteriza-se por uma relação estabelecida no âmbito de um mesmo domínio conceptual. Não se trata somente de atribuir à metonimização um caráter de transferência entre entidades de uma mesma estrutura conceptual, mas avaliar contextualmente como e por que o falante usou determinada “parte” de um “todo” e não outra. Barcelona afirma que a explicação para tal seleção se baseia em como os falantes se relacionam com esse “todo”, ou seja, o contexto discursivo direto pode ter influência, assim como aspectos culturais dos usuários que refletem a experiência com o “todo”.

Um processo metafórico não exclui um metonímico e vice-versa, pois ambos promovem transferências de significado, relacionam-se à pragmática, na medida em que categorias cognitivas do usuário influenciam a seleção das estruturas conceptuais associadas e dos itens de uma mesma estrutura conceptual. Acerca dessa visão unificada, Traugott & Dasher (2005) propõem que a metaforização e a metonimização participam de um modelo denominado Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica, por meio da qual se explica que há implicaturas regulares que se associam a dada forma linguística, o que pode gerar uma expansão polissêmica desencadeada metafórica, em função da ligação de uma estrutura conceptual de larga escala a outra diferente, e metonimicamente, a partir

da ressignificação por contiguidade de elementos característicos de uma estrutura conceptual.

Nota-se, a partir do que foi exposto, que não há uma ordem para que tais processos aconteçam. Uma forma pode associar-se a outra pertencente a uma estrutura conceptual diferente e sofrer, por metonimização, ressignificação (metaforização -> metaforização) ou dada estrutura pode relacionar a um ponto contíguo da estrutura conceptual para, depois, ligar-se a outro domínio (metonimização -> metaforização).

#### **4. Gramática das Construções**

Em muitos textos acadêmicos, é possível observar que o termo “construção gramatical” é muitas vezes usado para marcar uma porção de texto ou de frase, podendo ser empregado como sinônimo de “estrutura”, por exemplo. No entanto, nas últimas décadas, linguistas têm-se esforçado para fornecer aparato teórico que sirva de base às descrições das construções gramaticais que são instâncias de forma/significado. Dentre esses cientistas, a que mais contribuiu para a concepção de um modelo construcional de análise foi Adele Goldberg em seu trabalho *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*, de 1995.

Embora Goldberg (1995) tenha marcado uma perspectiva sobre a noção de construção, tal termo vem sendo objeto de análise há bastante tempo. Na década de 1970, desenvolveram-se explanações acerca da falta de sustentabilidade de uma proposta que contemplasse somente a natureza composicional da língua, já que, assim, os idiomatismos, por exemplo, não receberiam tratamento adequado e seriam apreciados como exceções da língua. Esses problemas, apresentados por Fillmore (1979), trouxeram à pauta os processos de construção de significados de

um idioma. O grande objetivo era o de resolver o problema de como dar conta de sentidos que não são diretamente relacionados às formas que compõem a construção. Lakoff (1987), por meio de um estudo sobre redes polissêmicas geradas a partir de redes de semelhança construcional, demonstra que, na base motivacional de uma construção, está um fator de natureza cognitiva.

A proposta de Goldberg (1995) é a de que sentenças simples do inglês são instâncias de construções, em que se observa um pareamento de forma (entendendo forma desde palavras até enunciados complexos) e significado. Nessa teoria, as construções gramaticais são, por elas mesmas, entidades teóricas e não derivam de movimentos sintáticos, tal como propôs Chomsky (1957) em sua Gramática Transformacional. A autora define que

C é uma Construção se C é um par forma-sentido  $\langle F_i, S_i \rangle$  de tal forma que algum aspecto de  $F_i$  ou algum aspecto de  $S_i$  não é estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas. (Goldberg, 1995, p. 4)

Esse postulado mostra que uma construção tem sua autonomia de significado em relação às partes que a compõem, o que demonstra que o nível lexical não é o único responsável pela manifestação dos significados e que as construções, por meio de esquemas abstratos, viabilizam/recrutam determinados itens, de maneira que possam compor tais construções. Assim, determinados itens, como verbos, por exemplo, podem instanciar uma construção considerada incomum. Um exemplo como a menina andou os peões até o meio do tabuleiro é satisfatoriamente explicado por uma abordagem construcional, pois, em vez de considerar-se que o verbo andar, que se articula prototipicamente a um único argumento com papel temático de agente (a menina andou muito ontem), possa se comportar como transitivo direto, num esquema “X andar Y”, tal como é previsto numa perspectiva léxico-semântica, na teoria de Goldberg, andar pode instanciar uma construção

transitiva, funcionando como um operador causativo que envolve um agente (a menina), um tema (os peões) e uma meta (até o meio do tabuleiro). Assim, é a construção que licencia seus componentes, possibilitando a interpretação transitivo-causativa e não o contrário. Esse esquema construcional pode ser representado na figura a seguir:

Semântica	CAUSAR- MOVER	<	Causa	Meta	Tema	>
				⋮	⋮	
	PRED	<				>
Sintaxe	V		Sujeito	Oblíquo	Objeto	

Figura 2: Esquema da construção de movimento causado (GOLDBERG, 1995, p. 160)

Essa particularização do modelo de Goldberg em relação à observação da estrutura argumental dos verbos reinterpreta o modo como se vê a multiplicidade de distribuições argumentais para um mesmo item verbal. A integração do verbo com a construção pode gerar usos mais ou menos previstos/comuns. Em alguns casos, a construção pode alterar o esquema básico de um verbo, que, por sua vez, pode mudar seu significado quando se relaciona a ela.

Segundo a autora, a noção de composicionalidade não é totalmente descartada. O que diferencia a proposta de Goldeberg das outras abordagens é o fato de que, na perspectiva construcional, o resultado ou o significado total não é tão somente a soma das partes, e sim a integração dos significados das partes ao significado da própria construção. Essa integração regula-se a dois princípios: (i) o Princípio da Coerência Semântica e (ii) o Princípio da Correspondência. Segundo o primeiro, somente papéis compatíveis podem integrar-se. E, de acordo com o

segundo, todos os integrantes selecionados pelo significado básico do verbo devem integrar-se a papéis argumentais da construção.

Cabe ressaltar que os papéis que se integram e devem ser compatíveis não correspondem ao que se conhece como papéis argumentais e papéis temáticos. Aqueles tipos de papéis são informações que, segundo Vilela (1999), estão incorporadas ao lexema de um verbo que podem ser ativadas ou não, a depender do contexto em que aparecem. Assim, os papéis projetados por um verbo como chutar, por exemplo, são: “chutador” e o “chutado”, que podem ser integrados aos papéis temáticos e papéis argumentais esquematizados na figura (2).

Os idiomatismos surgem a partir de relações entre esquemas construcionais básicos e propósitos comunicativos que podem, sob alguma medida, ser atribuídos a tais esquemas. Numa expressão idiomática famosa do português como chutar o balde, observamos um esquema construcional básico (o de movimento causado, tal como está representado na figura acima) e um propósito comunicativo de “desistir de algo” / “avacalhar algo (uma situação)”. Observe-se que, para decodificação do sentido da expressão, não é suficiente conhecer os significados de chutar e balde. A construção desse significado dependerá de uma série de processos cognitivos que subjazem à expressão chutar o balde. Goldberg reconhece ainda que, para uma descrição mais adequada, tanto uma apreciação Top-Down, como Botton-Up são necessárias; ou seja, das partes para a construção e da construção para as partes.

Goldberg apresenta uma série de construções, que constituem sentenças básicas do inglês e que codificam cenas da experiência humana como, por exemplo, alguém transferindo algo a alguém, alguém fazendo algo mover-se, alguém modificando o estado de algo etc. A forma como os falantes preencherão as cenas com os verbos pode variar, mas dentro dos limites da cena. Além do já descrito

esquema construcional de movimento causado, a autora apresenta: (a) bitransitiva, (b) resultativa, (c) modo e (d) movimento intransitivo (construção atrelada à de movimento causado). A seguir, tais esquemas são respectivamente, apresentados e exemplificados.

## 5. Síntese

Neste capítulo, delineou-se o quadro teórico que rege esta pesquisa, que fundamenta-se na Linguística Centrada no Uso (LCU). Essa proposta abarca estudos e análises que tenham em vista a investigação de construções linguísticas sob o ponto de vista dos processos que levam a formação dessas construções. Tais processos podem refletir-se em mudança categorial, como é o caso da gramaticalização ou podem promover a junção entre elementos de uma construção (lexicalização). Outros fenômenos linguísticos podem ser tratados à luz da LCU, mas não se enquadram, necessariamente, num *cline* clássico de gramaticalização: item lexical > item gramatical. Essa consideração viabiliza uma das hipóteses desta tese de que, na construção em foco neste estudo, *ir* não muda sua categoria para uma de natureza mais funcional, tal como na trajetória de verbo predicador a verbo auxiliar. esse verbo é afetado por subprocessos de gramaticalização que, segundo Heine (2003), atinge os elementos em fase inicial de mudança. Esses subprocessos podem ser categorizados como Metaforização e Metonimização.

De modo vinculado à LCU, objetivou-se discutir alguns conceitos muito recorrentes nesta tese, de maneira que fosse possível avaliar a pertinência deles (Expressão Idiomática, Predicado/Predicação, Categorização de Eventos e Categorização Linguística) para um estudo integrado entre **mudança semântica, lexicalização e Gramática das Construções**.

Ademais, buscou-se justificar o enquadramento da proposta de Goldberg (1995/2006) neste estudo, em função do que a autora pensa sobre o conceito de construção gramatical. Comentaram-se os principais aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos que fazem de um conjunto de itens uma construção gramatical.

O capítulo seguinte apresenta o *corpus* em que se pauta a pesquisa e a metodologia utilizada para a investigação. Intenta-se justificar a busca de dados, em função do tipo de análise a ser desenvolvida.



---

# CAPÍTULO II

---

## METODOLOGIA

---

### **Introdução**

Como se viu, a base fundamental desta pesquisa é a relação entre instâncias de usos e a emergência de construções gramaticais e, por assim ser, esta tese trabalha com dados efetivamente realizados nas modalidades falada e escrita. Tal procedimento é atinente ao que Barlow e Kemmer (2000) consideram como imprescindível a um tratamento sob a luz de uma linguística baseada no uso. Desse modo, a seguir, descrevem-se (i) os *corpora* em que se pauta a tese e (ii) os procedimentos para as análises.

#### **1. Descrição das fontes dos dados**

A pesquisa conta com um total de 1137 ocorrências da construção *ir* [*para, a, em*] SN provenientes de textos orais e escritos do português brasileiro. Os textos

orais consistem em diálogos entre informante e documentador e elocuições formais e informais sobre determinado assunto. Os textos escritos pesquisados foram obtidos a partir da coleta de dados em gêneros jornalísticos, mais especificamente os gêneros notícia e reportagem. O objetivo central da tese é o de analisar a referida construção nos mais diversos textos do português do Brasil e, a princípio, não houve uma preocupação sociolinguística em estratificar os dados, de modo que fosse possível associar determinados usos a dadas categorias sociais ou linguísticas, no entanto, eventualmente durante as análises, alguns aspectos ligados à natureza textual serão considerados, tais como a relação entre a manchete, numa notícia, e a ocorrência da construção em foco na tese, por exemplo.

Os dados de língua oral foram obtidos nos acervos Discurso & Gramática, com sede na UFRJ, UFRN e UFF<sup>1</sup>, do qual se coletaram as ocorrências do *subcorpus* Rio de Janeiro, Niterói e Natal. Nesse banco de dados, analisaram-se os textos produzidos por informantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, primeiro ano do Ensino Fundamental Supletivo, Ensino Médio e Ensino Superior. Para a composição do *subcorpus* oral, coletaram-se as ocorrências da construção em questão no Corpus do Português (DAVIES & FERREIRA, 2006)<sup>2</sup>, no qual, a partir de *inputs* sintáticos, como *ir para* N (nome), obtém-se uma série de ocorrências.

Os dados de língua escrita provêm do Banco de Dados do Discurso Jornalístico (PEUL), do qual se consultaram o arquivo "Notícias-Reportagens".

---

<sup>1</sup> No Rio de Janeiro a supervisão é de Maria Maura Cezario e Karen Sampaio B. Alonso, no Rio Grande do Norte, de Maria Angélica Furtado da Cunha e em Niterói, de Mariangela Rios de Oliveira e Nilza Barrozo Dias.

<sup>2</sup> O endereço [www.corpusdoportuguês.org](http://www.corpusdoportuguês.org) permite pesquisar aproximadamente 45 milhões de palavras de quase 57 mil textos falados e escritos do português. Os textos orais compreendem o período do final do século XX e os textos escritos vão do século XIV ao século XX.

Investigaram-se, também, os dados escritos obtidos a partir do endereço *corpus* do português e a partir da consulta ao buscador Google ([www.google.com.br](http://www.google.com.br)). A consulta online feita por meio desse endereço eletrônico representa uma tentativa de afirmar algumas hipóteses acerca de determinadas ocorrências não encontradas nos acervos previamente consultados. Além disso, vale ressaltar que os dados encontrados a partir de tal buscador estão de acordo com a premissa geral dos estudos baseados no uso, pois se reconhecem nos resultados dados efetivamente usados em situações reais de interação.

Do Projeto D&G, coletaram-se os dados referentes ao *corpus* composto com base em textos produzidos por falantes das cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Natal. Essa amostra é estratificada de acordo com a escolaridade, sobretudo. A análise do *corpus* do Rio de Janeiro propiciou a coleta de dados concernentes ao primeiro ano do Ensino Fundamental (antigo C.A. infantil), primeiro ano do Ensino Fundamental supletivo, Ensino Médio (antigo segundo grau) e Ensino Superior.

Do acervo da Amostra da Variedade Dialetal Fluminense do Projeto PEUL, pesquisaram-se duas amostras da modalidade falada: Banco de Dados da Fala Infantil (informantes entre as idades de quatro a nove anos) e Banco de Dados Censo 2000 (informantes com até o Ensino Médio). Desse projeto, pesquisaram-se apenas duas amostras, em virtude da riqueza de dados encontrados.

Os dados da língua escrita advêm, também, dos acervos D&G e PEUL. Do primeiro, coletaram-se as reproduções por escrito que os informantes eram solicitados a executar. Essas reproduções correspondem, em termos de temática, aos depoimentos orais.

Com o propósito de captar uma aparente representação da língua escrita formal, investigaram-se, no acervo do PEUL, textos jornalísticos pertencentes aos veículos O Globo, JB, Extra e Povo, pois se considera que tais veículos apresentam nuances consideráveis de graus de formalidade, tendo em vista, sobretudo, o público-leitor. Os gêneros textuais pesquisados são cartas de leitores, crônicas, editoriais, notícias-reportagens e artigos de opinião.

As fontes digitais Corpus do Português e Google, também, proveram o *subcorpus* escrito. No primeiro, pesquisaram-se textos de variados gêneros jornalísticos e, no segundo, consultaram-se apenas notícias, por meio da função, que seleciona apenas "notícia" como resultado de pesquisa.

A configuração geral dos dados coletados, de acordo com os acervos consultados está representada no quadro a seguir.

<b>Corpus</b>			
<b>Acervo</b>	<b>Dados orais</b>	<b>Dados escritos</b>	<b>Total</b>
<b>D&amp;G</b>	127	119	246
<b>PEUL</b>	26	91	117
<b>Corpus do Português</b>	275	203	478
<b>Google</b>	-	296	296
<b>Total</b>	428	709	<b>1137</b>

Quadro 3: Quantidade de dados coletados por acervo consultado.

A seguir, descreve-se como se deu a busca pelos dados, ou seja, avaliam-se os critérios utilizados para a coleta quais foram os procedimentos para empreender tal busca. Apresentam-se, também, as hipótese acerca do tratamento dos dados, de forma a discriminar as etapas das análises.

## 2. Método de coleta de dados

Coletaram-se no *corpus* supracitado esquemas sintáticos com *ir*. Não se privilegiaram apenas as construções em que aparentemente se percebia algum grau de congelamento idiomático, como também os padrões sintáticos em que o processo de lexicalização parecia não atuar. Nesse sentido, buscaram-se dados que pudessem ser dispostos numa gradualidade entre casos tipicamente referenciais a casos tipicamente não referenciais, relevando-se, obviamente, os exemplos ambíguos. Tal procedimento é atinente ao que Traugott & Trousdale (2013) compreendem como processo de construcionalização, recente encaminhamento teórico que entende que há processos subjacentes à estrutura linguística que levam à emergência de uma construção gramatical. Segundo os autores, gramaticalização pressupõe a relação com instâncias construcionais, mas o reconhecimento de uma construção, tal como propõe Goldberg (1995) não indica que o processo de gramaticalização deva atuar.

Ainda que seja um verbo muito frequente na língua, *ir* é mais abundante na função de verbo auxiliar. Oliveira (2009) mostra que num total de 1569 ocorrências desse verbo, 1000 (64%) consistiam na função de auxiliar e 494 (31%) na função de verbo predicador. As demais ocorrências distribuíram-se nas funções de verbo copulativo (1%) e verbo com função discursiva (4%).

Nos *copora* orais coletaram-se todas as ocorrências de *ir* com função predicante, com exceção do Corpus do Português, pois caso se considerassem todas as ocorrências, o número de dados seria bastante grande. Nesse *corpus*, em específico, a entrada digitada para a busca de dados foi a seguinte: verbo *ir* (flexionado (i) nos tempos presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do presente, futuro do pretérito, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do

subjuntivo e futuro do subjuntivo; (ii) nas pessoas do discurso eu, ele, nós, eles; e (iii) nas formas nominais de infinitivo, gerúndio e particípio) + preposição + SN. Essas variáveis possibilitaram a observação de inúmeros dados, por isso consideraram-se apenas as quinze primeiras ocorrências com cada variável. Não se levou em conta a flexão do verbo nas segundas pessoas do singular e do plural e no tempo pretérito mais que perfeito, em função da hipótese da baixa produtividade dessas formas verbais no português brasileiro contemporâneo. Desconsideraram-se, também, os advérbios e as ocorrências com preposições diferentes de *para*, *a* e *em*, considerando-se que há aí um caso de variação e casos com outras preposições seriam muito particulares.

O critério de coleta para os corpora escritos foi o mesmo para o acervo do PEUL (todas as ocorrências com *ir* na função de predicador foram coletadas) e para o Corpus do Português. No que diz respeito ao método empregado para a captação de dados a partir da busca no endereço do Google, o critério seguiu alguns parâmetros usados na coleta do site do Corpus do Português, com pequenas diferenças. Tal endereço não oferece ferramentas avançadas de busca como no Corpus do Português, em que se bastava indicar o tempo verbal, para que o resultado selecionasse todas as pessoas gramaticais ocorridas. No caso do Google, foi necessário digitar todas as possibilidades de flexão de pessoa (com exceção daquelas já comentadas), tempo mais as formas nominais. Consideraram-se as dez primeiras páginas de cada esquema sintático, pelas mesmas razões quantitativas relatadas acerca dos resultados no endereço do Corpus do Português.

A busca de dados em acervos eletrônicos é justificada, também, pela falta de ocorrências com alto grau de idiomaticidade, como *foi pro céu*, por exemplo, para as análises acerca do processos de metaforização, metonimização e lexicalização.

Casos como esse foram raros nos *corpora* a que se teve acesso e indicam, a princípio, um elevado descomprometimento com a formalidade do texto, pois o que se espera de textos mais formais, especialmente os do gênero jornalístico, são construções que não suscitem interpretações variadas a depender do contexto.

O endereço eletrônico do Google serviu também para atestar determinadas possibilidades, especialmente, no que diz respeito às manipulações empreendidas com os dados. Assim, tal site funciona não apenas como um banco de dados, mas também como um validador, oferecendo contextos possíveis para determinada construção. Para a validação dos parâmetros utilizados para testar o nível de lexicalidade, recorreu-se ao Google para se tentar comprovar se determinado procedimento é viável e recorrente no português escrito ou não.

Os dados utilizados para análise de metaforização, metonimização e lexicalização são mais restritos, pois foram coletados, tendo em vista a hipótese de exibirem algum grau de lexicalização (algum nível de idiomaticidade). E é sobre esse assunto que a seção seguinte discute.

## **2.1 Triagem dos dados de acordo com a análise empreendida**

Os dados coletados foram separados conforme a utilidade para cada tipo de descrição proposta. Para as análises das propriedades morfossintática, semântica e pragmática das construções, consideraram-se todas as ocorrências, já que o conceito de construção gramatical engloba desde esquemas pouco composicionais até esquemas bem composicionais, como as expressões idiomáticas. Para as análises sobre os processos de expansão semântica e lexicalização, os dados passaram por uma triagem para que níveis de afastamento semântico dos constituintes e níveis de lexicalidade pudessem ser detectados e, em função disso, o

número de ocorrências que referendam este tipo de análise é inferior ao número para as análises das propriedades da construção.

A separação dos dados mais restritos - os que ilustram casos de expansão semântica e diferentes níveis de lexicalidade - levou em consideração o julgamento de haver ou não ocorrências ideais para esse tipo de análise. Assim, numa ocorrência como a ilustrada a seguir, depreendeu-se, por exemplo, que ir e o SN projetado ainda mantêm as propriedades de um núcleo conceptual básico, conforme as orientações de Taylor (1995).

(8) (...) qualquer aluno de mestrado conhece Mimesis de Auerbach. há uma pequena passagem - em Mimesis - que pode até passar - éh: sem que - se perceba - é uma passagem - em que ele conta uma história passada na Ters / na Tassália - éh e diz que essa história é: uma história - tipicamente kafkiana - talvez - possa se repetir a história aqui sem perda de tempo - rapidamente - Auerbach conta que: - na Ters / na Tassália - ou Tessália - éh:: - **o indivíduo foi ao mercado** - era um peregrino na cidade - **foi ao mercado** comprar peixe - era um viajante - comprou o peixe - e quando ia saindo do mercado encontrou-se com um amigo - um amigo de juventude - e esse amigo - era um: - um pretor - era um fiscal era uma autoridade municipal - perguntou quanto é que ele pagou pelo peixe - e ele respondeu que pagou xis pelo peixe - o indivíduo ficou escandalizado - entrou no mercado - procurou o comprador de peixe - deu um escândalo - chamou - os soldados - jogou o peixe no chão... (Corpus do Português - 190Or:Br:LF:Recf)

Os dados destacados em (8) ilustram a pré-análise ou a triagem comentada. Nesses casos, a construção de movimento mantém todas as restrições de seleção íntegras: um sujeito [+ animado] se desloca para um S<sub>PREP</sub> [+ locativo]. Observe-se



que é possível categorizar a construção “o indivíduo foi ao mercado” como um esquema construcional que aponta para referenciais identificáveis no mundo biossocial. Assim, um dado com esse não foi considerado para as análises de expansão semântica, justamente, por não apresentar traços que o habilite. Vale frisar que, para efeito de comparação, obviamente os dados mais lexicais foram usados, mas para o estabelecimento de frequências, eles não entram.

A concepção funcionalista advoga a favor de que há gradualidade na mudança linguística e até que uma forma se fixe como um elemento gramatical, por exemplo, ela passa por inúmeros estágios ambíguos, como aponta Heine (1993) acerca da trajetória de verbos predicadores a verbos auxiliares. Assim, relacionaram-se os dados que foram julgados como ambíguos ou que já apresentavam um afastamento, ainda que bem sutil, da construção fonte (exemplificada em [8]). O dado (9) evidencia um caso em que os elementos da construção revelam leve grau de afastamento de uma referencialidade, justificado pelo fato de o SN projetado pela preposição (“médico”) não configurar um locativo prototípico, ainda que se perceba, por meio de uma estratégia metonímica, que o elemento locativo concreto seja “clínica”, “hospital”, “consultório” etc.

(9) (...) sala de estar né? - uhum - levou uns tres anos - pra comprar esses imóveis pra fazer - () - porque ele só queria fazer a vista entende como é? porque se ele tivesse um - se ele tivesse pago - aquele negócio todinho - em prestações de naquela época de de de quinhentos cruzeiros trezentos cruzeiros - eu gosto muito sabe? - levou três anos menino - eu não sei - isso não é o pior não - e quando ele montou fez tudinho - veio a cheia - aí **ele** teve uma despesa maior do mundo - não **foi ao médico?** - com / - pra consertar vê - não **foi para o médico** não **foi ao psiquiatra?** -

heim? foi não - não foi lhe dado choque? - foi não - ele teve foi que - descolou foi tudo os móveis todinhos foi uma desgraça danada e: () pra o pra o pra o - agora eu tenho móveis antigos peguei - pra o - peguei meio metro de cheia dentro de casa - ahn - quando acabou - a história - estava na época de eu... (Corpus do Português - 190Or:Br:LF:Recf)

Para fins de apresentação de um dado ambíguo, o exemplo (10) ilustra uma construção que ainda não revela um alto grau de idiomaticidade, mas também não decodifica um baixo afastamento do núcleo lexical.

(10) ((riso)) aí ele resolveu bater na porta né ... aí o velho ficou logo assustado né ... e tudo né ... aí perguntou e aí ele empurrou ele pra fora né ... empurrou o homem pra fora lá ... num quis entrar ... aí o velho expulsou ele de casa né ... porque num queria que ele visse é:: a mulher dele lá ... a velha lá e o cachorro dele lá ... um pastor alemão bem grande ... aí **ele foi pra casa** né ... e ficou encucado com aquele negócio ali ... e ficou pensando né ... (D&G - Natal - Informante 1 - Narrativa Recontada)

Embora “ele” e “casa” sejam elementos com valores referenciais indiscutíveis, o significado construcional, depreendido a partir do todo exibe menos composicional. A estrutura em destaque sinaliza que o agente “desistiu”, “foi embora”. Não é objetivo desta seção apresentar uma descrição de dados, no entanto o caráter duvidoso de dados como (10) permitem enquadrá-lo como uma ocorrência ambígua do fenômeno.

Para finalizar a ilustração do método empregado para a triagem dos dados, a construção destacada em (11) decodifica um valor muito próximo do que Xatara

(2001) e Esteves (2012) consideram como idiomático. Percebe-se perda de valor composicional e ganho de autonomia lexical.

(11) na escola/ na minha escola... tá:: caidinha... né? tá precisando de uma reforma... mas o estado... não colabora em nada... os professores se queixam e tudo... tem professores muito bons aqui... mas que estão saindo do colégio por falta de material... por falta de apoio do próprio estado que não ajuda... não colabora... entendeu? e quem sofre com isso tudo somos nós... os alunos... crise educacional... o país está:: ruim... e vai daqui pra pior... eu acho que não vai melhorar enquanto tiver essa política de... corrupção... safadeza... que eu acho isso uma safadeza... entendeu? porque os políticos só pensam neles... e mais ninguém... e os que precisam realmente que se lixem... se tiver estudo pra eles... ótimo... se não tiver melhor ainda... então eu acho que **essa crise educacional vai daqui pra pior**... não vai ter apoio mesmo dos políticos... de ninguém... se a gente não lutar... nós.... alunos... né? nós... pais... se nós não lutarmos pra melhorar... ( ) (D&G - Rio de Janeiro - Informante 19 - Relato de Opinião)

A construção destacada apresenta uma expressão bem idiomática e consagrada no português “vai de mal a pior/vai daqui pra pior”. Ainda que haja variação de forma, essa ocorrência adquire propriedades bem peculiares que a tornam um bom exemplar para os processos de expansão semântica e de lexicalização.

### **3. Hipóteses de tratamento**

Optou-se por empreender uma análise de base predominantemente qualitativa em função da natureza diversa da construção aqui apresentada. Apresentam-se,

porém, algumas frequências que licenciam, por exemplo, a produtividade de uma dada instância de uso para que ela se ritualize e se torne socialmente apreendida (BYBEE, 2003).

Os dados contemplados nesta tese são analisados, num primeiro momento, sob o viés construcional, ou seja, descrevem-se os padrões/esquemas sintáticos e semânticos identificados, com base nas propriedades morfossintáticas dos itens que participam de tais padrões e das propriedades gerais de cada padrão que interfere no comportamento dos itens. Dessa forma, avaliam-se (i) as características do verbo ir; (ii) a relação entre o tipo de preposição regida e o verbo, assim como a relação entre ela e toda a construção; e (iii) o comportamento morfossintático, semântico e pragmático do elemento projetado sob a forma de um sintagma nominal. Além disso, interpretam-se os sentidos estabelecidos a partir da relação da construção com o contexto em que usada, com base em aspectos de interação comunicativa (DIK, 1997).

Num segundo momento, discutem-se os parâmetros de expansão semântica e de lexicalização para explicar processos de mudança desencadeados no interior da referida construção. Sob a perspectiva dos processos de gramaticalização e lexicalização, analisam-se, pois, (i) as propriedades construcionais que licenciam a mudança dos elementos envolvidos na construção, isto é, aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos que podem provocar a mudança dos itens participantes; (ii) os parâmetros de metaforização e lexicalização, de modo que seja possível perceber diferentes graus de fusão ou congelamento entre os elementos da construção; e (iii) a possibilidade de ir ser considerado um verbo-suporte, por meio de testes de predicação.

## 5. Síntese

Este capítulo descreveu os acervos em que se pautaram as análises, os métodos de coleta de dados e a metodologia de análise. A pesquisa baseia-se em *corpora* múltiplos, cujo princípio é o de se captar a maior quantidade possível de dados para o fenômeno. Para dar conta dessa natureza de coleta, buscaram-se, em acervos como D&G, PEUL e Corpus do Português, ocorrências da construção de movimento com *ir*. O site Google serve a esta pesquisa como fonte de dados, na tentativa de se encontrarem casos possíveis, mas com baixa ocorrência nos acervos a que se teve acesso e como um validador, para confirmar, por exemplo, os testes de lexicalidade realizados com base em alguns parâmetros.

Coletaram-se 1137, dados distribuídos pelos acervos supracitados e compreendidos pelas modalidades falada e escrita da língua. Esse total passou por uma triagem que separou 311 dados para a análise que trata da expansão semântica dos constituintes e do grau de lexicalidade. Essa pré-análise pautou-se no julgamento de haver, nas construções coletadas, ao menos, um traço ínfimo que permitisse a observação de afastamento da construção-fonte (exemplo [8]).

A partir do *corpus* apresentado e da metodologia de análise, passa-se, no capítulo subsequente, às descrições do fenômeno em pauta nesta pesquisa.

---

## CAPÍTULO III

---

# PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES EM FOCO

---

### **Introdução**

Neste capítulo, objetiva-se interpretar os dados com base na hipótese de que *ir* forma com os constituintes a que se relaciona uma construção gramatical com diferenciadas sinalizações semânticas. Tendo em vista propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas - no que se refere à relação entre as construções e as instâncias de uso -, descrevem-se os dados.

De acordo com Goldberg (1995), uma construção gramatical consiste num esquema sintático com uma contraparte semântica, que pode sofrer variações, dependendo da interação dos componentes com o significado geral da própria construção. A identificação das construções com *ir*, no entanto, foi feita, levando-se em consideração, sobretudo, a contraparte semântica, já que o padrão sintático é o mesmo. A construção de movimento intransitivo, o único padrão sintático

identificado, instancia interpretações que aproximam, semanticamente, tais estruturas das construções de movimento causado.

Em função do tipo de evento que expressam, conforme as orientações de Dik (1997), interpretaram-se os dados, levando-se em consideração os parâmetros de momentaneidade, dinamicidade, controle e telicidade. Com base nessa separação, chegou-se a algumas leituras acerca das especificidades morfossintáticas e semânticas das construções de movimento com *ir*.

## **1. Características do sujeito**

As características do sujeito são importantes para a construção de movimento com *ir*, pois, a partir da observação de certas propriedades semânticas desse constituinte, os dois tipos semânticos de construções de movimento - construção de movimento intransitivo e construção de movimento causado - podem ser identificados. Assim, num primeiro momento, descrevem-se os dados, tendo em vista o traço semântico de [+controle] e, em seguida, avalia-se a pertinência do traço [+animacidade] para caracterizar o argumento externo.

### **1.1 Controle**

Em termos morfossintáticos, as construções apresentam um verbo que se vincula a um constituinte sujeito, que é afetado pelo próprio processo desencadeado por *ir*, e a um complemento preposicionado, configurado como um elemento não afetado ou não deslocado pelo sujeito. Essas características são importantes para a explicação do rótulo "movimento intransitivo". Gramáticas, como a de Rocha Lima (2006) e a de Mateus et alii (2003), entendem *ir* como um verbo que exige um complemento interno, contrariando uma tradição gramatical mais enfática que advoga a favor da intransitividade de tal verbo. Para Goldberg (1995), no entanto, a

nomenclatura "movimento intransitivo" decorre da falta de afetação do complemento preposicionado projetado por ir, diferentemente de complementos como "A Maria jogou a bola".

(12): "(...) entrar na Mackenzie - e - isto - isso aconteceu recentemente - quer dizer recentemente não porque ele já se formou - mas mais ou menos há uma questão de sete ou oito anos atrás - e este espírito então antigamente existia muito mais forte porque -- - o grupo era menor - todo mundo se conhecia - havia bastante amizade e tal - e então a grande maioria dos **alunos** ficavam - num desses cursos ou Engenharia ou Arquitetura - agora - o - **uma parte menor** - **ia para** - - **o São Francisco** fazer - Faculdade de Direito - ou então - ia para a Faculdade de Medicina - em menor número - este - os - candidatos à - que se dirigiam à Medicina - eram - - era um número bem menor - - e vocês recebiam alguma orientação religiosa? - não - orientação religiosa propriamente não - o Mackenzie é de - - base protestante - presbiteriana - havia um culto diário - mas esse culto não era - - - eu não classificaria de Orientação - religiosa - era como se fosse uma oração - na Igreja Católica que se fizesse todos os (...)" (Corpus do Português - orBr-LF-SP-3:242)

(13): "bom... que tenha sido interessante? foi assim... eu estava::/ era minha última prova né? era prova de química... e eu estava nervosa... né? porque geralmente prova de recuperação é muito difícil... né? e precisava tirar cinco nessa prova... mas não sabia se ia tirar... estava estudando... aí tudo bem... **fui pro colégio** fazer essa prova pensando "poxa... já pensou se ela me desse a mesma prova do quarto bimestre? ah... eu ficar emocionada... ia passar na mesma hora..." eu ali e pensando naquilo "ah... mas isso não vai acontecer... isso é impossível de acontecer..." aí quando cheguei



lá... sentei lá... lá na frente... ela foi passando a prova pra todo mundo... né? (...)" (Corpus D&G - Narrativa Pessoal - Rio de Janeiro)

(14): "(...) bem... o fato mais chato que não aconteceu comigo mas aconteceu com um grupo de amigos... que eu faço academia... há:: o que? há um mês atrás... então o pessoal... numa sexta-feira... todo mundo "ah:: uma cervejinha... (vamos beber) uma cervejinha... vamos fazer um churrasquinho" e tal... tal... tal... todo mundo muito alegre... muito brincalhão... e eu fui pra::/ saí da academia... comi o churrasco... bebi a cerveja... e **fui pra casa**... e eles saíram dali e foram para um::... um bairro... chama Jesuítas... entendeu? e lá eles começaram a beber beber beber beber... eu encontrei com eles depois... ( ) assim... numa altura de quarenta minutos a uma hora... depois... nesse Jesuítas... eu continuei lá bebendo... conversando e tal... mas eu fui com o meu carro... e eu continuei... continuei no local... e eles quiseram ir embora... e isso era em torno de:: umas seis pessoas... numa caminhonete... não foi nem Pampa... caminhonete... foi numa caminhonete branca... e o cara... já estava meio doidão... foi dirigindo e tal... esse rapaz... pulando em cima da caminhonete... sentou... naquela parte do lado:: direito... a caminhonete de frente... né? tem o lado direito... ele sentou... segurou assim e sentado... quer dizer... as costas... virada pra rua... né? então de frente pro outro lado... dentro da caminhonete... pra você entender..." (Corpus D&G - Narrativa recontada - Rio de Janeiro)

(15): "Comissões do Senado aprovam mudança no fuso horário do Acre. - Se virar lei, estado terá duas horas a menos em relação à Brasília. **Matéria** ainda passará por votação suplementar para **ir à**

**Câmara.**” (O Globo, “Comissões do Senado aprovam mudança no fuso horário do Acre” 31/12/2011)

(16): “**Arruaceiros vão em cana.** Dupla se envolveu na briga de Niterói.” (Meia Hora, 05/052012)

(17): “(...) eu não sei eu estava pensando - um livro que eu li há pouco tempo - que é sobre - pega toda a história da feitiçaria na Idade Média - como surgiu e tal - e os nego - os nego assim sabe? você vê altos magistrados - em relatórios - orgulhosos de terem queimado duas mil feiticeiras num dia - quer dizer na época aquilo tinha virado terror - que era só dizer " olha fulana olhou - - tinha um gato preto perto dela - e ela olhou meio assim - no dia seguinte beltrano morreu " né? - **qualquer um ia para a fogueira** mesmo né? - é pode ser que tenha um mecanismo de compensação - você dizer que - você pode dizer que atinge a (mais) coisa - o nazismo atingiu mais porque os - não - pode ter mecanismos de compensação só - ai - o os - humanos - são muito perfeitos \* os humanos são muito pouco humanos né? ainda \* isso é um galho aí o sistema que faz a - raça humana se desenvolver né? é muito perfeito - não porque você percebe.” (Corpus do Português - orBr-LF-SP-2:343)

(18): “**Cidade espanhola vai à falência** e depende de voluntários para funcionar. Prefeitura do município de Higuera de la Serena conta com ajuda dos habitantes para a realização de serviços públicos. (zerohora.clicrbs.com.br - Acesso em 14 de maio de 2012)

(19): “**O sonho foi para o ralo.** Após um primeiro tempo de boa qualidade, quando marcou forte, jogou como gente grande, teve um pênalti não marcado, o Grêmio caiu de produção na etapa final, levou 3 a 1 do Santos e foi demitido da Copa do Brasil.” (<http://wp.clicrbs.com.br> – Acesso em 25 de julho de 2010)

Todos os 1137 dados deste estudo apresentam uma estrutura sintática como a dos enunciados acima, ou seja, o verbo *ir* associado a um sintagma com função sintática de oblíquo. Depreende-se, a partir dessas ocorrências, no entanto, que, conforme adverte Goldberg (1995), construções gramaticais podem influenciar no comportamento semântico de seus integrantes e vice-versa. Assim, observa-se que o padrão sequencial *ir* + preposição + SN propicia diferenciadas possibilidades de significados, pois é uma instanciação de um evento concreto, a partir do qual, por meio de processos cognitivos, os usuários o manipulam em diferentes contextos linguísticos.

Todos os dados sinalizam algum tipo de movimento concreto ou abstrato, que pode ser ocasionado pelo próprio sujeito (movimento intransitivo) ou por outro agente (movimento causado). As ocorrências em (12), (13) e (14) ilustram o controle que o sujeito tem sobre o processo decodificado pelo predicador *ir*, já os enunciados (15), (16), (17), (18) e (19) revelam sujeitos que não têm controle sobre o movimento sinalizado. Em (15), o elemento "Matéria" passará por um processo para ser aprovada na câmara. Esse sujeito não tem condições de promover seu movimento. A partir do exemplo (16), depreende-se que "arruaceiros" são presos, em função de um delito. Eles são levados pela polícia até a prisão, o que suscita uma leitura de movimento causado. O dado (17) - qualquer um ia pra fogueira -, também, exibe uma construção cujo sujeito é "conduzido", ou seja, tem seu movimento provocado por algum agente. Esse caso revela um significado de condenação; "alguém é levado à condenação". A expressão ir à falência, realizada no exemplo (18), indica que "uma cidade" decretou falência, mas o processo de movimento metafórico não falido > falido não é voluntário, ou seja, não se percebe um sujeito que incita o próprio movimento. O sujeito do enunciado (19) - "o sonho" não impulsiona o

processo verificado. Nesse exemplo, em específico, há um caso bem relevante de expressão idiomática.

Essas associações entre os dados desta tese e os tipos de construções propostas por Goldberg (1995) não são rígidas, mas são consideradas gradualmente; ou seja, as descrições desenvolvidas permitem categorizar as ocorrências em *continua* que se configuram a partir das características dos dados - as características aproximam-se ou afastam-se das propriedades prototípicas das construções de movimento intransitivo ou movimento causado. Esse tipo de análise, em termos de gradualidade, é válida pois algumas interpretações direcionam as construções para um entremeio, o que licencia analisá-las como dois tipos de construções. De acordo com o parâmetro [+ controle], quantificaram-se os dados, de modo que construções com sujeitos controladores foram categorizadas como de Movimento Intransitivo e construções com sujeitos não controladores como Movimento Causado. Veja-se a distribuição.

TIPOS DE CONSTRUÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA
<b>Construção de movimento intransitivo</b>	544	48%
<b>Construção de movimento causado</b>	593	52%
<b>TOTAL</b>	1137	100%

Tabela 1: Número total de ocorrências distribuído pelos tipos de construção identificados.

A tabela (1) revela um forte equilíbrio, em termos de distribuição, entre as construções de movimento intransitivo e as de movimento causado. Tal resultado demonstra que a propriedade [+ agente] não é um traço imprescindível do núcleo lexical básico de *ir*. Predicados básicos com esse verbo pressupõem movimento/processo e o traço [+ agente] é apreendido no contexto.

## 1.2 Animacidade

Por ser um verbo de orientação dêitica, como adverte Vilela (1992), a hipótese acerca da animalidade do sujeito projetado por *ir* é a de que esse constituinte, mais frequentemente, apresenta características [+ humanas] e [+ animadas]. No entanto, por conta de processos semânticos, que serão explorados no capítulo subsequente, *ir* pode projetar um argumento com baixo grau de animacidade. A distribuição dos dados, tendo em vista esse parâmetro ficou como ilustrado a seguir.

ANIMACIDADE DO SUJEITO / FUNÇÃO SEMÂNTICA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA
[+ Humano]	716	63%
[+ animado]	170	15%
[+ objeto]	90	8%
[+ abstrato]	161	14%
<b>TOTAL</b>	1137	100%

Tabela 2: Distribuição dos dados de acordo com a animacidade do sujeito.

Essas frequências revelam que as construções com *ir* ainda estão atreladas às restrições de seleção básicas, o que é confirmado pelo alto índice de sujeitos com o traço [+ humano].

Os exemplos (12), (13), (14), (16) e (17) apresentam constituintes com o valor semântico [+ humano] - “uma parte menor dos alunos”, “eu”, “eu”, “arruaceiros” e “qualquer um”, respectivamente. Os sujeitos dos enunciados (15), (18) e (19), por outro lado, decodificam um traço [- humano] e, em função disso, o movimento decodificado exprime um forte valor de processo; ou seja, um movimento mais metafórico.

## 2. Características do sintagma nominal

Um dos critérios pré-estabelecidos para a realização da coleta dos dados para as análises acerca dos processos de mudança que ocorrem no interior da construção foi o da interpretação da sequência *ir* [para, a, em] SN como uma unidade compósita que evidenciasse uma expressão idiomática. Por assim ser, o elemento não verbal, que em predicções prototipicamente lexicais expressa um lugar concreto, como “a praia” em “vou à praia”, nos dados interpretados para esta etapa da pesquisa, comporta-se de maneira flutuante. Ora esse item aponta para um lugar mais concreto, ora para um lugar menos concreto. Nesse momento do texto, portanto, avalia-se a noção de espaço que é incorporada em diferentes graus de abstratização aos elementos não verbais que compõem a construção em estudo.

Heine, Claudi & Hünemeyer (1991, p. 42), ainda que não estejam se referindo diretamente à noção de espaço, propõem uma relação entre tipos de conceito e graus de abstratização. Os autores demonstram que a expressão de um domínio sob a forma usual de outro, da maneira como ocorre com alguns dados desta pesquisa, é fruto de uma transferência conceptual, em que, de um lado, observamos um conceito fonte (input) e, do outro, alvo (output).

<b>Tipo de conceito</b>	<b>Graus de abstratização</b>
I. Básico (concreto)	Concreto
II. Derivacional	Pouco concreto
III. Relacional concreto	Mais abstrato
IV. Relacional puro	Puramente abstrato

Quadro 4: Relação entre tipos de conceitos e graus de abstratização.

Com base na relação proposta pelos autores, as expressões de lugar analisadas podem ser (i) diretamente motivadas, quando se tratar de um locativo

concreto; (ii) parcialmente motivadas, quando o candidato a locativo se tratar de uma parte de um lugar ou se tratar de um componente de um campo semântico de um dado lugar; e (iii) não-motivadas, quando se tratar de um item que não aponta para qualquer locativo nem para campos semânticos próximos de um lugar concreto. Vejamos exemplos que ilustram esses três graus.

(20): **Vai para a cadeia** atendente que enganou casal de idosos vencedor da loteria Um atendente de uma loja na cidade inglesa de Manchester foi condenado a 30 meses de prisão por tentar aplicar um golpe em um casal que havia ganho um prêmio de um milhão de libras (quase R\$ 3,2 milhões) da loteria.” (www.bbc.co.uk - Acesso em 20 de agosto de 2012)

(21): “Mesmo com dores na coxa direita, **Rogério Ceni vai para o jogo** contra o Botafogo. O goleiro, depois de participar de treino específico para a posição e da atividade tática, deixou o treino desta quarta-feira mais cedo.” (www.tricoloromania - Acesso em 29 de agosto de 2012)

(22): No segundo show da turnê pelo Brasil, Madonna se apresenta nesta terça-feira em São Paulo. Porém, antes mesmo do show, os **fãs foram à loucura** na fila e no ensaio da cantora durante o dia. Alguns apaixonados garantem que ficaram mais de 40 dias na fila e outros que vieram da Paraíba para ver a rainha do pop de perto. Já outros não se contentaram em ir só em um dos shows. Além de Rio de Janeiro e São Paulo, eles acompanharão a diva em Porto Alegre.

O enunciado (20) mostra uma predicação com *ir* em que o locativo é acessado diretamente, sem a necessidade de algum tipo de interpretação especial, já que o item “cadeia” preenche os requisitos semânticos para se estabelecer como um lugar concreto. No exemplo (21), o SN “o jogo” aponta para um espaço depreendido a

partir do contexto de “jogo de futebol”, que será executado num estádio/campo. Nesse exemplo, observa-se o processo da metonímia cuja base está “na possibilidade de se estabelecerem conexões entre entidades que co-ocorrem com uma dada estrutura conceptual” (Taylor, 1995, p. 123-124). Em (22), no entanto, nem por estratégias especiais é possível associar “loucura” a um espaço concreto. Nesse caso, não há motivação alguma.

Batoréo (2000) comenta que o (re)conhecimento da noção de espaço de um indivíduo depende de motivação e necessita de aprendizagem. Tal afirmação, que está de acordo com os comentários acerca dos dados (20) e (21), sugere que a expressão de lugar é uma combinação de processos cognitivos e sensitivos que são ativados mais ou menos diretamente.

O exemplo (22), por outro lado, mostra algo que está além do que se conhece de espaço. Considera-se, para esses casos, uma espécie de derivação que pode ser explicada por meio processos de mudança semântica. O item “loucura” não aponta para qualquer espaço perceptível, mas viabiliza uma interpretação espaço-temporal, já que existe um movimento para um ponto temporal (o processo dos fãs se tornando históricos). Essa interpretação associa-se ao que se entende por metáfora (TAYLOR, 1995).

Com base na explicação do autor, pode-se entender, sobre o objeto de estudo desta pesquisa, que o domínio do movimento no espaço é usualmente conceptualizado sob uma determinada expressão linguística, ou seja, sob a forma de um verbo de movimento mais a direção do deslocamento, porém, pelo fato de o domínio temporal ser usualmente associado (ou confundido, como afirma Heine, 1993) ao domínio do espaço, conclui-se que, metaforicamente, a interpretação que



se faz dessas entidades prototipicamente não espaciais (vide exemplo 22) é a de que se comportem como locativos temporais.

A distribuição dos dados em função dos níveis de abstratização do elemento que ocupa a posição de locativo está ilustrada na tabela a seguir.

Grau de abstratização	Número de ocorrências	Frequência
Diretamente motivado	260	45%
Parcialmente motivado	86	15%
Não-motivado	230	40%
Total	576	100%

Tabela 3: Distribuição dos dados de acordo com o grau de abstratização do nome.

Os números mostram que, independentemente, do sentido construcional que a sequência *ir para* SN exprima, o nome ocorre, mais frequentemente, com propriedades de um locativo concreto. Isso sugere, em conformidade com as análises acerca da animacidade do sujeito, que as expressões idiomáticas com *ir* ainda estão relativamente presas às restrições semânticas desse verbo, ainda que exista um equilíbrio com as construções compostas por nomes que não remetem a um locativo concreto (40%).

Esses números contribuem para a discussão de aspectos de lexicalização da construção. Na medida em que nomes, sem característica alguma de locativo, aparecem na posição projetada pela preposição, pode-se considerar que esses itens estarão mais “presos” ao contexto em que ocorrem, diferentemente de um locativo mais prototípico, como “Brasil” ou “Ilha do Fundão” que não são restritos à construção *ir [para, a, em] SN*. Essa dependência ao contexto permite uma adesão mais acentuada desses nomes, deixando as construções mais lexicalizadas.

### 3. O impacto semântico da variação da preposição

A preposição que encabeça o SN, dentre os diversos exemplares coletados, pode variar entre *a*, *para/prá/pro* e *em*. A seguir, mostra-se como ficou distribuída a ocorrência das preposições, em função da forma com que aparecem.

FORMA DA PREPOSIÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA
<b>A</b>	443	39%
<b>PARA/PRA/PRO</b>	579	51%
<b>EM</b>	115	10%
<b>TOTAL</b>	1137	100%

Tabela 4: Distribuição do número de ocorrências, em função do tipo da preposição.

Esse resultado é previsível, considerando que as preposições prototípicas de movimento são *a* e *para*. Batoréo (2000, p. 409) mostra que as formas *para* e *a* consistem em preposições adlativas e aparecem em estruturas de “movimento *a/para*”, diferentemente de *em*, que é considerada locativa e suscita uma estaticidade. Os dados da pesquisa mostram que os significados com os quais uma preposição *em*, por exemplo, pode colaborar extrapolam essa noção de estaticidade (como no exemplo “vai em busca”, em que não se observa tal noção).

No português brasileiro, a regência do verbo *ir* é considerada um fenômeno variável, já que é possível o uso das três preposições mencionadas. O estudo de Vieira (2009) demonstra, com base numa amostra pautada em dados da região sul do Brasil, que as preposições *a* e *para* ainda são as preferidas dos falantes, pois marcam com mais nitidez a noção de movimento. Dos 391 ocorrências do verbo *ir*, 227, ou seja, 58% envolveram o uso das preposições *para/a*. O uso de *em*, segundo a autora está associado às propriedades do local para onde o agente se move, de maneira que, se o lugar for mais específico, menos aberto, há uma forte tendência

ao uso da preposição *em* ("vou na biblioteca da escola" / "vou para a festa de um amigo").

No que tange às construções observadas neste trabalho, quanto mais referencial for a predicação, haverá mais chances de acontecer a variação da preposição. No entanto, se a estrutura apresenta algum grau de idiomaticidade, certas restrições incidirão sobre essa possibilidade de variação.

(23): "**A jovem Verônica**, de 18 anos, que é suspeita de matar o namorado num motel em Niterói, no Rio de Janeiro, **vai a júri popular**. A decisão, publicada nesta sexta-feira (30) no Diário da Justiça, é do juiz Peterson Barroso Simões, da 3a Vara Criminal de Niterói. O empresário Fábio Gabriel Rodrigues, de 33 anos, morreu enforcado no dia 14 de maio." (O Globo, 30/09/2012)

(24): "**Muita gente foi às compras** para aproveitar o que pode ser o último fim de semana com o IPI reduzido nos carros e eletrodomésticos. Eletrodomésticos da chamada linha branca podem ter acréscimo de até 10% com o fim do desconto no IPI. Anderson correu para garantir o preço do fogão. "De R\$ 1.100 por R\$ 942 fica mais em conta", comenta. Movimento também nas concessionárias. Quatro das dez marcas que mais vendem carros no país estão fazendo os chamados feirões de fábrica na Grande São Paulo." (O Globo, 25/08/2012)

(25): "(...) é num clube que tem aqui mesmo no bairro de Fátima... ali perto da:: Biquinha... o lugar que eu mais gosto de estar no clube é a piscina... por que vai eu e os meus colega... a gente fica na piscina... de vez em quando **a gente** vai jogar uma bola no clube... **vai pro bar**... fica paquerando as menina... o clube é bonito... tem várias árvores... paisagem bonita... lá é divertido... o mal que só abre

quinta... sexta...sábado e domingo... não abre todos os dia da semana... lá eu pratico a natação... jogo bola... solto cafifa... e um montão de coisas..." (D&G - Rio de Janeiro - Narrativa Experiência Pessoal)

(26): "(...) lá nos fins de tarde, e também o Graciliano, o Bandeira. Mas eu não tinha coragem de falar com eles. Na época em que eu morava na Rua Paiçandu, eu ia uma vez por mês tomar um chope com uns amigos no Bar Recreio, na Praça José de Alencar. Era a época em que eu estava lendo o Amok, do Stefan Zweig. Uma noite, eu vi o Zé Lins tomando um drinque com a mulher. Pensei: bom, vou correndo até em casa pegar um livro dele e trazer para ele assinar. **Fui em casa**, voltei com o livro, mas cadê coragem de chegar perto? Depois do chope, voltei para casa com o livro sem assinatura. Estado - Seu primeiro livro, Os Cavalinhos de Platiplanto, saiu quando você já estava com 44 anos. Não julga que demorou demais para publicar? Veiga - Eu tinha essa angústia, achava que estava demorando demais para começar. Mas hoje acho que não demorei demais, não. Acho que fiz as coisas no tempo certo. Existem tantos escritores que começam (...)" (Corpus do Português)

As sentenças (23) e (24) mostram construções com *ir* mais idiomatizadas, ou seja, "ir a júri popular" e "ir às compras" são amostras de expressões que guardam determinado grau de congelamento semântico. Nesses casos, manipulando-se tais dados, de modo a promover a substituição da preposição, chega-se a *A jovem Verônica (...) vai para/em júri popular (...) e Muita gente foi para/em compras (...)*. A expressão "vai para júri popular" é possível na língua e é confirmada por meio de dados advindos da base de busca Google. Já com o termo "vai em júri popular", não se obteve um dado sequer, o que indica a semelhança das preposições *a* e *para*, no

que concerne à sinalização de movimento/fluidez que se contrapõe à ideia de não movimento da preposição *em*.

#### **4. Características do predador**

A forma com que *ir* aparece pode variar dentro da própria construção. Portanto, a forma verbal pode estar em qualquer pessoa, número, tempo e modo (*vão/vamos/vai/foram/fossem para a Faculdade de Medicina; vamos/iriam/estão indo à falência; tinham ido/continuam a ir/irão para o ralo*). Outro aspecto importante concernente à forma verbal é o fato de, em quase todos os dados, não ser possível substituir *ir* por qualquer verbo, nem por aqueles que, por essência, significam “movimento”, sem ferir o significado da construção (*voltar da/andar para a/vir do colégio; voltar da/andar para a/vir da cana; voltar da/andar para a/ vir da falência; voltar do/andar para o/vir do ralo*). Isso prova que existe uma construção de movimento intransitivo, mas que restringe os verbos que podem ocupá-la. Ainda que, em alguns casos, seja possível usar o verbo *sair* (*saiu para a faculdade / saiu pro colégio*), mantendo-se o significado de movimento intransitivo, percebem-se diferenças de sutilezas semânticas. Segundo Bybee (2010), uma construção apresenta fortes indícios de gramaticalização quando passa a ter uma rigidez na sequência dos elementos, o que facilita uma ritualização por repetição frequente. Dessa forma, nos casos em que se percebe maior incidência de idiomatização e, conseqüentemente, lexicalização, a substituição de *ir* será fortemente bloqueada.

Algumas construções identificadas no *corpus* configuram uma exceção em relação a essa possibilidade de substituição de *ir*. Em alguns casos, com complementos internos bem específicos, o verbo *sair* encaixa-se na construção sem promover diferenças de nuances semânticas.

(27): “Estado - Na conferência da SIP, a Colômbia foi o país mais citado nos relatórios sobre ameaças aos jornalistas. Mas o presidente Ernesto Samper, no discurso que fez aqui partiu para o ataque, acusando a imprensa de sensacionalista. Como o senhor viu o discurso dele? Arbilla - Em qualquer país há uma enorme variedade de veículos de comunicação e o público leitor elege aqueles que gosta. Não sei de nenhum lugar em que só existam veículos do tipo sensacionalista. O presidente da Colômbia parece preocupado em estabelecer uma política de informações, como se fosse possível interferir nos fatos, mudá-los. É uma bobagem. Se um grupo terrorista coloca uma bomba num determinado local público, com o objetivo de desestabilizar (...)” (Corpus do Português - 19Or:Br:Intrv:ISP)

(28): “(...) em ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma certa família ... que muito me tocou onde essa família vivia à procura de uma terra ... a procura de:: alimento ... e eu fi/e eu me sentia muito triste quando:: eu fiquei sabendo dessa história porque veja bem ... eles ... tiveram que deixar:: todos os seus parentes e foram em busca de um ... de um lugar pra se estabilizar ... e quando eles tavam no caminho ... porque eles moravam num lugar onde era:: num ... num tinha chuva ... no sertão ... e lá como você sabe no sertão chove:: chove pouco e as pessoas viviam ... moravam num:: no interior (...)” (Corpus D&G - Narrativa recontada - Natal)

Nos dois exemplos acima, existe a possibilidade de substituir ir por outros verbos (sair/partir ao ataque; sair/partir em busca). Percebe-se que, em (27) e (28), há uma tomada de atitude em relação a certas situações e o próprio contexto dá indícios disso. No exemplo (27), depreende-se que o presidente Ernesto Samper, em função de comentários da imprensa, assume uma postura mais severa e “ataca”

a imprensa, chamando-a de sensacionalista. Na sentença (28), verifica-se uma situação difícil para a família que precisava “tomar uma atitude” para tentar resolver tal dificuldade.

Essas características observadas nessas primeiras apreciações das construções com *ir* revelam que existe uma relação entre movimento factual e outras construções emergentes na língua que suscitem qualquer tipo de movimento. Tal relação evidencia a conexão entre diferentes áreas da cognição humana e promovem usos mais afastados do considerado mais básico e lexical/concreto.

## 5. Construção de movimento intransitivo

O esquema sintático mais comum dentre os dados analisados, a construção de movimento intransitivo, codifica um deslocamento, em diferentes níveis de abstratização, de um sujeito a uma meta. Esse tipo é o mais básico e, a partir dele, derivam-se os usos menos prototípicos. A peculiaridade dessa construção que difere das demais identificadas é o fato semântico de o movimento depreendido ser motivado pelo próprio sujeito. Em outras palavras, o critério utilizado para categorizar esses dados foi o parâmetro de controle (DIK, 1997). Foram coletados 716 dados com essa instanciação do esquema abordado, o que representa 62,9% das ocorrências coletadas.

(29): "(...) é que lá em Poços de Caldas tem um relógio grande... aí a gente tirou foto... aí depois... lá... quando a gente andou... de carro... aí lá tinha um parque... aí a gente estava/ ficava brincando... aí depois **eu** sempre **ia no relógio**... porque ele era muito bonito... e o parque também... e também... eu gostava muito de lá... porque lá eu fazia muitos amigos... ele tem brinquedo... é muito legal os brinquedos... e eu sempre vou lá... porque meu pai deixa eu *ir* lá... e

às vezes ele deixa eu andar de patins no relógio... e ele/ **o meu pai vai** comigo **em todos os brinquedos...**” (Corpus D&G, Descrição de local - Rio de Janeiro).

(30): (...) não ... ele bateu com a cabeça ... aí foi uma pancada interna ... por isso que ele ficou internado ... mas saiu antes do dia ... foi um sufoco ... ele passou muitos dias assim ... sabe? aéreo ... pessoa chegava lá em casa ... tudo bem Bigode? aí ele ia dar dinheiro pra pessoa ... você acredita? era desse jeito ... e quando ele:: **ele** saía assim de pé descalço ... sabe? pra todo canto ... e num dizia pra onde ia ... saía sem camisa ... **ia pro supermercado** fazer feira ... ia assim por instinto ... sabe? (Corpus D&G, Narrativa de experiência pessoal - Natal)

(31): “Política industrial: **China vai às compras** nos EUA - País asiático investe na aquisição de empresas norte-americanas de base tecnológica.” (O Globo - Notícias - 29/12/2012)

(32): “Na última quarta, na cidade de Ulm, no sul da Alemanha, um garoto de 4 anos de idade perdeu o braço num terrível acidente doméstico e foi para cama escondido, sem contar nada pra ninguém, com medo de levar bronca da mãe. Com ajuda de seu irmão mais velho, o garoto enrolou o braço em uma toalha e foi para cama. O irmão botou o membro amputado dentro do freezer e **foi pra cama** também. Na manhã seguinte, quando a mãe foi acordá-lo, ele teria pedido desculpas por ter perdido o braço. O garoto foi levado de ambulância para o hospital, junto com o braço, que não pode ser implantado de volta. - Foi nada menos que um milagre ele não ter sangrado até a morte durante a noite, disse Wolfgang Juergens, em nome da polícia de Ulms. O acidente aconteceu porque o garoto estava brincando, junto com o irmão de 11, com uma máquina de



lavar velha, que estava parcialmente desmontada e seu braço ficou preso quando ela foi ligada.” (<http://www.mundogump.com.br> – Acesso em 25/07/2010)

Em (29) e (30), tem-se a estrutura mais básica de predicação com ir, em que se observa um agente que se desloca até uma meta. Nota-se que tais sequências sintáticas não correspondem a expressões idiomáticas consagradas no português, mas julga-se que esse padrão de movimento intransitivo seja o motivador para as construções derivadas detectadas nesta pesquisa.

Como adverte Bybee (2010), uma construção muito frequente e que exprima recorrência, como é o caso dos exemplos (29) e (30), costuma caracterizar um ponto inicial do processo de gramaticalização e, conforme o princípio da persistência de Hopper (1991), itens/construções afetados por tal processo tendem a perder valor referencial, mas traços básicos da construção-fonte são recuperados nas construções-alvo. Isso significa afirmar que o valor de movimento no espaço, em construções com ir, perde a noção concreta, mas a ideia de movimento ainda é percebida em todas as outras construções detectadas, o que permite conceber que qualquer evento indicador de processo pode ser associado à ideia de movimento.

Por ter forte codificação de recorrência e revelar dado grau de idiomaticidade, os dados (29) e (30), apresentam um SN, projetado pela preposição, que absorve a centralidade semântica da predicação que, assim, se desloca do verbo ir para o SN. Tal propriedade é atinente às predicações com verbos-suporte mais prototípicos como ter ("Ele acha que pode ter controle das pessoas") e fazer ("Você gostaria fazer um lanche agora"), por exemplo, nas quais observam-se nomes, aparentemente projetados pelos verbos, cumprindo o papel da núcleo do predicado,

com responsabilidades típicas de verbos, como projetar argumentos e atribuir papéis temáticos.

O tempo morfológico indicado nas construções com *ir* é um fator importante, no que diz respeito à recorrência, tão cara aos estudos centrados no uso. No português brasileiro, a marca desinencial de presente expressa, por excelência, o presente contínuo/recorrente. No entanto, como se vê em (30), outras marcas temporais podem suscitar tal recorrência. Em "ia pro supermercado", a ação de movimento pode ser interpretada como um evento recorrente.

A expressão "ir às compras" poderia, sem problemas, sinalizar "comprar no supermercado" ou "comprar num shopping" etc. Ainda que a estrutura dos exemplos seja diferente - em (30), há um elemento locativo com características mais concretas e, em (31), o SN projetado pela preposição é "as compras", que não constitui um locativo prototípico -, o significado codificado em ambos enunciados é basicamente o mesmo. Em (31), o elemento que funciona semanticamente como o objetivo do deslocamento "para comprar" passa a ocupar a função sintática de argumento interno/oblíquo. Um caso como este, analisado em (31) representa o que Traugott & Dasher (2005) chamam de metonimização, já que há uma motivação a partir da relação causa ("necessidade de comprar algo") e efeito ("ir até a um lugar"). Não se deve perder de vista que, conforme adverte Barcelona (2003), a ativação do conceito "compras", por exemplo, se baseia nas condições contextuais; ou seja, como os usuários interagem com esses elementos dessa relação causa-efeito.

No enunciado (32), embora "cama" indique um lugar concreto, a interpretação que se constrói a partir de "o garoto foi para cama" é a de que há um foco, novamente, sobre a finalidade e não sobre o processo de movimento; isto é, "dormir".

Goldberg (1995, p. 160) argumenta que a construção de movimento intransitivo se relaciona com a de movimento causado, no que diz respeito aos movimentos depreendidos a partir dos itens verbais participantes. Segundo a autora, até verbos que, não necessariamente, expressam movimento como “flutuar”, ao participar de uma configuração sintática da qual *ir* costuma incorporar, passam a revelar traços semânticos de movimento (A garrafa flutuou para dentro da caverna). A diferença entre os dois supracitados tipos de construção, de acordo com a linguista, é o controle que o constituinte tem sobre o movimento desencadeado.

Nos enunciados (29 - 32), ocorrem predicados [+ controlados], em função da atuação do sujeito sobre o estado de coisas expresso. Os eventos, nesses exemplos, são [+ dinâmicos], pois percebe-se a “mudança” de uma das entidades envolvidas nos estados de coisas. O fato de os sujeitos alterarem seu ponto espaço-temporal configura e corrobora essa dinamicidade. Os parâmetros da telicidade e da momentaneidade são fatores bem importantes para atestar os casos, já mencionados, de construções em que se observam traços de semântico-pragmáticos de recorrência. Ora, se um estado de coisas não tem um limite aparente, esse evento caracteriza-se como recorrente e, portanto, enquadra-se nas condições que Bybee (2010) defende como essenciais para o desencadeamento do processo de gramaticalização.

Diante desta observação, os enunciados (30) e (32) expressam um estado de coisas com baixo valor de telicidade ("ele saía assim de pé descalço ... sabe? pra todo canto ... e num dizia pra onde ia ... saía sem camisa ... ia pro supermercado fazer feira ... ia assim por instinto ... sabe?" / "o garoto enrolou o braço em uma toalha e foi para cama. O irmão botou o membro amputado dentro do freezer e foi pra cama também"). Depreende-se, a partir desses dados, que não é possível

atribuir um ponto temporal aos processos "ia pro supermercado" e "foi para cama", o que dá a essas construções um caráter de [- momentâneo]. Percebe-se, também, que, em vista do traço de telicidade, esses eventos não configuram um ponto temporal final.

O exemplo (29), ainda que não sinalize um movimento pontual [- momentâneo], não expressa, com tanta nitidez, um valor de recorrência, o que confere a este dado a característica de [+ télico] ("o meu pai vai comigo em todos os brinquedos"). Observe-se que, por meio do teste proposto por Dik (1997), de inserir modalizadores que determinam pontos temporais, esse predicado confirma-se como [- momentâneo] ("o meu pai começou a / continuou a / terminou de ir comigo em todos os brinquedos"). Dentre os verbos modais que podem se associar ao evento do enunciado (29), é justamente a forma terminou de que melhor se encaixa à predicação, pois indica o ponto final do estado de coisas.

O exemplo (30) sinaliza um movimento mais pontual e com a possibilidade de se determinar um ponto temporal (ele saía assim de pé descalço ... sabe? pra todo canto ... e num dizia pra onde ia ... saía sem camisa ... ia pro supermercado fazer feira ... ia assim por instinto ... sabe?). Para esse caso, cada um dos verbos modais que indica um momento do evento se encaixa (ele começou a/ continuou a / terminou de ir ao supermercado).

Em termos pragmáticos, as construções de movimento intransitivo exibem determinadas propriedades que permitem relacionar aspectos estruturais a características da interação de uso. Conforme as orientações de Dik (1997) acerca da atuação do parâmetro "interação comunicativa", depreende-se das construções de movimento intransitivo que existe uma informação geral, de maneira que, em cada dado da pesquisa, percebe-se que há conceitos e atividades de significado

universal (andar em brinquedos em parques de diversão [exemplo 29]; comprar coisas no supermercado [exemplo 30]; comprar, num sentido mais abrangente, como "comprar roupas em shopping, eletrônicos em lojas", ou até empresas de outro país [exemplo 31]; e dormir [exemplo 32]). No entanto, cada uma dessas informações será atualizada situacionalmente por meio de construções linguísticas licenciadas no discurso (informação situacional). Assim, com a análise das construções de movimento intransitivo com ir, esta tese demonstra que a ideia de recorrência ou de processo que leva a um objetivo, meta ou resultado pode ser decodificada por meio de predicados básicos com ir.

A partir da análise das características morfossintáticas, semânticas e pragmáticas das construções de movimento intransitivo, as propriedades observadas podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

a) Morfossintaxe

- Estrutura-se a partir de ir, em qualquer pessoa e tempo, que exige dois argumentos manifestados como Sujeito e Oblíquo.
- Embora seja uma construção de movimento, outros verbos que decodifiquem significados de movimento são bloqueados. Isso aponta para a existência de construções de movimento com ir, e não apenas construções de movimento.
- Forma-se a partir de três preposições, basicamente: *a*, *para* e *em*. Em construções com alto valor idiomático, a variação da preposição será menos possível, com uma forte tendência à ocorrência de *a* e *para*, em função do valor de movimento intrínseco dessas preposições. Já a forma *em*, por ter significado de estatividade inerente, se combina com menos frequência às construções com ir.

## b) Semântica

- Expressa movimento, em usos mais referenciais, e processos, em ocorrências menos concretas, mas a ideia de “fluidez” permanece em usos mais abstratos, conforme sugere Hopper (1991), por meio da explicação do princípio da persistência. Essa característica sublinha o grau de desbotamento semântico de ir.
- Codifica um predicado [+ dinâmico] e [+ controlado], mas com variações quanto aos parâmetros de telicidade e momentaneidade.
- Ainda que as preposições a e para sejam, prototipicamente, indicadoras de movimento, o item em incorpora um valor de não estatividade.

## c) Pragmática

- Por meio dos parâmetros de categorização e prototipicidade, os dados apresentam graus diferentes de movimento, desde movimento concreto até processos bem abstratos.
- Relacionada às propriedades descritas acima, percebe-se a atuação, em determinados usos menos prototípico e de categorização menos precisa, da metáfora e metonímia, processos que sublinham a relação entre semântica e pragmática.
- Em razão da co-ocorrência frequente de elementos, a construção de movimento intransitivo oferece evidências de encadeamento. Bybee (2010) afirma que sequência repetidas frequentemente são “embaladas” juntas em termos cognitivos, o que torna a estrutura em uma única unidade.

- Por analogia cognitiva, os enunciados são interpretados e aceitos dentro do contrato comunicativo.
- Acerca dos parâmetros de interação comunicativa propostos por Dik (1997), identificam-se informações gerais, vinculadas a noções mais abrangentes, e informações contextuais, já que alguns dados revelam certa idiomaticidade (valor específico em determinada norma linguística).

## **6. Construção de movimento causado**

Construções de movimento intransitivo, como visto, consistem nos tipos mais básicos, a partir dos quais se deriva o outro tipo de construção investigado, em que se percebem sinalizações de causalidade. Para a análise e descrição destas, foram considerados dados sem valor composicional, mas, sobretudo, investigaram-se aqueles exemplares que carregam algum grau de idiomaticidade, pois as construções sem essa peculiaridade sinalizam, com mais frequência, apenas um movimento intransitivo. A seguir seguem alguns exemplos, para, mais adiante, se discutir a relação entre as construções de movimento causado e as resultativas, de modo que seja possível aproximá-las ou afastá-las.

(33): "Justiça convoca pais de alunos que não estão **indo à escola**: Os pais de 400 estudantes de Jundiaí estão na mira da justiça. O juiz da infância e juventude quer saber por que os alunos não estão frequentando regulamente as aulas. Os pais foram chamados no fórum para dar explicações e podem ser processados por abandono intelectual. Duzentas famílias foram convocadas para a primeira audiência. São pais de alunos que tem frequência baixa nas aulas." (JB, 25/07/2010)

(34): “Cher **vai às lágrimas** ao ver o filho Chaz dançando em reality nos EUA. Cher se emociona ao ver Chaz Bono dançando” (O Globo, 11/10/2012)

(35): “A Petrobras anunciou um lucro recorde de R\$ 17,795 bilhões no ano passado, maior do que, por exemplo, o da Coca-Cola Internacional. Como a União é acionista majoritária, caberá ao governo cerca de R\$ 8,9 bilhões. Se essa quantia **for para o Tesouro**, cairá no sumidouro do pagamento de juros da dívida pública.” (Cartas, O Globo, 19/02/04, “Ouro negro”)

(36): (...) aos 13 anos, tive a oportunidade de entrar na escolinha de basquete da Luso, quando me apaixonei por esse esporte. JC - Você sempre jogou por Bauru? Simone - É. Eu acompanhei a equipe da Luso que depois **foi para o BTC**, para o Noroeste. Nunca consegui me livrar dessa coisa de ser bauruense. Sempre joguei pela cidade. JC - Nessa época, você jogava em que categoria? Simone - Não tinha as categorias menores, então eu já comecei no juvenil e no adulto. Nós vencemos muitos Jogos Regionais e disputamos os Jogos Abertos, que já eram mais difíceis, porque jogavam equipes muito fortes como a Pirelli e as de Piracicaba. Eu me lembro de uma fase boa dessa época da equipe bauruense... (Corpus do Português - Or:Br:Intr:Cid)

(37): “Quem vai mesmo pagar a conta são as pequenas empresas fornecedoras de serviços e de produtos semimanufaturados, que, por sua vez, precisam reapertar seus orçamentos para sobreviver. Com isso, sobra para o consumidor final e os operários, que **vão para a rua**, por conta de mais um ajuste fiscal para cobrir o rombo dos cofres públicos.” (Cartas, JB, 27/02/04, “Desemprego”)



(38): “Estação MIR foi "pro espaço": A estação russa foi derrubada na madrugada de 23 de março de 2001, dando fim ao último grande símbolo do programa espacial soviético. Os destroços caíram em uma área remota do Oceano Pacífico. O governo russo não tinha recursos para mantê-la, estava obsoleta e foi substituída pela Estação Internacional.” (<http://pt.shvoong.com/exact-sciences/astronomy> - Acesso em 25 de julho de 2010)

As construções de movimento causado descritas por Goldberg (1995) têm um esquema sintático um pouco diferente dos exemplos supracitados. A contraparte sintática apresenta um sujeito que causa o movimento de um objeto até um constituinte com função de oblíquo ("A menina andou os peões até o meio do tabuleiro"). Nos dados de (33) a (38), no entanto, a sintaxe é a mesma das predicções mais básicas com *ir*, mas a instanciação semântica é diferente. Nesses exemplos, o sujeito expresso não é o responsável pelo evento decodificado nas respectivas predicções, e sim o elemento alterado, em decorrência de um causador. Em (33), o agente causador está expresso no enunciado (pais de alunos). No exemplo (34), Cher chora, em função de uma ação que não está sob seu controle. Em (35) e (36), têm-se sujeitos não humanos, o que facilita perceber que os processos/movimentos a que se relacionam são desencadeados por um agente que os controla; alguém que transfere a quantia para o tesouro, em (35), e alguém responsável pela transferência da equipe da Luso para o BTC. Em (37), a expressão "vão pada rua" pode ser parafraseada por "foram demitidos", o que licencia uma interpretação de que o causador é um patrão.

O exemplo (38) apresenta uma peculiaridade: há aí uma espécie de efeito de sentido provocado pela mesclagem entre significado pleno e significado não pleno. Em frases como "Meu computador foi para o espaço" e "Meu sonho de ganhar na

loteria foi para o espaço”, a ideia de “espaço sideral” não é ativada; apenas a noção de que “algo não tem mais solução” ou “algo está bastante danificado”. O exemplo (38), por se tratar de um lide de uma notícia, oferece uma ambiguidade proposital, já que o sujeito de “foi pro espaço” é uma estação espacial. Nesse exemplo, a informação contida na notícia revela que “alguém desativou/destruiu a estação Mir”.

Existe uma diferença entre o traço não controlador, que pode caracterizar determinados argumentos externos (sujeitos) e os constituintes acometidos a um movimento causado, como vistos nos dados (33) a (38). É possível existir um agente externo que pode ser o responsável direto pelo movimento sinalizado em *ir*, mas, em alguns casos, como em (34), não há essa entidade. Nessa situação, o processo por meio do qual Cher passou fugiu a seu controle, mas não aponta para um agente próprio. Dessa forma, pode-se concluir, parcialmente, que todos os dados das construções de movimento causado têm sujeitos não controladores, porém nem todos licenciam um agente externo definido, recuperável ou imaginável. No entanto, casos com agentes não recuperáveis são mais raros e acontecem com determinadas expressões idiomáticas. Para comprovar alguns desses tipos, recorreu-se ao Google. A respeito dessas propriedades, a tabela a seguir ilustra esses números.

TIPO DE CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA
AGENTE EXTERNO NÃO DEFINIDO	23	4%
AGENTE EXTERNO DEFINIDO	570	96%
<b>TOTAL</b>	593	100%

Tabela 5: Número total de construções de movimento causado distribuído pela natureza semântica do não controle.

Para que se entendam as construções de movimento causado, é necessária a compreensão da ideia de causalidade. Croft (1998) destaca que estruturas de

causalidade devem ter um causador, uma transmissão de força e um elemento afetado/alterado e a informação lexical dos verbos configura-se como um fator importante para se determinarem propriedades de causalidade. No caso de *ir*, ainda que tal item não indique prototipicamente uma causa, como verbos mais representativos para esse papel semântico, como *causar*, *fazer*, *forçar*, por exemplo, ("A Maria causou a expulsão do João" / "A Maria fez o João sair" / "A Maria forçou o João ir embora") a interação de *ir* com a construção permite captar esse sentido de algo sendo provocado/causado por um agente.

Shibatani (1975) considera que, para um evento apresentar as relações entre causador e causado, é necessária a observação de dois parâmetros: (i) o evento causador é anterior ao efeito/causado; e (ii) o evento causado é completamente dependente do evento causador, de maneira que este não existe sem aquele. Os parâmetros de Shibatani mostram que existe um percurso temporal entre o evento causador e o evento causado e, em função do já comentado valor de fluidez e de processo que *ir* pode incorporar, é possível relacionar um evento de causalidade às construções com *ir*. Observe-se que o próprio rótulo de Goldberg (1995) aponta para um processo que leva ao efeito/causado.

Palomanes (2007) descreve que é possível conceber uma extensão metafórica cujo domínio-fonte pertence a um esquema de movimento no espaço. Segundo a autora "o entendimento da causação provém do entendimento do movimento no espaço" (PALOMANES, 2007, p. 69). Isso indica que a noção de movimento permeia, não só as construções de movimento causado, como também as resultativas, entendendo-se que para se chegar a um resultado se passa por um processo/movimento. A autora mostra que, por meio de mapeamentos, uma construção resultativa deriva de uma construção de movimento causado. Dessa

forma, ao enunciado "O João deixou a Maria sem expectativas", pode-se aplicar o seguinte mapeamento: causas são forças (João provocou/incitou algo); causação é movimento forçado (João teve controle sobre o fato de ter provocado); estado resultante é fim do percurso (Maria ficou/estava sem expectativas). Os dados a seguir revelam essa possibilidade de análise em que é possível captar um resultado decorrente de um movimento causado.

(39): "Daniel Rocha vai a evento de moda e **fãs vão à loucura**. Daniel Rocha foi a um shopping em Brusque, Santa Catarina, nesta segunda-feira, 6, e causou o maior tumulto. Uma multidão de fãs aguardava o ator, que interpreta o Roni na novela "Avenida Brasil", e foi à loucura quando ele apareceu." (www.cenariomt.com.br - acesso em 07 de agosto de 2012)

(40): "(...) um passo para a liberdade. Estado - Quem são os jurados de morte? Sérgio - Eu já fui um jurado de morte e passei longos meses no amarelao (pavilhão 5 da Casa de Detenção), sempre achando que um dia iriam me matar. Estava no Pavilhão 8 e um traficante decidiu que eu tinha de dar dinheiro para ele todas as semanas porque tinha deixado de pagar uma cocaína e descobrira que minha mulher tinha um bar. Não dei o dinheiro e num dia de visita ele tentou estuprar minha mulher. Resolvi matá-lo com muitas estocadas, **o cara foi para o hospital** e não morreu. Ninguém no pavilhão me caguetou e pedi para ser mandado para o amarelao porque a quadrilha dele queria acabar comigo. Para a minha sorte, o cara morreu aqui na Detenção um ano depois numa briga. Estado - É difícil impedir os garotos de matar? Sérgio - Eu sou do tempo na cadeia do agente Carabina, que era um diretor de disciplina do Pavilhão 9 que impunha respeito. Naquele tempo era diferente e a

garotada respeitava o funcionário e o preso mais velho. (Corpus do Português - 19Or:Br:Intrv:ISP)

(41): "(...) eu acho... ela boa... boa... muito boa... porque::... o ensinamento dela é muito bom... e eu gosto dela também... porque ela é gran::de...o recreio também é legal... a gente pode ficar brincando... a gente brinca... a gente faz o que quiser no recreio... chega na sala de aula... a minha professora Maria Luísa também é muito boa comigo... ela adora... eh... quando eu leio... às vezes... ela muito manda eu ler... aí eu gosto muito também porque... **eu nunca fui à diretoria**... nunca/ não gosto de fazer bagunça... bagunça mesmo eu faço na minha casa... né? aí a minha mãe fica irritada... aí... né? eu gosto lá também... porque... na minha sala... tem muitos coleguinhas... e eu gostaria de ficar até:: a universidade aqui nesse colégio... porque eu adoro esse colégio... esse colégio é minha vida... (Corpus D&G - Rio de Janeiro - Relato de opinião)

(42): (...) aí ... ela convidou ela pra ir na casa dela ... aí tava preparando pra receber sabe? o ... o espírito dele ... aí eu sei que ele ... viche acariciou ela ... sabe? como se ele tivesse sentindo muito ... aí eu sei que no final das contas ... o ...esse amigo dele que mandou matá-lo ... morreu ... e o espírito dele ... todos esses homens que morreram ... sabe? esse amigo dele que mandou matar ele ... e os dois caras ... que mataram ele ... aí no final morreram ... e **o espírito deles** não ficaram na terra ... porque **foram logo pro inferno** ... vinha logo aquelas sombras buscar ... sabe? e ele não ... porque ele era um espírito bom ... por isso que ele ficou na terra ... até um certo ponto ... aí no final ele vai embora ... aparece uma luz ... assim bem ... bem bonita ... aí puxa ele ... sabe? ela ... ele dá um beijo nela ... começa a tocar a música ... aquela música ...

hum ... aí eu chorei demais ... menina ... parecia uma manteiga derretida ... aí meu noivo começou a rir ... disse ... “menina como é que pode ... uma pessoa chorar desse jeito” ... e no cinema eu não chorei ... porque eu não entendi a história ... isso eu tô contando só por cima porque a gente num lembra ... das coisa assim com detalhe ... cada parte ... e outra coisa ... eu sou tão ruim nisso pra filme ... (Corpus D&G - Natal - Narrativa Recontada).

Os exemplos de (39) a (42) revelam que o constituinte preposicionado configura uma espécie de resultado que é gerado por uma força metafórica causada por um agente. Isso demonstra que uma leitura resultativa advém de um processo cognitivo de movimento causado, como salientam Goldberg (1995) e Goldberg e Jackendoff (2004). Assim sendo, o conjunto de construções desta tese que não tem sujeitos como desencadeadores dos eventos explicitados nas predicções se caracterizam por apresentarem propriedades resultativas percebidas a partir de uma interpretação movimento-causativa.

O que se percebe nas construções com *ir*, tanto as de movimento intransitivo como as de movimento causado / resultativas, é o foco que é atribuído à meta. Em alguns casos a meta pode, inclusive, servir de base para parafrasear a predicção (A Maria foi às compras hoje —> A Maria comprou hoje), ainda que não haja uma correspondência clara entre esse tipo de alternância. Dessa forma, entende-se que *ir*, até em predicções em que se capte movimento concreto, expressa a não momentaneidade do evento decodificado, a fluidez da situação sinalizada, muito mais do que um deslocamento físico. O ponto que se defende é o de que *ir* tem um valor bem relacional/gramatical até mesmo em predicados bem plenos; isso decorre do fato de o deslocamento processual ou o deslocamento temporal sobrepor-se, quase que sistematicamente, ao deslocamento espacial. O exemplo a seguir mostra

que, quando há focalização no movimento, o falante lança mão de recursos linguísticos para marcar essa especificação, que, no caso abaixo, se caracteriza por ser o meio de transporte por qual Rose viajou.

(43): "(...) uma trama já é exagero, não temos trama nenhuma, o que temos é um emaranhado. Precisa-mos encontrar Rose para ver se conseguimos transformar emaranhado em trama. Até porque os mortos já são em número suficiente para formar uma pequena fila na nossa consciência. - Inspetor, sequer sabemos se ela tomou conhecimento da morte da mãe. **A única notícia foi publicada na página interna de um jornal que ela provavelmente não lê. Além do mais, não sabemos se ela está no Rio ou se viajou para outro estado. Sabemos apenas que, se viajou, não foi de avião, a não ser que com identidade falsa, o que não quer dizer muita coisa além do fato de não querer ser descoberta.** Tentar na rodoviária alguém que a reconheça por uma foto é praticamente impossível. Por lá circulam cem mil pessoas por dia e já se passaram quinze dias desde que ela sumiu. O que podemos especular é que, se saiu do Rio, com certeza não soube da morte da mãe. - Então, vamos fazê-la saber. - Como? - Apesar de terem..." (Corpus do Português 19:Fic:Br)

Com base nas análises empreendidas, resumem-se, a seguir, as propriedades das construções de movimento causado / resultativas:

a) Morfossintaxe:

- Mais frequentemente, ir forma com seu complemento oblíquo uma unidade compósito, mais conhecida como expressão idiomática, que pode ser detectada a partir do significativo valor não referencial que ir passa adquirir, isto é, percebe-se indícios de gramaticalização desse verbo.

b) Semântica:

- Construções de movimento intransitivo estruturam-se, basicamente, a partir de um verbo ir com valor de processo, o que apontaria para um movimento no tempo mais do que um movimento no espaço.
- De acordo com os parâmetros semânticos verificados em Dik (1997), construções de movimento causado veiculam predicados (i) [+ dinâmicos], por envolverem mudanças no decorrer do espaço temporal da predicação; (ii) [- controlados], pelo fato de o constituinte sujeito não ter controle sobre o processo/evento expresso na predicação; (iii) [+ télicos], em razão da possibilidade de visualização de todo o estado de coisas, ou seja, os eventos decodificados em construções com ir desse tipo costumam ter início, meio e fim percebíveis; e (iv) [- momentâneos], já que é possível a inserção dos modais começa a, continua a e termina de, sem comprometer a validade semântico-pragmática dos enunciados com ir.

c) Pragmática:

- As propriedades pragmáticas das construções de movimento causado são bem semelhantes às características verificadas nos dados categorizados como movimento intransitivo. Um ponto a se destacar como diferencial é o fato de se observarem informações contextuais (DIK, 1997), já que para se compreender que o sujeito não tem controle sobre o predicado, é necessário que o destinatário estabeleça conexões com outras partes do discurso e não apenas que esteja inserida dentro de uma situação comunicativa (informação situacional).



## **7. Síntese**

Este capítulo analisou as propriedades morfossintáticas, semânticas pragmáticas das construções com *ir*. Essa descrição propiciou a identificação de dois padrões construcionais: movimento intransitivo e movimento causado.

Do ponto de vista semântico, a construção revelou especificidades que indicam valor forte de processo se sobrepondo ao valor de movimento. Nesse sentido, por ser um verbo básico de orientação dêitica, *ir* sintetiza diversas modalidades de movimento, podendo ser usado em diferentes situações que decodifiquem passagem de lugar e tempo.

---

## CAPÍTULO IV

---

# EXPANSÃO DE USO POR PROCESSOS SEMÂNTICOS E POR LEXICALIZAÇÃO

---

### **Introdução**

Este capítulo tem o objetivo de analisar as construções com *ir*, numa perspectiva dos fenômenos da metaforização, metonimização e da lexicalização, tendo em vista o referencial teórico da LCU. A triagem que os dados sofreram para esta etapa das análises levou em consideração o desbotamento semântico de *ir*, de modo que se supusesse algum grau de junção entre as partes da construção.

Verbos comumente traçam uma rota de gramaticalização bem regular, o que se permite inferir, a partir de inúmeros trabalhos, que a auxiliaridade é a categoria preferida dos verbos quando afetados pela gramaticalização. Castilho (1997) ratifica essa tendência, afirmando que “o fenômeno mais interessante é o da transformação de um verbo pleno num verbo funcional, e deste num verbo auxiliar, uma vez que o

verbo não deriva de outra classe lexical.” O autor apresenta o seguinte *cline* para demonstrar sua sugestão:

verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar > clítico > afixo

Castilho (1997) atribui à auxiliaridade um estatuto importante no processo de mudança dos verbos; um estágio necessário. Observa-se, porém, que ao discutir o caminho de mudança dos verbos, o autor refere-se aos auxiliares que participam de uma predicação complexa na qual auxiliam uma das formas nominais de outro verbo. Isto é, este *cline* não abarca os casos em que o verbo pode funcionar como suporte de um nome. No entanto, estudos como os de Machado Vieira (2001) e Esteves (2008) mostram que tal categoria se trata de um tipo de auxiliaridade e deve ser abordada como tal.

Avaliou-se, no capítulo teórico, que gramaticalização e lexicalização podem ser encaradas como processos distintos, mas que compartilham determinadas propriedades. O fenômeno da auxiliaridade é um bom representante de objetos que podem ser tratados à luz de uma abordagem integrada entre gramaticalização e lexicalização, já que se percebe uma unidade composicional, a perífrase, e elementos se modificando para desempenhar papéis dentro dessa perífrase, verbos predicadores passando a verbos auxiliares.

## **1. O processo de lexicalização**

### **1.1 Parâmetros de identificação de diferentes níveis de lexicalidade**

Com base em Zuluaga (1975) e Esteves (2012), elaboraram-se cinco parâmetros que sustentam a avaliação dos níveis de integração entre *ir* e seu

complemento. Esses parâmetros, além de analisar o nível de lexicalidade, aborda aspectos de gramaticalização que afetam o item *ir*. São eles: (i) extensão semântica e dessemantização do verbo predicador, (ii) possibilidade de mobilidade do  $S_{PREP}$  em relação a *ir*, (iii) possibilidade de inserção de elementos na estrutura compósita, (iv) possibilidade de substituição do  $S_{PREP}$  e (v) possibilidade de substituição de toda a construção por um predicador de sentido equivalente.

As ocorrências usadas para esta análise passaram por um pré-julgamento acerca de seu grau de lexicalidade. Em outras palavras, coletaram-se os dados a partir dos quais se depreendia algum nível de congelamento semântico; construções que revelassem ser, em algum grau, expressões idiomáticas.

O primeiro parâmetro avalia o nível de desbotamento semântico do verbo predicador e do elemento nominal, comparando tais casos aos usos referenciais correspondentes. O seguinte testa a mobilidade do  $S_{PREP}$ , de modo que a impossibilidade de tal procedimento causa agramaticalidade e, conseqüentemente, evidencia uma relação mais acentuada entre os itens. O terceiro é testado com base em inserções de elementos entre os constituintes da construção. Quanto menos possibilidade de inserção, maior é o grau de lexicalização da estrutura. O quarto verifica se é possível substituir o  $S_{PREP}$  em questão por outro e manter o sentido. O quinto, e último, analisa se *ir* +  $S_{PREP}$  tem capacidade de alternar com um predicador simples correspondente. Nesse caso, o nível de lexicalização da estrutura é proporcional à possibilidade de substituição. Para cada parâmetro, apresentam-se exemplos de construções com distintos graus de integração, desde de exemplares prototípicos até os mais ambíguos. Será considerada bastante lexicalizada uma estrutura que apresente forte indício de congelamento semântico e fixação na sua estrutura.

### 1.1.1 Extensão semântica e dessemantização

Em alguns casos, ir e elemento nominal guardam mais claramente resquícios de seus significados lexicais prototípicos. Em outros, no entanto, o resgate da semântica básica não é conseguido com tanta facilidade.

(44): "Dois anos depois **acusados** ainda não **foram a julgamentos** - A dor de um pai em perder um filho é irreparável. Edglemes Santos vive essa situação há dois anos, pelo fato de ter perdido seu filho, o modelo Eric Ferraz, brutalmente assassinado no dia 01 de janeiro de 2012, em pleno réveillon na cidade de Viçosa por conta de uma discussão." (Jornal Extra de Alagoas - 12/01/2014)

(45): "Imagens de circuito interno mostram o momento em que um assaltante entra no ônibus que passava pela Avenida dos Franceses, na Vila Palmeira. **O bandido vai em direção a cobradora** com uma arma que parece uma faca. O motorista aproveita a distração e avança no assaltante. Os dois começam uma luta e o ladrão foge, enquanto o motorista, que teve ferimentos no rosto e nas costas, passa bem." (Globo.com - 16/01/2014)

(46): "Confira como foram os confrontos do card preliminar do UFC Fight Night 35. Cinco das seis lutas de abertura **foram para decisão** dos juízes. Outra foi por finalização. No encerramento do card preliminar, um duelo que mexeu com os fãs agitou a arena em Duluth. Melhor para Ramsey Nijem, que bateu Justin Edwards por decisão unânime dos juízes e se recuperou depois de duas derrotas seguidas. Já o oponente sofreu o segundo revés consecutivo e tem o 'sinal de alerta' ligado na organização. O duelo foi válido pelo peso leve." (superesportes.com.br - 15/01/2014)

(47): "Assim como as irmãs, outros adolescentes que foram ao parque, como as amigas Jéssica Moura e Letícia Dantas, ambas de 15 anos, contaram ter sido proibidos pelos pais de ir aos rolezinhos em shoppings. Para sair de Diadema, onde moram, elas escolheram roupas e sapatos simples, sem grife conhecida, porque temem roubos. "Nosso pai dá duro para nos dar as coisas. Não queremos que nos roubem", disse Letícia. "Tem gente que vai no rolezinho só para roubar", disse Jéssica." (Veja São Paulo - 18/01/2014)

(48): "Atual tricampeão do Aberto da Austrália e em busca de seu quinto título no Grand Slam realizado em Melbourne, Novak Djokovic segue em rota suave nesta edição do primeiro grande torneio da temporada. Ainda sem perder sets até aqui na competição, o sérvio desta vez venceu o usbeque Denis Istomin com parciais de 6/3, 6/3 e 7/5 para ir às oitavas de final." (Bem Paraná - 17/01/2014)

Os exemplos apresentam construções em que, da integração de ir aos seus argumentos, se depreende o processo de extensão semântica. Pelo fato de a coleta dos dados ter sido realizada em função do reconhecimento de algum grau de lexicalidade, todos enunciados desta etapa apresentam algum indício dessemantização ou extensão semântica.

Os exemplos de (44) a (48) ilustram casos de extensões semânticas, mas que preservam detalhes de suas fontes. Em (44) e (46), a partir das expressões "foram a julgamento" e "foram para decisão dos juízes", interpreta-se que "acusados foram ou não julgados pela justiça". Nesse caso, ir perde seu valor referencial concreto para poder incorporar-se à construção e ganhar valor instrumental de suporte aspectual, basicamente. No exemplo (45), verifica-se um baixo nível de desbotamento

semântico, já que a construção "o bandido vai em direção da cobradora" denota um impulso de movimento por um caminho concreto, mas observa-se, neste caso, uma violação às restrições sintáticas de *ir*, pois "em direção" não tem categorização sintática definida e "a cobradora" funciona como uma espécie de alvo/meta/locativo. Para um exemplo como este, recorre-se ao que Dik (1997) argumenta sobre focalização. O autor mostra que os usuários dispõem de uma série de opções para salientar determinadas partes do discurso e em "vai em direção de", vê-se que o item sublinhado tem essa função de focalização.

A análise do exemplo (47) depende do contexto que o termo "rolezinho" ganhou na mídia no início do ano de 2014. Esse vocábulo que denota "dar uma volta em algum lugar" ganhou *status* de "protestos", em função da sanção que alguns jovens, julgados como mal-vestidos, sofreram num passeio por um shopping em São Paulo. Este exemplo denota que "ir nos rolezinhos" não é apenas "dar uma volta", mas "dar uma volta para protestar" ou simplesmente "protestar".

Em (48), Denis Istomin ultrapassou uma etapa para chegar a outra (oitavas de final), o que demonstra uma extensão de significado de *ir*, que passa a funcionar como um "condutor pelo tempo".

O parâmetro da dessemantização / extensão semântica revela que, em alguns casos, não se percebe uma alteração de significado de *ir* ou de qualquer outro elemento da construção, caso não se considere toda a construção. Às vezes a flutuação do significado é mais visível, mas, em outras, depende fortemente do contexto em que ocorre.

Os dados revelam que *ir* não assume, propriamente, uma nova função instrumental, o que denotaria um processo de gramaticalização, pois não há

evidências da adequação do fenômeno em análise neste texto ao *continuum* item lexical > item gramatical. Há, sim, a atuação conjunta e sistemática dos processos de metaforização e metonimização. O primeiro é justificado pelo fato de haver a relação entre dois domínios (concreto e abstrato), em que se tem a transferência de categorias (partes de um domínio para o outro). O processo da metonimização acontece, pois o valor de “transferência” e “processo” fazem parte da base lexical de *ir* e em usos mais afastados da forma-fonte esses valores são postos em evidência. Dessa forma, elementos do domínio concreto que balizam a forma-fonte, com o traço [+ processo] são transferidos para o domínio-alvo; o domínio abstrato.

Barcelona (2003) enfatiza em seu discurso que não se deve relevar, para o processo de metonimização, apenas a questão da transferência conceptual. O autor sugere que o contexto discursivo seja considerado para determinar por que e como os usuários usaram uma parte pelo todo, por exemplo. Os dados desta tese reforçam esse encaminhamento de Barcelona, uma vez que exibem a integração entre sentido e instâncias de uso.

### **1.1.2 Possibilidade de mobilidade do sintagma preposicionado em relação a *ir***

Argumentos internos, sejam acusativos ou dativos, são passíveis de mobilidade dentro da sentença. Isso significa afirmar que a inteligibilidade do enunciado não está comprometida caso, por exemplo, um sintagma dativo seja realizado numa posição pré-nominativa (Eu entreguei o casaco a ele / A ele, eu entreguei o casaco). Interpretam-se, nesta seção, os casos em que a fusão entre *ir* e *S<sub>PREP</sub>* é tão íntima que uma mudança de posição deste acarreta alterações consideráveis de significado.



(49): "O rapaz tinha um amigo muito preconceituoso, mas ele tinha muita confiança, então ele contou que sua namorada era uma prostituta; então seu amigo começou a dá em cima dela, mais ela não aceitou, mas seu amigo contou-lhe uma estória mentirosa e assim ela voltou p/ sua casa, onde morava antes de conhecê-lo; e **ele** sentiu muito sua falta, então **foi a sua procura**, da forma como ela lhe contava em sua fantasia: montado em um cavalo branco c/ espada." (Corpus D&G - Narrativa recontada - Natal)

(50): "(...) Jogadores voltam recarregados. Da Reportagem Local **Três jogadores do Palmeiras vão a campo** hoje renovados de corpo e alma. César Sampaio, Zinho e Evair foram poupados de as partidas de terça-feira, contra o União São João de Araras, e de quinta, contra o Velez Sarsfield. Para eles, a última semana serviu para uma importante recuperação física e mental. nbr-fol-11970## Stoichkov e Penev afirmaram que o juiz Joel Quiniou não marcou dois pênaltis quando jogadores italianos tocaram a bola com a mão dentro de a área. Em a fase classificatória de a Copa do Mundo, o time... (Corpus do Português - FOLHA:11968:SEC:pol)

(51): "No terceiro encontro seguido entre Ágatha e Bárbara Seixas em uma decisão de etapa do Circuito Banco do Brasil Open, a primeira dupla repetiu o resultado no Guarujá (SP) e saiu com o título em São Luís (MA), sexta disputa da temporada. Elas venceram as rivais por 2 sets a 0, parciais de 21-16 e 21-15, na manhã deste domingo. Ágatha e Bárbara Seixas abriram vantagem no meio do primeiro set. Em bloqueio de Ágatha, a dupla fechou a etapa em 21-16. A etapa seguinte começou equilibrada, e **Juliana e Maria Elisa foram para a inversão de quadra** vencendo por 8-6. Mas as rivais viraram e se mantiveram na liderança do placar, garantindo o

título com um 21-15. Agora, a próxima disputa do Circuito BB Open será em Natal (RN), a partir do dia 6 de fevereiro. (Jornal o Povo - 19/01/2014)

(52): "A ideia veio de Marília Martins, que há pouco tempo trabalhava em uma agência de publicidade, mas se encantou com a possibilidade de criar um projeto que unisse moda, sua paixão, e um preço justo, que só poderia ser encontrado em um circuito de lojas que, por muitas vezes, atende somente lojistas atacadistas. A seleção das peças não é aleatória: a empresaria estuda as tendências vindas de fora – especialmente vindas de Milão, Nova Iorque, Londres e Paris -, blogs de streetstyle e **vai à caça** de roupas incríveis direto na fonte." (boainformacao.com.br - 16/01/2014)

(53): "Miranda Cosgrove **vai pra faculdade**. Miranda Cosgrove já tem 18 anos e chegou a hora de pensar na faculdade. A estrela de iCarly sabe o que quer estudar: cinema! Agora, só resta decidir a faculdade onde vai se matricular. (<http://superblogdaki.blogspot.com.br/2011/06/miranda-cosgrove-vai-para-faculdade.html> - 09/06/2011)

As inversões sintáticas causam, por natureza, uma ligeira dificuldade aos interlocutores do português, uma vez que não é a ordem preferida nessa variedade do idioma. Nesse sentido, as análises aqui propostas devem levar em conta a sinalização semântica suscitada pela construção e a possível ruptura desse sinal causado pela alteração da ordem, e não a possível estranheza dos enunciados provocada por essa mudança.

Por assim ser, em função da mobilidade do S<sub>PREP</sub>, considera-se que ir mais seu complemento interno têm um nível de junção frouxo, já que se pode antepor o S<sub>PREP</sub>

sem causar distorções no significado da construção ("a sua procura o rapaz foi / a campo os jogadores do Palmeiras vão hoje / para a inversão de quadra foram Juliana e Maria Elisa / à caça vai Marília Martins / pra faculdade vai Miranda Cosgrove").

Nos dados examinados, a mobilidade do sintagma projetado por *ir* interfere na leitura idiomática das expressões, quando estas são compostas por elemento de natureza mais concreta, como "campo" e "faculdade", respectivamente, nos exemplos (50) e (53). Como esses itens têm um forte valor referencial concreto, o procedimento de modificar sua posição prototípica acarreta uma interpretação composicional/lexical da construção. Já com as estruturas que não apresentam elementos com sentido concreto ("procura", "inversão" e "caça"), é possível manter o significado construcional, mesmo com a mobilidade.

### **1.1.3 Possibilidade de inserção de elementos na estrutura**

Para testar este parâmetro procedeu-se de modo a inserir modificadores de natureza adverbial que podem ter como escopo o predador, o *S<sub>PREP</sub>*, ou a construção inteira. Caso o modificador incida sobre toda a construção, atribui-se à estrutura o estatuto de mais integrada. Algumas construções admitem tal inserção, caracterizando-se como menos lexicalizadas, e outras bloqueiam essa possibilidade.

(54): "Ainda contabilizando os prejuízos por causa do adiamento do jogo em Resistencia, em outubro, Kléber Leite, proprietário da empresa Klefer, uma das organizadoras do Superclássico das Américas, reconheceu que o formato da disputa precisa de ajustes. A Klefer detém os direitos de organizar a competição ao lado da argentina Full Play. Kléber não revelou exatamente quanto **dinheiro foi para o ralo** com o jogo adiado em Resistencia, mas não mostrou

preocupação.” (O Povo, “Organizador entende que modelo do Superclássico tem deficiência”, 20/11/2012)

(55): "A história que vou contar... ela é bem triste... né? todo... todo/ ano passado... todo/ à noite... minha mãe saía... né? pro/ pra.. pra faculdade... e eu ficava em casa... aí meu primo tomava conta... de mim... aí... me/ nessa noite... né? eu estava brincando de bola... com ele... dri... driblinha... né? aí ele... aí ele estava com a bola... parada... né? aí “ele vem driblar... vem me driblar...” aí eu saí correndo atrás da bola... aí na hora que eu fui chutar a bola pra tirar... eh... a bola dele... ele puxou a bola... aí na hora que ele puxou... eu... PUM... levei o meu pé à parede... aí... machucou três dedos meu... aí eu senti uma dor danada... aí eu “ah... está doendo... está doendo...” aí ele me botou gelo... passou um montão de coisa... aí... a manhã seguinte... minha mãe me levou no médico... aí falou que eu tinha quebrado três dedos do pé... aí a gente fez/ aí engessou.. aí depois... a gente tirou o gesso... e **foi em outro médico**... pra ver se tinha quebrado... aí nesse médico... disse que não tinha quebrado...” (Corpus D&G - Narrativa de Experiência Pessoal - Rio de Janeiro)

(56): Livramento de Nossa Senhora: **Público foi ao delírio** no Maracubom 2013. O Festival da Manga e do Maracujá com o Bloco Maracubom foi realizado no último final de semana na cidade de Livramento de Nossa Senhora, no sudoeste baiano. O evento contou com as participações das bandas Swing Maluco, Trio da Huanna, Guetho é Guetho, Kleytones, Renan Moreira, Harmonia do Samba e Luxúria. A festa que é promovida pela promoter Janete Meira aconteceu no Clube Tio Dedé e teve a participação dos foliões de

Livramento e de toda a região. (brumadonoticias.com.br - 23/12/2013)

(57): (...) é a história desse advogado que ... era de família rica ... tradicional ... tinha um escritório ... tinha sua chácara no subúrbio e vivia muito bem ... era um homem solitário ... mas que se completava ... né ... então nessa época ... acontecia ... com a ocupação nazista ... acontecia o seguinte ... todos os dias naquelas vistorias ... né ... a ocupação pegava transeuntes e levava pra confinamento ... né ... pra aquela prisão ... e chegando lá ... eles saíam é ... eliminando determinados indivíduos ... nesse dia ... esse advogado estava chegando ao seu escritório quando foi pego por essa ... pela ocupação ... né ... chegando lá nesse ... na cela ... tinha uma série já de outros ... anteriormente pegos ... e nesse dia chegou o cara dizendo que **dez ia pra o fuzilamento** ... então ... eles decidiram fazer um sorteio ... quem era que ia ... então quando chegou o décimo do dia ... quem foi sorteado foi esse advogado ... (Corpus D&G - Natal - Narrativa Recontada)

(58): depois eu coloco ... trigo coloco meia:: meio quilo de trigo ... mexo bastante e junto ao colo/ colocando o trigo ... eu vou colocando também um pouquinho de leite pra num ficar muito:: muito duro ... porque tem muita coisa sólida e pouco líquido e eu também coloco um pouquinho de leite junto com o trigo e vou mexendo isso ... colocando o trigo e mexendo ... né ... pra num ficar aqueles bolos ... coloco uma pitadinha de sal ... e mexo bastante até a massa dissolver pra que ela:: ela vá inchando ... depois da ( ) tá bem batido ... eu também coloco o fermento ... bato ... também muito ... tendo batedeira ... melhor né ... que a massa já vai:: já vai se soltando das outras ... mas os que num têm ... **vai na mão** mesmo e

se eu quiser colocar um recheio de chocolate ... (Corpus D&G - Natal - Relato de Procedimento)

O que se verificou quanto à aplicação deste parâmetro foi um nível mais acentuado de junção entre as partes da estrutura, já que a inserção de elementos modificadores leva a construção a ter comportamento mais lexical. A modificação da estrutura por meio de um modificador como "muito" ou "às vezes", por exemplo, demonstra que a leitura feita da construção, com tal modificação, é a de uma sequência mais composicional (foi (muito) para o ralo / foi muito em outro médico / foi muito ao delírio / ia muito pra o fuzilamento / vai muito na mão). Esses dados manipulados mostram que se a expressão é mais consagrada e envolve elementos locativos dos quais não costumam fazer parte das predicções básicas com *ir*, como "delírio" e "fuzilamento", por exemplo, a inserção de modificadores não vai afetar sua interpretação idiomática. No entanto, se itens recorrentes e possíveis num contexto de predicção básica/lexical com *ir* ocorrem para formar uma eventual unidade compósita, tal como "ralo", "médico" e "mão", por exemplo, a inserção de modificadores induzirá uma leitura lexical. Caso a modificação aconteça fora da estrutura candidata à lexicalizada, a interpretação será a mesma (foi para o ralo às vezes / foi em outro médico às vezes / foi ao delírio às vezes / ia pra o fuzilamento às vezes / vai na mão às vezes). Observe-se que, dentre esse exemplos analisados, "foi em outro médico" e "ia para o fuzilamento" podem ser considerados os menos lexicalizados, pois, ainda que as expressões denotem, respectivamente, "consultar-se" e "foram fuzilados", é possível visualizar os movimentos de "ir ao hospital/clínica para se consultar com um médico" e "ir a um local para ser fuzilado".

Este parâmetro utilizado demonstra que a construção avaliada ainda está num processo de lexicalização, já que, por vezes, é possível desassociar *ir* de seu

complemento por meio de modificadores. Esse fator dependerá, sobretudo, do elemento que esteja ocupando a posição de oblíquo.

#### **1.1.4 Possibilidade de substituição do sintagma preposicionado**

Para atestar uma integração mais acentuada entre *ir* e o  $S_{PREP}$ , recorreu-se a um teste que verifica a possibilidade de substituir o constituinte preposicionado por outro de valor semântico semelhante. Este procedimento avalia a hipótese de que quanto mais lexicalizada a construção, menos há possibilidade de trocar o  $S_{PREP}$  por outro, enquanto, em construções menos lexicalizadas, isso é mais possível.

(59): "**Associação católica vai ao Ministério Público** contra Porta dos Fundos. A Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família vai entregar nessa segunda-feira, 13, uma representação criminal contra o grupo Porta dos Fundos ao Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro. A entidade católica encarou o especial de Natal, publicado em 23 de dezembro de 2013, como uma ofensa as "garantias e princípios constitucionais, mormente o princípio de tolerância e respeito à diversidade". (O Povo - 13/01/2014)

(60): "Quem criou a primeira oportunidade de gol foram os visitantes, logo aos dois minutos. Após tabelar com Welbeck, Ashley Young chutou forte de dentro da área e obrigou Petr Cech a fazer grande defesa. Mas quem **foi às redes** foi o Chelsea, aos 18 minutos, quando Samuel Eto'o balançou para cima da marcação de Phil Jones e bateu colocado, contando com o desvio no marcador para abrir o placar." (gazetaesportiva.net - 19/01/2014)

(61): "Você que diz que não é homofóbico. Acha um absurdo homossexuais serem surrados, mas "entende" quando gays "extrapolam" em suas liberdades, tiram outras pessoas do sério e

"exageros" acabam acontecendo. Defende a igualdade perante a lei, mesmo que vivamos em uma sociedade com pessoas que, historicamente, tiveram mais direitos que outras e, portanto, estão em uma situação privilegiada. Acredita, acima de tudo, na proteção à família cristã, com pai e mãe, como solução para todos os males do mundo. Você pode ser dodói e, talvez, nem perceba. Pois o diabo, ele sim, não está na morte de Kaique, mas também nos detalhes que causam dor no cotidiano. Você fica no fundo da sala de aula tirando barato da colega só porque descobriu que ela é lésbica? Senta no sofá da sala e concorda com seu pai que alguma coisa precisa ser feita pois **o mundo está indo para o buraco** e a prova disso é um casal de "bichas" ter se beijado na saída do cinema? Na hora de contratar alguém no escritório, prefere o hétero inexperiente do que a travesti mais do que adequada para a função?" (vermelho.org.br - 16/01/2014)

(62): "Na manhã deste sábado, o Wolfsburg anunciou contratação do meia Kevin de Bruyne, que estava encostado no Chelsea e corria sérios riscos de virar reservas na seleção da **Bélgica que vai à Copa do Mundo**. Os valores da negociação não foram revelados pelo time alemão do brasileiro Diego e nem mesmo por Chelsea. Kevin de Bruyne fechou com o Wolfsburg até 2019." (esporteinterativo.yahoo.com - 18/01/2014)

(63): "Sharon era um criminoso e um daqueles que causaram desgraças ao povo palestino", disse o porta-voz do Hamas em Gaza, Salah al-Bardawil. Em um comunicado, o funcionário do partido islamita afirmou que "rezava a Alá para que Sharon e **todos os dirigentes sionistas que cometeram massacres** **contra os palestinos** **fossem para o inferno**". Sharon morreu aos 85 anos



após permanecer oito anos em um coma provocado por um derrame cerebral sofrido em 2006.” (notícias.yahoo.com - 11/01/2014)

Por ter pouco *status* de *lexia*, algumas sequências são passíveis de modificação do  $S_{PREP}$  por outro sintagma. Nas construções com *ir* com algum grau de congelamento sintático-semântico, o elemento responsável pelo significado lexical da expressão é o SN projetado pela preposição. Assim, a hipótese é a de que a substituição desse núcleo de sentido vá ferir o significado geral da construção. Nos casos em que a sequência estiver em nível bem fraco de lexicalização, como em "foi à Copa do Mundo" (foi ao mundial), a substituição não afeta o sentido geral.

Buscar uma substituição para o  $S_{PREP}$  é uma tentativa de encontrar uma expressão idiomática de valor semelhante. Viu-se, ao longo da tese, que existe a ocorrência de “vai a júri” e “vai a julgamento”, mas empreendendo-se a substituição no exemplo (59), percebe-se que o sentido não é o mesmo, ainda que a noção de “julgamento” pareça atuar. “Vai ao Ministério Público” soa como “pede providências para algo” e isso faz dessa expressão idiomática um caso bem particular. Em (60), “ir às redes” significa “fazer gol” e, para esta expressão, obteve-se, por meio do buscado Google, apenas um dado que correspondesse a este sentido.

(64) "Quantas vezes **foi ao gol** 1 ? No futebol uma das funções mais importantes é a de Centro-avante que tem como missão colocar a bola para o fundo das redes.” ( <http://blog.clickgratis.com.br/Futdisco/542701/Quantas+vezes+foi+ao+gol+1+%3F.html> - Acessado em 04/01/2014)

O exemplo acima revela uma expressão (foi ao gol) com o sentido de “fazer/marcador um gol”. O exemplo (61) apresenta a construção "indo para o buraco", que tem um valor semântico bem próximo de “indo para a destruição”, por exemplo. Neste caso,

percebe-se que o sentido não sofre tantas alterações, levando-se em conta o contexto de uso em que a estrutura ocorre. No que diz respeito à construção (62), encontrou-se a expressão “foi ao mundial”, no sentido de “classificou-se para a Copa do Mundo.” O exemplo (63) apresenta uma peculiaridade que contrasta com o exemplo (4), mostrado na introdução (ter ido para o céu). Ainda que os enunciados (4) e (63) exibam construções que denotem a ideia de morrer, “ir para o céu” e “ir para o inferno” decodificam juízos de valor, em relação ao morto.

### **1.1.5 Possibilidade de substituição de toda a construção por um predicador de sentido equivalente**

Este parâmetro analisa a possibilidade de substituir toda a construção por um predicador simples correspondente. Essa substituição, quando possível, nem sempre será baseada no nome projetado pela preposição (foi à luta → lutou). Na maioria dos casos, o teste para avaliar a possibilidade da permuta terá por base a troca por um predicador simples não cognato.

(65): "O percurso da pediatra ao longo dos 210 capítulos já exibidos exigiu muito da atriz. Seguindo a cartilha das mocinhas, Paloma (e Paolla, na vida real) foi aos prantos inúmeras vezes. Mas as lágrimas vingaram e as cenas mais dramáticas renderam alguns de seus melhores momentos na TV." (diariodesp.com.br - 16/11/2012)

(66): "Do nada, sem que algo de muito grave tivesse acontecido na campanha presidencial neste início do ano, o partido da presidente Dilma fez-lhe o favor de disparar um grosseiro petardo anônimo em seu Facebook, em que chama Eduardo de vendido, playboy, tolo e traidor, entre outras mimosas qualificações. O vice-presidente nacional do partido, Alberto Cantalice, que é o responsável pelo

setor de mídias sociais, limitou-se a dizer que foi uma iniciativa do pessoal que cuida do Facebook, "fruto de uma insatisfação" pelas críticas que o presidenciável do PSB tem feito ao governo da presidente Dilma. Queriam o quê? Que um candidato de oposição usasse suas redes sociais para falar das maravilhas de um governo que tem uma candidata à reeleição? Com toda razão, **Eduardo foi à forra** e classificou o texto do PT como um "ataque covarde". Feliz no papel de vítima, agora de volta às manchetes, o candidato deixou a resposta do partido para o vice-presidente nacional e líder do PSB na Câmara, Beto Albuquerque." (notícias.r7.com - 09/01/2014)

(67): "**Leandro Damião** também treinou entre os reservas, mas não **vai para o jogo**, já que não está registrado na CBF." (atribuna.com.br - 17/01/2014)

(68): "Parasitária nos protestos, **a PEC foi pro Saco!** Esquartejaram o bode no meio da sala e jogaram o bebê junto com a água do banho. A famigerada PEC 37 foi arquivada. Nos últimos dias, muitos têm combatido a fecundação de uma intentona fascista que iguala a classe política, sem claras distinções entre os atores políticos e combate os partidos, clamando por um elemento externo ao ambiente político para reorganizar as relações de poder de cima para baixo. Mas o pior de tudo é perceber que em boa medida os congressistas merecem esse limbo moral em que estão imersos durante anos." (blogdorafaelcastilho.blogspot.com.br - 26/06/2013)

(69): "O Coritiba teria 18 minutos para buscar o empate e conseguiu a reação heróica. Aos 41 minutos, Thiago Ferreira descontou em cobrança de falta. Um minuto depois, Jeferson Assis empatou. **A partida iria para os pênaltis.**" (bemparana.com.br - 14/01/2014)

(70): Conforme dados divulgados pela SES, no ano passado foram registrados 25 casos de meningite meningocócica na capital maranhense, dos quais cinco culminaram em óbitos. Em todo o Maranhão, em 2013, foram registrados 100 casos e em 31 houve mortes. Já em 2012, os dados da SES mostram que em São Luís foram registrados 43 casos da doença, dos quais 12 chegaram a óbito. Em todo o estado, naquele mesmo ano, foram registrados 183 casos da doença, dos quais **45 foram a óbito**. (cbnfoz.com.br - 17/01/2014)

A possibilidade de trocar a expressão candidata à lexia não avalia apenas o grau de fusão, mas também a capacidade que a construção *ir* [*para, em, a*] SN tem para relacionar argumentos. E nesse quesito, percebe-se que algumas construções parecem estar bem integradas, com base na atuação de *ir* sobre o  $S_{PREP}$ , mas não permitem substituições, como é o caso dos exemplo (69). Nos outros enunciados, a substituição é possível, mas com algumas restrições.

Em (65), "foi aos prantos" pode denotar "chorar com intensidade", diferentemente de "foi às lágrimas", que parece se referir a um ato de chorar menos intenso. Em (66), pode-se substituir "foi à forra" por "vingou-se", sem problemas de diferenças de nuances semânticos. "Foi para o jogo", do exemplo (67), pode alternar com "jogou". O dado (68) apresenta uma característica saliente; observa-se a ocorrência de "a PEC foi para o saco" e logo em seguida, no texto, o usuário realiza a "PEC 37 foi arquivada", o que sugere o uso de determinadas expressões nos títulos ou introduções dos textos para chamar a atenção do interlocutor. Neste caso, logo em seguida, o emissor traduz a expressão "foi para o saco". No exemplo (70), por fim, encontra-se a construção foram a óbito, que pode ser substituída, sem prejuízos semânticos, por morreram.

Ao longo dos dados ilustrados na tese, percebeu-se que nem sempre essa substituição será possível. Essa consideração é atinente ao que Esteves (2012) encontrou nos dados com dar e fazer. Ainda que a possibilidade de substituição também tenha sido baixa, a autora demonstrou que não é caráter imprescindível essa permuta para a constatação de uma estrutura lexicalizada.

## **1.2 Graus de lexicalidade**

A partir da interpretação e da manipulação dos dados dos parâmetros supracitados, as construções foram agrupadas, segundo o favorecimento ou não à lexicalização. Por exemplo, se, em alguns dados, o  $S_{PREP}$  é passível de mobilidade, esses exemplos, conseqüentemente, não favorecem a lexicalização. Por outro lado, se for possível substituir toda a estrutura por um predicador simples de valor semântico correspondente, conforme se testou com o quinto parâmetro, considera-se que há favorecimento à lexicalização. A tabela a seguir ilustra o resultado quantitativo das respostas das construções analisadas nesta pesquisa aos parâmetros abordados.

	Favorece a Lexicalização	Frequência	Não favorece a Lexicalização	Frequência	Total
<b>Parâmetro 2</b> (Possibilidade de mobilidade do S)	118	38%	193	62%	311 (100%)
<b>Parâmetro 3</b> (Possibilidade de inserção de elementos na estrutura)	136	44%	175	56%	
<b>Parâmetro 4</b> (Possibilidade de substituição do S)	143	46%	168	54%	
<b>Parâmetro 5</b> (Possibilidade de substituição de toda a estrutura por um predicador de sentido equivalente)	90	29%	221	71%	

Tabela 6: Quantitativo de construções em função do (não) favorecimento à lexicalização.

A leitura da tabela (6) deve seguir a seguinte orientação: na coluna “favorece a lexicalização”, os parâmetros 2, 3 e 4 respondem negativamente, pois o contrário revelaria uma estrutura menos composicional, e o 5 responde positivamente, já que a possibilidade de substituição demonstra a fusão sintático-semântica.

Esse levantamento apresenta um quantitativo total baixo (apenas 311 construções), já que se buscou coletar o maior número de construções diferentes com *ir*, para que essa frequência não fosse mascarada por dados repetidos. Por ser um tipo de construção bem peculiar sintaticamente e por expressar determinadas saliências no discurso - observou-se que os usuários a preferem em situações em que querem chamar a atenção do interlocutor -, a ocorrência da construção *ir* [para, em, a], com algum grau de lexicalidade, demonstra-se bem rara. Esse foi um dos motivos da busca de dados não se pautar apenas em acervos disponíveis para estudos linguísticos. A internet demonstrou-se bastante eficaz nesse sentido.

A tabela (6) mostra a atuação de cada parâmetro isoladamente. Para ter-se a noção do grau de lexicalidade dos dados desta pesquisa, é necessário checar essa atuação em conjunto. A tabela (7) abaixo informa o nível de lexicalização, conforme essa atuação em conjunto dos parâmetros.

	<b>Quantidade de construções</b>	<b>Frequência</b>	<b>Grau de lexicalização</b>
Favorecimento à lexicalização por todos os parâmetros	40	13%	Grau 6
Favorecimento à lexicalização por 4 parâmetros	46	15%	Grau 5
Favorecimento à lexicalização por 3 parâmetros	105	34%	Grau 4
Favorecimento à lexicalização por 2 parâmetros	93	30%	Grau 3
Favorecimento à lexicalização por 1 parâmetro	21	7%	Grau 2
Favorecimento à lexicalização por nenhum parâmetro	6	1%	Grau 1
<b>Total</b>	<b>311</b>	<b>100%</b>	

Tabela 7: Atuação dos parâmetros de forma conjunta.

Essa quantificação demonstra que, dentre os dados coletados, pouquíssimos (1%) são os que não são favorecidos por parâmetro algum. Isso deve-se aos critérios adotados na coleta dos dados, já que os enunciados iam sendo coletados conforme a percepção de algum grau de lexicalização. Os outros números da tabela evidenciam que a construção analisada ainda não cumpriu toda a trajetória de lexicalização. A quantidade de dados que ainda estão no meio do caminho desse processo dá indícios disso. A frequência de dados com graus 3 e 4 é bem superior à dos níveis, o que corrobora o processo de lexicalização em andamento.

A análise dos dados sob a orientação de cada parâmetro não esclarece ainda todos os aspectos que envolvem o fenômeno em pauta. É necessário que se comente a hierarquia dos parâmetros, de modo que possibilite elencar quais parâmetros são mais pertinentes para a lexicalização. A partir da tabela (4), é possível verificar que os parâmetros 3 e 4 são os mais relevantes para o julgamento do que favorece mais a lexicalização. O esquema abaixo ilustra essa hierarquização dos parâmetros.



Figura 3: Hierarquia dos parâmetros de lexicalização.

Para que se tenha uma noção mais abrangente dos parâmetros que mais influenciam a lexicalização das construções com *ir* é necessário que se veja a co-ocorrência dos fatores. Ainda que seja uma construção com baixos índices de congelamento sintático e semântico, ao contrário de verbos que, mais consagradamente, ocupam a posição de verbo-suporte, como verificou Esteves (2012), a relação entre as propriedades analisadas nesta seção mostram indícios de fusão entre *ir* e os componentes da construção.

### 3. Síntese

Neste capítulo, descreveram-se os dados, segundo orientações acerca dos processos de expansão semântica e de lexicalização. Com base em Zuluaga (1975) e Esteves (2012), desenvolveram-se alguns parâmetros para medir o grau de



abstratização e o nível de coalescência entre os elementos envolvidos nas construções com ir.

Buscaram-se evidências para que não se enquadrasse o fenômeno descrito num quadro de gramaticalização, já que não se conseguiu demonstrar que ir percorre um caminho do léxico para a gramática; isto é, não se comprovou que houve decategorização (HOPPER, 1991). Verificou-se que esse item é afetado por dois processos semânticos, comuns em estágios iniciais de gramaticalização: a metaforização e a metonimização. Nesse sentido, defende-se a tese de que ir, nas construções analisadas nesta pesquisa, está em fase bem inicial de mudança.

A atuação dos parâmetros para medir a lexicalidade da construção permitiu definir que não há evidências de uma lexicalização forte. Os dados tabela (6) mostram que os percentuais do não favorecimento à lexicalização são maiores do que os números para favorecimento.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A pesquisa promoveu a análise e descrição de estruturas formadas por *ir* seguido de seu complemento que, em determinadas situações comunicativas, revelam algum grau de lexicalidade. Ainda que o viés percorrido tenha sido o construcional, partiu-se da hipótese de que esse item verbal, na condição de afetado pelos processos de metaforização e metonimização, em predicções básicas do tipo sujeito + verbo + complemento, participa de uma construção gramatical, tal como concebe Goldberg (1995).

Com base numa concepção teórica de que construções linguísticas são atualizações de instâncias de uso, a pesquisa filia-se a uma corrente teórica baseada na interface entre Funcionalismo e Cognitivismo, consagrada pelo rótulo Linguística Centrada no Uso (LCU). Assim, discutiu-se a relevância dessa interface para os estudos linguísticos para que, mais à frente, essa perspectiva pudesse ser

aplicada aos dados da tese. Ainda a respeito da configuração do quadro teórico, descreveram-se (i) a categorização de eventos apresentada por Dik (1997); e(iii) aspectos de lexicalização e gramaticalização, na perspectiva de Brinton & Traugott (2005).

A investigação das características morfossintáticas, semânticas e pragmáticas da construção revelou os seguintes aspectos:

- Dois padrões construcionais foram detectados: um padrão mais básico - construção de movimento intransitivo - e outro derivado deste - construção de movimento causado, a partir do qual é possível conceber noções de resultatividade;
- construções de movimento intransitivo caracterizam-se por apresentar um sujeito responsável pelo evento decodificado na predicação [+ controle]; esses predicados caracterizam-se, também, por serem [+ dinâmicos];
- os eventos que são sinalizados nas construções ora apresentam um verbo ir com valor mais referencial concreto, ora um valor mais de processo, por meio do qual se interpreta um movimento no tempo;
- sobre os aspectos pragmáticos, as construções de movimento intransitivo expressam determinada recorrência, que é captada em função do contexto de uso. Assim, verificou-se nas construções que, conforme a orientação de Bybee (2010), a recorrência ou expressão de um evento recorrente que denote ritualização, é uma propriedade que define as construções gramaticais e, além disso, fornece indícios para uma possível gramaticalização;
- no que diz respeito às construções de movimento causado, observou-se que sua principal característica é o fato de o sujeito não ter controle sobre o evento

da predicação. Esse agente pode ser recuperável ou inferível e apontar para uma entidade animada ou pode não ser inferível e nem apontar para qualquer entidade animada.

Dedicou-se uma seção para analisar o comportamento semântico e pragmático do elemento que ocupa a posição de locativo dentro da construção. Com tal análise, averiguou-se que, em determinadas situações, o locativo é diretamente motivado, quando aponta diretamente para um espaço físico (foi pra cadeia), parcialmente motivado, quando, por meio de estratégias de inferência, se presume o lugar (foi pro jogo) e não motivado, quando, nem por estratégias especiais, se consegue estabelecer conexões com um espaço concreto.

O segundo momento das análises deu conta das construções que apresentavam ir com algum grau de extensão semântica, pois a intenção foi a de verificar a atuação dos processos de metaforização, metonimização e lexicalização.

Essa abordagem possibilitou a percepção de que, para formar uma expressão idiomática, *ir* passa por uma série de processos comuns a itens afetados pela gramaticalização. Isso permite afirmar que esse verbo, por influência do entorno construcional e das instâncias de uso em que ocorre, passa por estágios iniciais do processo de gramaticalização, a favor de uma fusão entre os constituintes da construção da qual participa.

Na seção seguinte, avaliaram-se os níveis de integração entre os elementos da construção. Testaram-se cinco parâmetros que, em maior ou menor grau, atuam sobre o congelamento sintático-semântico da estrutura: (i) dessemantização e extensão semântica, (ii) possibilidade de mobilidade do  $S_{PREP}$ , (iii) possibilidade de inserção de elementos na estrutura, (iv) possibilidade de substituição do  $S_{PREP}$ , (v)

possibilidade de substituição de toda a estrutura por um predicador simples equivalente.

O primeiro parâmetro foi analisado, mas em termos de frequência não foi considerado, já que a coleta de dados foi baseada na hipótese de haver algum grau de extensão semântica. A interpretação dos dados, segundo esse fator revelou que o caminho percorrido por *ir* até se fixar como um item mais abstrato, que participa de uma estrutura lexicalizada, tem uma característica fundamental: mantém o traço [+ movimento], mesmo que tal propriedade seja apenas detectada por meio de uma interpretação de processo; ou seja, um evento [+ dinâmico], em que se percebem mudanças do sujeito afetado, em função, sobretudo, do tempo.

De acordo com o segundo parâmetro, percebeu-se que o *ir* e seu complemento têm um grau de junção fraco, já que a manipulação dos dados demonstrou que não houve interferência de sentido. Com a análise desse parâmetro, atestou-se, também, que se o elemento nominal que ocupa a posição de complemento interno de *ir* tiver características concretas, a mudança de posição pode forçar uma leitura não composicional da construção.

A descrição dos dados segundo o quarto parâmetro, que avaliava a possibilidade de inserção de modificadores na unidade compósita, revelou que a inserção de elementos como "muito" e "pouco", por exemplo, levam a estrutura a comportar-se como composicional. Isso demonstrou que, por esse parâmetro, a estrutura mantinha um grau significativo de lexicalidade.

Efetuando-se a substituição do  $S_{PREP}$  por outro, percebe-se que alguns significados aproximados foram obtidos, no entanto, por se tratarem de expressões idiomáticas, existem determinados valores simbólicos que só determinada

expressão consegue veicular. Assim, os dados revelaram que essa substituição gera alterações desses valores.

Embora não seja um requisito obrigatório, a algumas expressões idiomáticas, é possível atribuir uma tradução, o que se reflete, no caso das construções com *ir*, na possibilidade de substituir toda a construção por um predicador simples de sentido equivalente.

Na etapa seguinte das análises, desenvolveu-se um trabalho quantitativo, de maneira que se pudesse visualizar o comportamento das construções em relação aos testes com os parâmetros. Verificou-se, em termos estatísticos, que o parâmetro 4 (possibilidade de substituição do  $S_{PREP}$ ) é o que mais favorece a lexicalização e que o parâmetro 5 (possibilidade de substituição de toda a estrutura por um predicador de sentido equivalente) é o que menos favorece.

A análise das construções com *ir* mostrou uma série de problematizações ainda não abordadas em estudos a que se teve acesso. A ideia proposta por Bybee (2010) de que construções frequentes que exponham a noção de ritualidade serviu como “mola propulsora” para o desenvolvimento desta pesquisa. De início, percebeu-se que diversas estruturas encabeçadas por *ir* apresentavam essa tal “ritualização” comentada pela autora e, depois, foi-se prebendo que essa “recorrência” detectada nos dados podia levar as estruturas aos efeitos da metaforização, da metonimização e da lexicalização. Desse modo, demonstrou-se que expressões, como a destacada a seguir, revelam a emergência não somente de uma construção gramatical, como também de uma estrutura com fortes indícios de lexicalização.

(71): "Gislaine Pedroso, de 18 anos, começou a treinar recentemente e diz que o principal motivo de frequentar a academia

é a perda de peso. "A gente abusa no fim do ano e agora corre atrás". Ela **vai à academia** de segunda a sexta-feira e acredita que os exercícios, além de ajudar na qualidade de vida, dão mais disposição para o dia a dia." (cruzeirosul.inf.br - 07/01/2014)

Este trabalho não se esgota por aqui, considerando-se as variedades de estudo que podem tornar esta pesquisa mais completa. Assim consideram-se os seguintes tópicos como complementares e relevantes para a presente pesquisa.

- Um estudo em que se analise o julgamento dos falantes em relação aos testes empreendidos para a determinação de uma estrutura lexicalizada.
- Descrição de outras variedades do português e de outros sistemas linguísticos.

Com isso, espera-se que a possibilidade de *ir* formar com seu complemento uma espécie de unidade compósita ainda possa render muitos estudos, seja por um viés mais cognitivista, seja numa perspectiva histórica, que possibilite perceber sincronias determinantes para a formação da construção em questão.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ABRAÇADO, Jussara. O princípio da adjacência e o grau de integração entre verbo e objeto. D.E.L.T.A., v. 17, 2: 323-336, 2001.
- ASSIS, Kate Lúcia Portela de. **Dar/ Fazer/ Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes.** Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BARCELONA, Antonio. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, A. **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective.** Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 1-28.
- BARLOW, M., KEMMER, S. (Org.). **Usage based models of language.** Stanford, California: CSLI Publications, 2000.



BATORÉO, Hanna Jakubowicz. **Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição.** Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

BORBA, Fransisco da S. Uma gramática de valências para o português. São Paulo: Ática, 1996.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. **A gramaticalização do verbo *ir* e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Espírito Santo, 2008

BRINTON, Laurel J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Lexicalization and language change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, Joan L.; PAGLIUCA, William, & Perkins, Revere D. Back to the future. In **Approaches to grammaticalization**, edited by Elizabeth Closs Traugott & Bernd Heine, ii.17-58. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

BYBEE, Joan. "Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency". In: Joseph, Brian & Janda, Richard(eds). **A handbook of historical linguistics.** Blackweel, 2003.

\_\_\_\_\_. **Language, Usage and Cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMPBELL, L.; JANDA, R. **Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems.** Language Sciences 23:93-112, 2001.

CARBALLO, Maria Auxiliadora C. El concepto de unidad fraseológica. **Revista de Lexicografia**, IV: 67-79. 1998.

CASTILHO, Ataliba de. A gramaticalização. **Estudos lingüísticos e literários**, 19: 25-64. Salvador: Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da UFBA, 1997.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a teoria da gramaticalização: Contribuição ao debate sobre a teoria da gramaticalização no contexto do PHPB” In: **Das brasilianische Portugiesisch: Perspektiven der geogenwärtigen Forschung**. Kolloquim in Münster vom, 2003.

\_\_\_\_\_. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CEZARIO, Maria Maura. & CUNHA, Maria Angélica Furtado da. (orgs.) **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2013.

CORPAS PASTOR, Glória. **Manual de fraseologia espanhola**. Madri, Gredos, 1997.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

\_\_\_\_\_. **The minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

COELHO, Sueli Maria. **Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens *ter, haver, ser, estar e ir* na língua portuguesa**. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CROFT, William. Event structure in argument linking. In: Butt, Miriam / Geuder, Wilhelm (eds.), 21-63, 1998.

CUNHA, Celso F. da. & CINTRA, Luís F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MARK DAVIES, MARK & FERREIRA, Michael J. **Corpus do Português**. GEORGETOWN UNIVERSITY.

DIK, Simon. **Theory of Functional Grammar**. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mounon de Gruyter. 2 v. 1997.

ESTEVEES, Giselle Aparecida Toledo. **Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples.** Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: fiz sacrifício, dei conta.** Tese de Doutorado - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário de verbos e regimes.** 4./42. Ed. São Paulo: Globo, 1969/1998 [1940]

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. J.. **Inocence: a second idealization for linguistics.** Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society, 1979.

GIBBON, Adriana de O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar.** Nova York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure.** Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions at work. The nature of generalization in language.** Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele & R. JACKENDOFF. **The English Resultative as a Family of Constructions,** unpublished ms. University of Illinois at Urbana-Champaign. (artigo online), 2004.

- GONÇALVES, Sebastião Carlos L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no Português do Brasil**. Tese de Doutorado – IEL, UNICAMP, Campinas, 2003.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos L. et alii. **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. Grammaticalization. **A Conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, Bernd. **Auxiliaries: cognitive forces and gramaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. e JANDA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C. e HEINE, B (eds.) **Approaches to grammaticalization**, v: I. Philadelphia, John Benjamins Company, (p. 16-35), 1991.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs Traugott. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOUAISS, Antônio. & VILLAR, Mauro de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JOHNEN, Thomas. Da integração semântica de *ir* + infinitivo no sistema de verbos modais numa perspectiva de descrição semântica no âmbito de uma teoria de ação. Disponível em: [http://www.geocities.com/ail\\_br/ail.html](http://www.geocities.com/ail_br/ail.html). Acesso em: 24 abr. 2007, 1999.

- LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**, Vol. I, Theoretical Prerequisites, Stanford, California, Stanford University Press, 1987.
- LEHMANN, Christian. **New reflections on grammaticalization and lexicalization**. Disponível em: [http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL\\_Publ/New\\_reflections.pdf](http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/New_reflections.pdf). 2002, Acesso em: 12 jun. 2008.
- LEHMANN, Christian. **Thoughts on Grammaticalization**. München, Newcastle: Lincon Europa, 1995.
- LICHTENBERK, Frantisek. **Semantic change and heterosemy in grammaticalization**. In: *Language*. Volume 67, Number 3, 1991.
- LIMA, Alcides Fernandes de. **Desgramaticalização de {-inho}**. In: **Signum: Est. Linguísticos**. Londrina, v.12, n.2, p. 205-224, 2009.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade**. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro et alii. **Análises Lingüísticas**. Petrópolis: Vozes, 1975
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. **Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. **Gramática da língua portuguesa**. 5a ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria M. (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: CUNHA, Maria Angêlica Furtado da.; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; & MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].
- MENON, Odete Pereira da Silva. *Homem*: um caso de desgramaticalização? In: **Caligrama**. Belo Horizonte, v.16, n. 2, p. 7-32, 2011.
- MOURA NEVES, Maria Helena. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**, 13: p. 97-117, 1984.
- NOËL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. **Functions of Language**. 14, 2; 177-202. 2007.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de.; SILVA, A. F. A gramaticalização da construção "VTD + SE" no português do Brasil. **Estudos linguísticos**, v. 4, p. 115-132. 2010.
- OLIVEIRA, Vinicius Maciel de. **Caracterização da polifuncionalidade, morfossintática, semântica e discursiva do verbo *ir***. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

- ORTIZ ÁLVARES, Maria Luisa. **Expressões Idiomáticas do Português do Brasil e do Espanhol de Cuba: Estudo Contrastivo e Implicações para o Ensino do Português como Língua Estrangeira**. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, 2000.
- PALOMANES RIBEIRO, Roza Maria. **Construções Gramaticais: Uma Análise das Resultativas do Português com o Verbo Ficar**. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- PERES, João Andrade & MÓIA, Telmo. **Áreas críticas da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo, Ática, 1995.
- PUSTEJOVSKY, James. **The generative lexicon**. Londres, Massachusetts, Cambridge: The MIT Press, 1995.
- RANCHHOD, Elizabeth M. **Sintaxe dos predicados nominais com estar**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Série Lingüística, 12. 1990.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 2006.
- RODRIGUES, Angélica T. C. **Eu fui e fiz esta tese: Construções do tipo foi fez no Português do Brasil**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.
- SALOMÃO, Maria Margarida M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. In: **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, vol.1, n.1, p. 23-39, 1997.
- SANTOS, Ana Claudia Machado. Gramaticalização da construção sintagma verbal + locativo: o caso da unidade pré-fabricada 'vamos lá'. In: **Cadernos do CNLF**,

- Vol . XI I I, No 04. Anais do XIII CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p. 644-656.
- SHIBATANI, M. **Syntax and semantics: the grammar of causative constructions**. New York: Academic Press, 1975. v. 6.
- TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: Estratificação / variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Tese de Doutorado – CCE, UFSC, Florianópolis, 2003.
- TAYLOR, John R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2. ed. Oxford: Calderon Press, 1995.
- TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TORRENT, Tiago T. **A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo: Uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- TRAUGOTT, Elizabeth. Constructions in grammaticalization In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell. 2003.
- \_\_\_\_\_. Lexicalization and grammaticalization, Subjectification, intersubjectification, and grammaticalization, *Studies in Historical Linguistics* 2: 241-271. Chinese Academy of Social Sciences. Translated into Chinese by Chaofen Sun, 2009.
- TRAUGOTT, Elizabeth & DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.



- TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE. Graeme. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Gramaticalização de verbos**. Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística. – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- \_\_\_\_\_. Verbos gramaticais - Verbos em processo de gramaticalização In: FIGUEIREDO, Célia Assunção; MARTINS, Evandro Silva; TRAVAGLIA, Luiz Carlos & MORAES FILHO, Waldenor Barros (orgs.). **Língua(gem): Reflexões e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU. (Lingüística IN FOCUS, 1), p. 97-157, 2003.
- VALE, Oto Araújo. Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. **Signótica**, Goiânia, v. 11, p. 163-172, 1999.
- VALLE, Carla Regina Martins. **Sabe?, não tem?, entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – CCE, UFSC, Florianópolis, 2001.
- VIEIRA, Maria José Blaskovski. Variação das preposições em verbos de movimento. In: **Signum**. Est. Ling, Londrina, v. 12, n. 1, p. 423-445, 2009
- VILELA, Mário. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.
- XATARA, Claudia Maria. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. **Trab. Ling. Apli.** (Unicamp), Campinas, v. 42, p. 169-176, 2001.
- ZULUAGA, Alberto. La fijación fraseológica. **Thesaurus** (Boletín del Instituto Caro y Cuervo) , XXX (2): 225-248. Colombia, Bogotá, 1975.